



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

JOÃO PAULO ROSSINI TEIXEIRA COELHO

**POR UMA OUTRA “INTEGRAÇÃO LOCAL” DE REFUGIADOS:** comunicação intercultural, o papel do vínculo intersubjetivo e da *philia* na experiência migratória – o caso do *Abraço Cultural*.

Rio de Janeiro/RJ

2018

João Paulo Rossini Teixeira Coelho

POR UMA OUTRA “INTEGRAÇÃO LOCAL” DE REFUGIADOS: comunicação intercultural, o papel do vínculo intersubjetivo e da *philia* na experiência migratória – o caso do *Abraço Cultural*.

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro/RJ

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

R672u Rossini Teixeira Coelho, João Paulo  
Por uma outra "integração local" de refugiados:  
comunicação intercultural, o papel do vínculo  
intersubjetivo e da philia na experiência migratória  
- o caso do Abraço Cultural / João Paulo Rossini  
Teixeira Coelho. -- Rio de Janeiro, 2018.  
114 f.

Orientador: Mohammed ElHajji.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da  
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:  
Publicidade e Propaganda, 2018.

1. Comunicação intercultural. 2. Integração local.  
3. Refugiados. 4. Philia. I. ElHajji, Mohammed,  
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

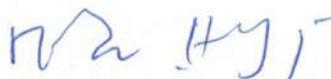
**POR UMA OUTRA "INTEGRAÇÃO LOCAL" DE REFUGIADOS:**

comunicação intercultural, o papel do vínculo intersubjetivo e da *philia* na experiência migratória – o caso do *Abraço Cultural*.

João Paulo Rossini Teixeira Coelho

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por



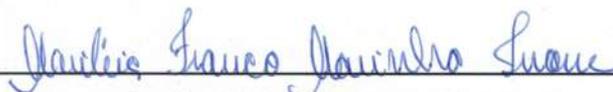
---

Prof. Dr. Mohammed ElHajji - orientador



---

Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral



---

Prof. Dr. Marileia Franco Marinho Inoue

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/RJ

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, que nunca me negaram nenhum livro e me estimularam, desde sempre, a experimentar o mundo.

Ao meu orientador, Mohammed ElHajji, que me acolheu e teve a generosidade de compartilhar seu conhecimento comigo. A Otávio Cezarini, por sua orientação efetiva e acompanhamento da pesquisa.

Ao grupo Diaspotics, por nossos debates coletivos e pelo aprendizado em equipe.

Ao Abraço Cultural, por ter aberto suas portas para mim.

E, é claro, aos entrevistados, que cederam seu tempo e falaram sobre suas vivências, expectativas e sonhos.

*Milers de vides,  
de centres de gravetat.  
Milions de rastres,  
infinit plans de futur.*

(Pau Vallvé)

COELHO, João Paulo Rossini Teixeira. **Por uma outra “integração local” de refugiados**: comunicação intercultural, o papel do vínculo intersubjetivo e da *philia* na experiência migratória – o caso do *Abrço Cultural*. Orientador: Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 114 f.

## RESUMO

O estudo da experiência migratória de refugiados enquanto “integração local” é a perspectiva hegemônica de descrição do fenômeno, adotada no Brasil e em diversos países do mundo como principal fundamentação de políticas públicas para esses indivíduos nas sociedades de acolhimento. Após breve contextualização da migração e do refúgio no atual contexto brasileiro, realizamos uma revisão da literatura científica sobre a integração de refugiados no Brasil, apontando a falta de precisão com a qual o termo “integração” costuma ser utilizado pela maior parte dos pesquisadores. Tendo estabelecido esse terreno, analisamos a crise dos modelos integrativos, propostos inicialmente na Europa do final do século XIX, em contextos sociais e culturais muito diversos dos existentes no mundo contemporâneo. Finalmente, exploramos o processo de comunicação intercultural realizado por professores da escola de idiomas *Abrço Cultural*, pessoas em situação de refúgio, com a sociedade brasileira. Utilizando como referenciais teóricos o modelo de comunicação enquanto estabelecimento de *philia* (SODRÉ, 2014) e a teoria migratória transnacional (LUSSI, 2015), propomos a importância central de considerar o fator subjetivo na experiência migratória. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco dos professores do *Abrço Cultural Rio de Janeiro*, nas quais analisamos seu discurso enquanto sujeitos envolvidos diretamente no processo de refúgio e em negociação intersubjetiva de entrada na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Comunicação intercultural; integração local; refugiados; *philia*

COELHO, João Paulo Rossini Teixeira. **Towards another refugee “local integration”**: The intercultural communication, the role of the intersubjective linking and the *philia* in the migratory experience – a case study research of *Abraço Cultural*. Under the direction of Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro, 2018. Final paper (Degree in Advertisement) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 114 s.

## **ABSTRACT**

Studying the refugee migratory experience as “local integration” is the hegemonic way of describing the phenomenon such as the perspective adopted in Brazil and in several countries, underpinning public policies related to these individuals within the host societies. After contextualizing the migration and the refuge in Brazil nowadays, we review the specialized literature regarding the Brazilian refugee integration studies to indicate the lack of precision in which “integration” concept is used by most of the researchers. Then we analyse the late nineteenth century european integrative models crisis and their theoretical insufficiency to conceive social and cultural realities from the contemporary societies. Subsequently we explore the intercultural communication process performed by the Brazilian society and the teachers from *Abraço Cultural*, a language school which employs refugees. Following a communication model based on the *philia* (SODRÉ, 2014) and the transnational migration theory (GLICK-SCHILLER, 1992) we suggest the key importance of the subjective factor in the migratory experience. Five teachers from *Abraço Cultural Rio de Janeiro* answered semi-structured interviews and had their speech as refugee situation subjects and people who are constructing cultural negotiations in the Brazilian society analysed.

**Keywords:** intercultural communication; local integration; refugees; philia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO: MIGRAÇÕES, REFÚGIO E INTEGRAÇÃO NO BRASIL.....</b>	<b>13</b>
1.1 Migrações e refúgio na contemporaneidade .....	13
1.1.1 Dados gerais.....	13
1.1.2 Os fluxos simbólicos, a mídia e a imagem do migrante .....	14
1.1.3 As diferenças entre migração, refúgio e asilo.....	15
1.1.4 Um breve histórico da migração para o Brasil.....	16
1.1.5 O perfil do refugiado hoje no Brasil .....	19
1.2 Integração: caminho de compreensão da experiência migratória?.....	20
1.2.1 Breve contextualização.....	20
1.2.2 Soluções duráveis para refugiados propostas pelo ACNUR.....	22
1.2.3 Revisão da literatura sobre integração local no Brasil.....	23
1.2.4 Integração enquanto termo hegemônico .....	26
1.3 O <i>Abraço Cultural</i> .....	27
1.3.1 Simbologia e marca do Abraço.....	29
1.3.2 Por que o Abraço Cultural? .....	30
<b>CAPÍTULO II - A COMUNICAÇÃO INTERSUBJETIVA DO ESTRANGEIRO NA SOCIEDADE RECEPTORA.....</b>	<b>32</b>
2.1 Principais modelos de recepção de migrantes.....	32
2.1.1 Modelo assimilacionista.....	32
2.1.2 Modelo multicultural.....	33
2.2 Repensando a “integração” .....	34
2.2.1 Conceitos correlatos .....	34
2.2.2 A crise dos modelos integrativos .....	36
2.3 A importância do fator subjetivo na experiência migratória.....	39
2.3.1 <i>Eros, philia</i> e a intersubjetividade .....	39
2.3.2 Uma comunicação do Comum.....	40
2.3.3 O intercultural como prática para a convivência.....	42
<b>Capítulo III – BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DO TRABALHO DE CAMPO .....</b>	<b>45</b>
3.1 Teorias migratórias, seus principais objetivos e abordagens.....	45
3.1.1 Teorias das causas.....	46
3.1.2 Teorias dos efeitos .....	47
3.1.3 Teoria transnacional .....	48

3.2 Instrumento de coleta de dados .....	50
3.3 Amostragem .....	51
3.4 Critérios metodológicos para a análise dos dados.....	53
<b>Capítulo IV – TRABALHO DE CAMPO NO ABRAÇO CULTURAL .....</b>	<b>58</b>
4.1 Primeiros contatos.....	58
4.2 O dia a dia como aluno.....	60
4.3 Entrevistas com os professores .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>94</b>
Apêndice A - Transcrição de entrevistas com professores do Abraço Cultural .....	95

## Introdução

Pesquisar é como percorrer um corredor com muitos obstáculos, portas e janelas no caminho. E, como parte inerente a essa jornada, a pesquisa demanda do pesquisador um trabalho frequente de alterações e redefinições de questões. Até onde ir? Quais portas abrir? Como fazer para passar pelos obstáculos dessa trajetória? Neste trabalho não foi diferente.

Partindo do interesse em estudar a alteridade, representada de forma emblemática pela figura do estrangeiro, o objetivo inicial desta monografia era o de tentar entender como a literatura especializada investiga o processo comunicativo intercultural de sujeitos em situação de refúgio, no contexto das sociedades de acolhimento. No entanto, o problema é mais complexo do que parecia inicialmente.

A perspectiva hegemônica de estudo dos refugiados em sociedades receptoras, “integração local”, promovida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), revelou-se pouco exata e insuficiente para fundamentar teoricamente a questão. Esse paradigma, surgido do conceito de integração proposto pela sociologia europeia do século XIX e dos estudos da Escola de Chicago, encontra cada vez menos fundamento nas sociedades das últimas décadas.

As tentativas de compreender o fenômeno migratório nas sociedades contemporâneas precisam envolver a influência de uma série de fatores, entre eles: o transnacionalismo e os pluri-pertencimentos interculturais dos migrantes, que tendem a não se restringir ao espaço de apenas um Estado-nação ou grupo social; a ação das tecnologias de informação e comunicação num mundo de interatividade, globalidade e simultaneidade; entender a migração enquanto um processo que não pode ter etapas e fórmulas impostas verticalmente de instituições a sujeitos.

Como investigar, então, à luz da teoria da comunicação, o processo de comunicação e entrada de refugiados na sociedade de acolhimento? E, mais especificamente, como pensá-lo na sociedade brasileira? Para responder a esse problema de pesquisa, realizei um estudo etnográfico na escola de idiomas *Abraço Cultural*, na qual os professores são pessoas em situação de refúgio.

Ocorrido de abril, primeiro contato direto com o *Abraço*, a outubro de 2018, o estudo se deu a partir de uma metodologia que consistiu em quatro passos.

Observação, fase de delimitar as questões da pesquisa e de recolher informações sobre o *Abraço Cultural*; aproximação, período de conhecer pessoas envolvidas com a organização e de realizar minha matrícula no curso de francês da instituição; conversação, momento de escolher e entrevistar professores refugiados; análise, avaliação crítica das informações coletadas no campo.

A perspectiva assumida na qualidade de pesquisador foi a de “participante-como-observador” (ANGROSINO, 2009), alguém que não tem o papel de observador separado do participante no ambiente estudado. Foram realizadas cinco entrevistas com professores do *Abraço Cultural*, buscando analisar principalmente seus discursos enquanto sujeitos refugiados, os significados de “integração” para eles, seus laços afetivos com o Brasil e seus planos pessoais para um futuro próximo no país, caso desejem aqui permanecer.

Nossos principais referenciais teóricos são a teoria migratória transnacional, que entende as migrações humanas enquanto um processo constantemente elaborado pelo sujeito (LUSSI, 2015; GLICK-SCHILLER, 1992), assim como comunicação como vinculação intersubjetiva e estabelecimento de um comum social (SODRÉ, 2014).

No **Capítulo I**, realizamos uma breve contextualização das migrações e do refúgio, no Brasil e no mundo. Estabelecemos as diferenças entre migração, refúgio e asilo, apresentamos as soluções duráveis para refugiados propostas pelo ACNUR, fazemos uma revisão da literatura de artigos sobre a “integração” de refugiados no Brasil e explicamos os motivos pelos quais escolhemos tratar do tema desta pesquisa pela perspectiva integrativa, hegemônica. Apresentamos, então, nosso local de estudo, a escola de idiomas *Abraço Cultural*.

O **Capítulo II** trata sobre a comunicação intersubjetiva do estrangeiro na sociedade receptora. Primeiro são apresentados os dois principais modelos de recepção de migrantes, o assimilacionista e o multicultural, respectivamente da tradição francesa e da anglo-saxã. Em seguida, definimos conceitos correlatos à “integração” encontrados na revisão da literatura realizada no capítulo anterior, para então debater a crise dos modelos integrativos.

Apontamos, na sequência, a importância do fator subjetivo na experiência migratória, comparando *eros* e *philia* com relação à forma de intersubjetividade inerente a cada um dos tipos de amor. Identificamos o modelo de comunicação enquanto vinculação intersubjetiva e estabelecimento de *philia* para relacioná-lo à

interculturalidade enquanto modelo de sociedade conciliador da convivência entre pessoas de diferentes origens culturais.

Destinamos o **Capítulo III** a uma breve revisão dos paradigmas das principais teorias migratórias, apresentando a teoria transnacional, nosso referencial teórico. A partir disso, expomos a metodologia do trabalho de campo, o instrumento de coleta de dados, a amostragem e os critérios metodológicos para analisar as informações coletadas. O **Capítulo IV** tem foco no trabalho de campo. Nele narramos os primeiros contatos com o *Abraço Cultural*, o dia a dia como aluno e analisamos as informações coletadas nas entrevistas com os professores refugiados.

## Capítulo I - Contextualização: migrações, refúgio e integração no Brasil

Na primeira seção deste capítulo apresentamos dados sobre migrações a nível mundial e diferenciamos as designações migrante, refugiado e asilado político. Em seguida, delineamos brevemente um histórico da migração para o Brasil e o perfil do refugiado no país hoje.

Na segunda seção discorreremos sobre a “integração”, termo hegemônico para o entendimento da experiência migratória, além de apresentar os motivos pelos quais o escolhemos, nossa revisão da literatura sobre o conceito e seus usos ao falar sobre refugiados no Brasil.

Finalmente, na terceira seção, apresentamos o *Abraço Cultural*, escola de idiomas que escolhemos para ser o local de estudo deste trabalho e que conta exclusivamente com indivíduos em situação de refúgio como professores de seus cursos.

### 1.1 Migrações e refúgio na contemporaneidade

#### 1.1.1 Dados gerais

A migração é parte da constituição humana enquanto espécie, e sua prática remete a tempos imemoriais. Hoje, o mundo observa um crescimento exponencial de migrantes forçados, causado principalmente por crises econômicas, conflitos sociais e políticos, conflitos armados e desastres naturais (GALINA et al., 2017).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (2017), o número de migrantes internacionais no planeta atingiu recorde histórico, alcançando a marca de 258 milhões no ano de 2017, depois de ter chegado a 220 milhões em 2010 e a 173 milhões em 2000. Os países com maior número de pessoas vivendo em outras nações em 2017 foram Índia (16.6 milhões), México (13 milhões), Rússia (10,6 milhões) e China (10 milhões). Já os países que mais receberam migrantes internacionais, foram: Estados Unidos (49 milhões), Arábia Saudita (12,2 milhões), Alemanha (12,2 milhões) e Rússia (11.7 milhões).

A quantidade de deslocados por guerras e conflitos em 2017 totalizava 68,5 milhões de pessoas, com 25,4 milhões de refugiados entre elas (ACNUR, 2018). Os países que mais têm refugiados - se considerarmos nas estatísticas também os

refugiados palestinos - em relação à sua população são Jordânia (1 a cada 3 habitantes), Líbano (1 a cada 4 habitantes) e Turquia (1 a cada 23 habitantes).

Apenas cinco países originam mais de 68% dos refugiados do mundo (ACNUR 2018): Síria, com 6,3 milhões de refugiados espalhados pelo mundo e em guerra civil desde 2011; Afeganistão, com 2,6 milhões e em conflito com os Estados Unidos, que alegam combater o terrorismo no país, desde 2001; Sudão do Sul, país que declarou sua independência do Sudão em 2011 e está em guerra civil desde 2013, com 2,4 milhões; Myanmar com a repressão militar contra a minoria muçulmana rohingya, somando 1,2 milhão de refugiados; além da Somália, com 980 mil refugiados e uma guerra civil cujo início remete à década de 1990.

Se fosse feita uma média diária de quantas pessoas foram deslocadas internacionalmente por conta de conflitos e de guerras, só no ano de 2017, de acordo com os dados do ACNUR (2018), o número seria de 12 mil indivíduos que buscaram proteção no exterior, todos os dias.

### ***1.1.2 Os fluxos simbólicos, a mídia e a imagem do migrante***

O mundo contemporâneo é definido pela circulação. Por um lado, o desenvolvimento extraordinário das comunicações de massa, propagadoras de imagens que transitam rapidamente por todo o planeta e, por outro, as migrações. O alcance das mídias tornou possível novos e imprevisíveis desdobramentos da imaginação coletiva, alterando por exemplo as formas de configuração das construções identitárias, num jogo que vai além da antiga dinâmica local de oposição marcada entre interior e exterior, entre si mesmo e o outro (APPADURAI, 2015).

Segundo o modelo dos fluxos culturais globais (APPADURAI, 1990), a velocidade, a escala e o volume de tais deslocamentos faz com que pessoas, imagens e ideias sigam caminhos cada vez menos isomórficos. Os fluxos são, segundo Appadurai, um fenômeno central para as políticas de cultura, a nível global.

A mídia, por vezes, corrobora para a redução da complexidade de interpretações possíveis sobre a realidade de migrantes e refugiados. Especialistas e jornalistas tendem a se utilizar de uma linguagem essencialista estereotípica, de isolamento dos “traços culturais”, que geralmente são identificados a partir de um “primordialismo”, uma ideia de representações identitárias ligadas a fundamentos primitivos e intangíveis (APPADURAI, 2015).

De acordo com Esses, Medianu e Lawson (2013), os veículos midiáticos têm um papel importante na construção dos discursos e das políticas públicas com relação aos refugiados e aos migrantes. Estudos sobre a mídia local realizados nos Estados Unidos, na Noruega e no Canadá nos últimos 15 anos mostraram que a descrição feita sobre os migrantes tomavam proporções negativas, focando principalmente na incerteza e na ideia de que estrangeiros poderiam ser ameaças tanto físicas quanto ao bem-estar social das populações receptoras (ESSES; MEDIANU; LAWSON, 2013, p. 520-522).

Nos discursos políticos e midiáticos há pouco rigor no emprego das palavras quando vai se falar sobre a temática das migrações internacionais. A clara compreensão dos fenômenos migratórios é perturbada pelo emprego de “termos equívocos, palavras trocadas, conceitos não definidos, generalizações abusivas, confusão de termos, esquecimentos, hipérboles, efeitos apresentados como causas” (VIANNA, 2017, p. 48).

Vianna (2017) enumera possíveis razões para as confusões semânticas, que podem se fundar na condensação, abreviação e simplismo pelos quais as informações são tratadas na mídia; na complexidade geopolítica mundial, em que os acontecimentos têm enumeradas mediações e difícil identificação de causa e efeito; além da construção de uma imagem do imigrado enquanto um problema e bode expiatório das dificuldades dos atores públicos em encontrar soluções para os problemas sociais.

Na seção seguinte faremos uma descrição das diferenças entre os conceitos de migrante, refugiado e asilado político, utilizados de acordo com diferentes situações de mobilidade humana, a nível internacional.

### **1.1.3 As diferenças entre migração, refúgio e asilo**

Na definição da *International Organization for Migration* (2004, p. 41), migração é um processo de movimento de pessoas - internacional ou não - que engloba qualquer tipo de fenômenos deste tipo, qualquer que seja sua duração, composição e as causas. Compreende a migração de refugiados, deslocados internos, internacionais e migrantes por motivos econômicos.

Refugiados (ACNUR, 2018, p. 2) são pessoas que estão fora de seus países por conta de “fundados temores de perseguição relacionados à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política”. Também são considerados refugiados

aqueles que foram obrigados a deixar seus países por causa de conflitos armados, graves violações dos direitos humanos e violência generalizada.

A legislação internacional que prescreve os direitos e os deveres de indivíduos em situação de refúgio é a Convenção da ONU de 1951 sobre Refugiados. O documento foi redigido no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, estabelecendo diretrizes para reassentar refugiados europeus, sendo então expandido no Protocolo de 1967, que estendeu o mandato do ACNUR para além da Europa (ACNUR, 2018).

O refugiado deve ser reconhecido como tal pelo país de asilo, que julgará a validade do pedido a partir dos instrumentos jurídicos de validade internacional. Quem deu entrada em seu pedido e está aguardando a decisão do país quanto ao reconhecimento da situação de refúgio é considerado requerente de asilo. No caso de decisão negativa, essas pessoas podem deixar o país ou eventualmente serem expulsas, como qualquer estrangeiro em situação irregular, a menos que a permissão humanitária para ficar seja providenciada (IOM, 2004, p. 8).

Para solicitar refúgio no Brasil, o requerente precisa se dirigir à Polícia Federal ou às autoridades migratórias, na região de fronteira brasileira. O indivíduo deve preencher, então, o Termo de Solicitação de Refúgio, que lhe dará direito a um protocolo provisório do Comitê Nacional para os Refugiados, com a duração de até um ano e com possibilidade de renovação até que o CONARE se posicione definitivamente sobre o fundamento do pedido.

No caso do asilo, há dois tipos, o diplomático e o territorial. No primeiro, o requerente está em país estrangeiro e solicita asilo à embaixada brasileira. Já no segundo, asilo territorial, o pleiteante está em território nacional. Em caso de concessão de qualquer um dos dois, o solicitante tem garantidos os direitos do Estado Brasileiro (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2018).

#### ***1.1.4 Um breve histórico da migração para o Brasil***

A principal diáspora no Brasil é a africana, que causou disparidades e injustiças sociais vivenciadas até os dias atuais. Nenhum país praticou a escravidão negra em tão larga escala como o nosso, e estima-se que de 1550 a 1856, dos 11 milhões de africanos deportados e chegados vivos nas Américas, aproximadamente 5 milhões vieram para o território brasileiro (ALENCASTRO, 2010). Muitos deles foram traficados e escravizados ilegalmente, mesmo depois da Lei Feijó, de 1831, a famosa

“lei para inglês ver”, que prescrevia em seu artigo primeiro: “todos os escravos, que entrarem no território ou portos do Brasil, vindos de fora, ficam livres” (BRASIL, 1831).

O modo como o Estado brasileiro ditou as regras da migração no fim do século XIX até meados do XX diz muito sobre as tentativas de construção de identidade nacional no país. Também revela muito sobre como migrantes de diferentes localidades foram acolhidos, como foram e como de certa maneira ainda podem ser vistos pela população brasileira.

As políticas de migração estabelecidas pelo Estado brasileiro em fins do século XIX tinham como objetivo o embranquecimento da população, a desafricanização do país e o povoamento do interior por mão-de-obra branca e barata. Portanto, houve amplo incentivo para que migrantes europeus e japoneses viessem morar no Brasil, ainda que os últimos não fossem considerados brancos, mas bons trabalhadores. “Os recém-chegados ajudaram a formar outro mito [que não o das três raças] brasileiro, o do ‘país do futuro’, no qual a branquidão iria eclipsar a negritude” (LESSER, 2015, p. 34). A migração de brancos representava, segundo a visão das elites, a criação de um futuro superior e mais moderno para nossa sociedade.

Essa ideia era pautada na eugenia, a partir de uma noção de hierarquia racial e biológica, que colocava os brancos, de sangue “forte”, no topo, enquanto os negros, dominados, de sangue “fraco”, estavam na base. Os migrantes de pele mais clara tornariam o país melhor no futuro, porque transformariam a população fisicamente, possibilitando constituir um povo mais forte.

A chegada desses migrantes era um debate que envolvia a seguinte questão: para as elites, o migrante europeu valia como mão de obra e como parte essencial do embranquecimento da população, mas havia, ainda assim, um medo constante da militância social e trabalhista que pudesse ser causada por ele. A perturbação da ordem vigente era uma preocupação, por isso a escolha de outros grupos, como os japoneses, vistos como mais dóceis, foram alternativas buscadas.

Principalmente portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, alemães, além de pessoas do Oriente Médio e do Leste Europeu, chegaram ao Brasil de 1870 a 1930, totalizando de 2 e 3 milhões de pessoas (LEVY, 1974). Muitos se foram do Brasil, mas não é possível saber qual foi o quantitativo exato.

Em 1934 houve uma restrição na entrada de imigrantes e a criação de uma cota por país, na qual o número anual de pessoas que chegassem não poderia exceder 2% da quantidade de pessoas daquela nacionalidade estabelecidas no Brasil

nos últimos 50 anos (BRASIL, 1934). No auge da Segunda Guerra Mundial, de 1942 a 1945, diversos portos do Brasil estiveram fechados para o tráfego de pessoas e, além disso, várias rotas de navios estavam interditadas. As viagens pelo mar se tornaram muito perigosas, o que se somou aos novos dispositivos legais e diminuiu drasticamente o número de migrantes para o Brasil.

O país se torna, em 1951, signatário da Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, que tinha como objetivo resolver o problema dos refugiados do pós-guerra. A partir de então, se estabelece o sentido legal moderno do termo, e com isso o Brasil recebeu milhares de europeus que buscavam refúgio.

Nos anos 1950 e 1960 também recebemos muitos imigrantes muçulmanos, cristãos e judeus do Oriente Médio, além de 55 mil japoneses – por conta da ocupação de Okinawa pelo Exército dos EUA – e cidadãos principalmente de Portugal, o que abarcava também pessoas nascidas em Angola e Moçambique, Itália e Espanha (WEJSA; LESSER, 2018).

No período da Ditadura Militar do Brasil, de 1964 a 1985, a entrada de refugiados foi restringida, principalmente por medo de que dissidentes de outras ditaduras da América Latina incitassem resistência ao regime. Vale ressaltar o início da atuação da Cáritas Arquidiocesana no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1975, no acolhimento de argentinos, chilenos e uruguaios perseguidos pelos regimes de seus países (ACNUR, 2018).

Na década de 1980 foi criado o Estatuto do Estrangeiro, que tratou os estrangeiros e imigrantes como assunto de estado e a partir de um viés defensivo e protecionista. Neste estatuto, a segurança nacional brasileira é priorizada, assim como os interesses socioeconômicos e o trabalhador brasileiro. O Estatuto prescreve que a deportação pode ser feita quando for “conveniente aos interesses nacionais” e, principalmente, o estrangeiro fica proibido de participar de manifestações políticas e de sindicatos (BARBON, 2017).

Nas duas décadas que se seguiram, a severa crise econômica fez com que o Brasil se tornasse muito mais um país de emigração do que de imigração, e muitos brasileiros optaram por buscar uma vida melhor em outros países. Como resultado, em 2008, mais de 2,3 milhões de pessoas estavam vivendo nos Estados Unidos, Paraguai, Japão, Reino Unido e Portugal (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2010).

Na década de 2010, o papel do Brasil na migração humanitária entrou em voga novamente, principalmente para acolher haitianos vítimas do terremoto. O número de novos imigrantes registrados pela Polícia Federal subiu de 40 mil em 2008 para 107 mil em 2013, atingindo o ápice de 119 mil em 2014 (VELASCO; MONTALVANI, 2016). Em 2015, os principais países de origem dos imigrantes foram Haiti (14 mil), Bolívia (8 mil) e Colômbia (7 mil).

A porcentagem de imigrantes regulares no Brasil em 2015, 1,8 milhão numa população de 200 milhões, representava por volta de 0,9% da população. O número é considerado baixo se comparado a países que tradicionalmente recebem muitos imigrantes, a exemplo dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Espanha e França, cujas cifras alcançam mais de 10% (ARANTES, 2015).

Em 2017 foi sancionada a Lei de Migração, que substituiu o Estatuto do Estrangeiro e foi composta considerando os Direitos Humanos dos imigrantes. Regulamenta o direito à livre manifestação, a participação em sindicatos e estabelece diretrizes contra a discriminação dos estrangeiros no Brasil.

Ao entrar em vigor, no final do mesmo ano, o decreto de regulamentação da Lei de Migração foi extremamente criticado. Os principais pontos de crítica ao decreto foram a cobrança de taxas para a emissão da carteira de identidade de imigrantes, o impedimento de entrada no país a quem apresentar documentos de viagem vencidos ou rasurados e a expulsão do Brasil dos condenados por crimes dolosos. As situações citadas não levam em consideração a situação do refugiado, que muitas vezes viaja apenas com a roupa do corpo, além de não poder ser expulso para um país onde sua vida corra risco (WEJSA; LESSER, 2018).

### ***1.1.5 O perfil do refugiado hoje no Brasil***

Os números relativos ao refúgio no Brasil são tímidos, com 10.145 refugiados reconhecidos no país de 2010 a 2017 (ACNUR, 2018). Metade desses tem registro inativo no CONARE (MARQUES, 2018), o que pode acontecer por diversas razões, desde óbito, aquisição de nacionalidade brasileira, mudança de país ou se o refugiado ficar mais de um ano sem entrar em contato com a Polícia Federal. Se formos considerar uma população brasileira com 200 milhões de pessoas, a média é de um refugiado reconhecido para cada 20 mil brasileiros.

Entre 2007 e 2017, as pessoas que tiveram pedidos de refúgio deferido no Brasil vinham de 82 países, sendo os principais: Síria (39%), República Democrática

do Congo (13%), Colômbia (4%), Palestina (4%), Paquistão (3%), Mali (2%), Iraque (1%), Angola (1%), República da Guiné (1%), Afeganistão (1%), Camarões (1%) e outros (30%) (CONARE, 2018).

De 2011 a 2017 foram recebidos 126.102 pedidos de refúgio, sendo 33.866 só no último ano. É importante ressaltar o crescimento de solicitações de venezuelanos, que subiu de 3 mil em 2016 para 17 mil em 2017. Sobre os pedidos deferidos pelo CONARE no ano passado, 29% eram mulheres e 71% homens, 14% tinham de 0 a 12 anos, 33% tinham de 18 a 29 anos e 44% de 30 a 59 anos (CONARE, 2018).

Dos 5.134 refugiados que têm seu registro ativo junto ao CONARE, 52% moram no Estado de São Paulo, 17% no Rio de Janeiro, 8% no Paraná, 5% no Distrito Federal, 3% em Santa Catarina, 3% em Minas Gerais e os outros 6% vivem em outros estados da Federação (CONARE, 2018, p. 23).

## **1.2 Integração: caminho de compreensão da experiência migratória?**

### **1.2.1 Breve contextualização**

De acordo com Richmond (1988, apud SASAKI; ASSIS, 2000), que analisou a obra de autores clássicos como Marx, Malthus, Durkheim e Weber, a sociologia da virada do século XIX para o XX estudava a migração enquanto fenômeno secundário, uma das consequências do desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e de urbanização.

Durkheim, no contexto da sociologia francesa, deixou como legado uma teoria da integração social, mas abordou a questão de forma muito global, não se debruçando em estudos de grupos específicos (TRIPIER, 2004). Sua abordagem não se voltou, por exemplo, aos conjuntos de migrantes. Na sociologia alemã Simmel, com textos que pensam o lugar social do estrangeiro no grupo receptor, assim como Weber, com suas observações concernentes aos grupos étnicos, “influenciaram diretamente a sociologia da Escola de Chicago, pioneira nos estudos das relações étnicas no meio urbano” (TRIPIER, 2004, p. 173).

No início do século XX, com a intensificação das migrações de europeus para os Estados Unidos, a sociologia do país passou a refletir especificamente sobre a questão da migração internacional. A Escola de Chicago procedia a estudos com enfoque microssociológico de processos comunicativos, tendo o espaço urbano como

local de observação (ARAÚJO, 2001) e teve papel fundamental na formulação de hipóteses e teorias sobre como se dava a recepção do indivíduo estrangeiro nos Estados Unidos.

O trabalho de seus pesquisadores era um esforço entendido por eles mesmos como um movimento progressista de integração e assimilação das minorias étnicas no contexto estadunidense (PERSONS, 1987). Thomas e Znaniecki (1920), por exemplo, realizaram estudos específicos sobre os migrantes poloneses e seu comportamento social, com conclusões que ressaltaram a importância das escolhas subjetivas desses indivíduos, em detrimento de suas características biológicas.

A palavra “integração” emerge, na Escola de Chicago, no ciclo das relações étnicas de Park, no qual o autor propõe etapas progressivas de adequação do estrangeiro à comunidade dos Estados Unidos. Na última etapa, denominada assimilação, os indivíduos são “integrados” à sociedade receptora (COULON, 1995).

Os sociólogos de Chicago, em sua preocupação com as relações étnicas no espaço urbano, edificaram um projeto científico para o estudo dos estrangeiros sob uma orientação assimilatória e criaram uma série de conceitos utilizados pelas ciências sociais até os dias de hoje, como aculturação, assimilação e comunidade (SAFI, 2011).

Nos debates e políticas públicas para migração da França, por exemplo, a palavra “integração” passa a ser usada na segunda metade do século XX como alternativa ao termo então vigente, “assimilação”. Na linguagem corrente do país, considera-se o segundo termo ligado ao período colonial, com traços de uma exigência de uniformização (VIANNA, 2017) aos migrantes.

Tanto na tradição estadunidense quanto na francesa, os estudos clássicos sobre migração se realizaram no intuito de conceber a integração como um processo individual de convergência dos migrantes na direção das características médias da sociedade receptora (SAFI, 2011, p. 150). Neste momento não nos cabe discutir os problemas dessa concepção, já que retomaremos este tópico no capítulo II.

A literatura científica já apontou confusões que muitas vezes ocorrem quando se fala de integração. Os equívocos podem se dar tanto porque o termo é ambíguo, aparecendo ao mesmo tempo na linguagem política e na da sociologia - o termo “integração” é, por exemplo, conceito central na obra *Suicídio* de Durkheim - (SCHNAPPER, 2008), quanto por ser uma palavra que define “o conjunto de processos

de constituição de uma sociedade a partir da combinação das suas componentes, sejam elas pessoas, organizações ou instituições” (PIRES, 2012, p. 1)

Para nosso trabalho, que será realizado especificamente sobre refugiados, nos apoiaremos ao conceito de “integração local”, proposto pelo ACNUR como uma das três possíveis soluções duráveis para pessoas em situação de refúgio. A partir dessa denominação, que apresentaremos junto das outras medidas duráveis abaixo, teceremos ao longo desta monografia nossas observações e hipóteses sobre o processo individual de convergência do refugiado à sociedade receptora.

### ***1.2.2 Soluções duráveis para refugiados propostas pelo ACNUR***

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2018, p. 11) propõe três possibilidades de soluções duradouras que assegurem direitos básicos de pessoas em situação de refúgio e “permitam a eles reconstruir suas vidas com paz e dignidade”. São elas: repatriação voluntária, integração local e reassentamento.

A repatriação voluntária, solução preferida pela maior parte dos refugiados, é uma medida de longo prazo que envolve o retorno dessas pessoas para o país de origem, quando há ao menos condições mínimas de retorno e um nível mínimo de estabilidade - usualmente quando o conflito causador do refúgio termina.

A integração local considera uma inserção jurídica, econômica, social e cultural do refugiado no país receptor. “Um refugiado está plenamente integrado quando tem a residência permanente ou a cidadania no país de refúgio, podendo acessar as políticas públicas disponíveis a todas as pessoas cidadãos deste país” (ACNUR, 2018, p. 11).

Crisp (2005) aponta a falta de clareza quando se fala “integração local” no contexto dos refugiados, além de assinalar que falta uma definição formal do termo no Direito Internacional. O autor se refere ao processo enquanto com três dimensões inter-relacionadas (CRISP, 2005, p. 1-2): a legal, que implica o reconhecimento do refugiado no Estatuto do Refugiado de 1951, garantindo direitos que podem levar à aquisição de residência permanente ou de cidadania no país receptor; a econômica, considerando que o refugiado estabelecer meios de subsistência o torna menos dependente da ajuda humanitária e estatal; a social, que permite ao refugiado viver com a população receptora sem medo de discriminação, intimidação ou exploração

sistemática no país de asilo. Esta última dimensão envolve tanto os refugiados quanto a população receptora.

O próprio ACNUR (2013, p. 13) reconhece a dificuldade de definição da integração local, porque entende que o processo ocorre numa dinâmica entre as imposições feitas pelos governos das sociedades receptoras para receber os refugiados e um processo individual do sujeito refugiado, que por vezes pode controlar, de maneira ativa e seletiva, alguns de seus aspectos. Ressaltam que, em linhas gerais, a meta da integração é igualdade, inclusão e realização, embora o processo de integração eventualmente possa ser visto de uma forma pelos governos e vivenciado de outras pelos recém-chegados (ACNUR, 2013, p.13).

Finalmente, o reassentamento é a opção para quem não pode permanecer no país de refúgio onde se encontra por motivos de “segurança, integração local ou falta de proteção legal e física” (ACNUR, 2018, p. 11) e, ao mesmo tempo, não tem como voltar ao seu país de origem por conta de situação de temor generalizada ou por motivos de perseguição. Esses casos demandam intervenção do ACNUR, que procura auxílio de possíveis terceiros países para receber essas pessoas.

### ***1.2.3 Revisão da literatura sobre integração local no Brasil***

O conceito de “integração” é percebido como caótico, usado por muitos estudiosos e entendido de formas diferentes pela maioria deles (ROBINSON, 1998). Foram propostos por volta de 200 indicadores de “integração” na Europa (CONSELHO DA EUROPA, 1997), além de terem sido encontradas mais de 49 definições diferentes de “integração” e conceitos correlatos (AGER; STRANG, 2008).

De acordo com Ager e Strang (2008, tradução nossa), embora haja divergência de foco e de perspectiva quanto aos entendimentos de “integração”, na revisão da literatura científica realizada pelos autores foram encontrados quatro eixos recorrentes nas análises sobre o tema. São eles: “marcadores e sentidos”, abarcando empregabilidade, habitação, educação e saúde; “conexões sociais”, com pontes sociais, laços sociais e relações sociais; “facilitadores”, incluindo língua e conhecimento cultural, segurança e estabilidade; “alicerces”, com direito e cidadania.

Realizamos uma revisão da literatura científica brasileira sobre integração de refugiados, tendo em mente os seguintes questionamentos: o texto, ao se referir sobre integração, estava falando sobre algum fator específico que entendesse enquanto fortalecedor da integração de indivíduos em situação de refúgio ao Brasil? Eram

usadas, nos textos, definições claras de “integração”, “integração local” ou de conceitos correlatos? Se sim, quais eram essas definições?

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que encontramos pouca literatura científica brasileira sobre o processo de convergência do refugiado à sociedade brasileira, seja ele entendido ou não enquanto integração. Isto restringiu nossa revisão à análise de apenas 25 textos.

A pesquisa se deu a partir das palavras-chave “integração local”, “refugiados” na base de periódicos da CAPES, na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Como inicialmente apareceram poucos textos, decidimos realizar a pesquisa também com as palavras-chave “integração”, “refugiados”, além de revisar as referências dos documentos encontrados nas buscas, usando a técnica de amostragem bola de neve para achar mais obras relevantes.

Realizando esforço análogo ao rever a literatura científica de artigos sobre refugiados publicados no Brasil entre 2000 a 2009, Weintraub (2012), além de apontar a escassa produção sobre o tema em nosso país, diz:

Percebe-se uma tendência à valorização da perspectiva descritiva - de ações, da legislação -, conjuntamente com uma perspectiva crítica e complexa da compreensão do fenômeno, mesmo que nem sempre baseada na realidade da análise da situação dos refugiados no Brasil. (p. 1)

Também percebemos, em nossa pesquisa, a ênfase em uma perspectiva descritiva relativa à legislação. Diversos textos, por exemplo, caracterizavam a integração de refugiados no Brasil enquanto fenômeno que precisa estar em consonância com a Constituição Brasileira (AHLERT; ALMEIDA, 2016), a Lei do Refugiado (PACÍFICO; MENDONÇA, 2010; MESSIAS, 2016), sob a jurisdição do CONARE e aos acordos internacionais com relação à questão do refúgio (ALMEIDA; MINCHOLA, 2016; BARBOSA, 2015)

Dos textos analisados, mais de dois terços não citava nenhuma definição específica de “integração”, “integração social”, “integração econômica” - os dois são, inclusive, nomes de fatores citados como relevantes pelo ACNUR, mas nenhuma associação não foi feita nos textos - ou “integração local”, como se fosse consensual e óbvio sobre o que se estava falando (cf., por exemplo, SILVA; FERNANDES, 2017; RUEDIGER et al., 2017; ). Além disso, em nossa pesquisa apareceram termos como “inserção social” (BUSKO, 2017; TESSAROLO; RODRIGUES, 2012) e “inclusão social” (MESSIAS, 2016), mas ambos sem a apresentação de nenhuma definição.

No terço faltante, estava presente principalmente a definição de “integração local” do ACNUR (HAYDU, 2010; MARTUSCELLI, 2014; MILESI, 2009; LACERDA; SILVA; NUNES, 2015), assim como observações a respeito dela, sobre a possibilidade da “integração local” como “medida duradoura” não dar certo, por conta de uma série de situações que podem acontecer com o refugiado (MOREIRA, 2015, p. 84).

Outras definições que apareceram foram a de Crisp (2005), citada na seção anterior, a de Haydu (2010), complemento à do ACNUR, na qual o autor escreve o seguinte:

Em primeiro lugar, o Estado de acolhimento deve aceitar plenamente e apoiar ativamente os esforços em vistas a facilitar a integração local dos refugiados; uma segunda condição seria a aceitação da comunidade local, desses refugiados, como forma de evitar possíveis animosidades; um terceiro ponto de fundamental importância se dá em torno da questão econômica, ou seja, a integração local tem que ser economicamente viável; os programas de integração local, sobretudo em sua fase inicial, devem ter a garantia de financiamento externo suficiente que lhe proporcione êxito; para ser duradoura a integração local deve ser voluntária; por fim, os refugiados devem ser plenamente integrados na nova sociedade, tendo, inclusive, a possibilidade de adquirir a nacionalidade do país. (p. 26)

Encontramos, além das anteriores, uma citação indireta de Moreira (2014) feita por Thomé (2018) em seu texto, falando sobre a integração local:

“o termo integração local faz referência ao processo que se desenvolve quando o refugiado passa a interagir em novo contexto, no país de destino. Segundo ele (sic), abrange múltiplos fatores – socioeconômicos, culturais e políticos – sendo preciso propiciar ao refugiado emprego, moradia, aprendizado do idioma, acesso aos serviços públicos, além de também incluir a construção de relações sociais entre refugiados e a comunidade local” (p. 182)

Já Moreira (2014), cita Kuhlman (1991), em que o autor define integração como “o processo mediante o qual os refugiados mantêm sua própria identidade, mas se tornam parte da sociedade acolhedora à medida que possam conviver juntos com a população local de modo aceitável” (MOREIRA, 2014, p. 88-89).

E, por último, também achamos em Simões (2017) referência ao texto de Pires (2012), que leva em consideração a existência da integração enquanto um fenômeno social mais amplo. Pires faz referência à “integração social”, sem se referir a estrangeiros ou refugiados, mas sim falando de processos intrínsecos ao funcionamento de qualquer sistema social.

Sobre os indicadores de integração, os textos se referem principalmente à necessidade dos refugiados aprenderem português, de terem direito à saúde e à

educação, atingirem autossuficiência econômica, não sofrerem discriminação, conseguirem moradia, terem acesso à cultura e referem-se, também, à burocracia brasileira com relação ao reconhecimento e à obtenção de documentos (SILVA; FERNANDES, 2017; MARTUSCELLI, 2014; PUCCI, 2017; HARTWING; SILVA, 2017; CALEGARI; JUSTINO, 2016; MILESI, 2009)

Vale, também, ressaltar a referência feita por alguns textos a organizações que atuam na causa dos refugiados no contexto brasileiro, como por exemplo a Cátedra Sérgio Vieira de Mello (MOREIRA, 2015), a Cáritas Arquidiocesana (HAYDU, 2010; TANNURI, 2010) e o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) (MILESI, 2009).

#### **1.2.4 Integração enquanto termo hegemônico**

Quanto à nossa escolha do termo “integração local” para tratar da questão da solução relacionada ao acolhimento, à participação e à inclusão social dos refugiados na sociedade receptora, chamada de “solução durável” pelo ACNUR, umas das três que expusemos anteriormente, seguimos Tannuri (2010).

Para a pesquisadora, o uso do termo “integração local”, entre aspas, se deu por conta da polissemia do conceito nos diferentes estudos realizados sobre migrações e refúgio na academia. Segundo ela, em cada situação particular e momento histórico, o termo tende a ter sentidos diferentes.

Portanto, utilizamos o conceito, assim como Tannuri, nos termos da acepção hegemônica, a construída e aplicada pelas agências internacionais, as instituições parceiras, os governos de diversos países, além das organizações humanitárias e, conseqüentemente os indivíduos em situação de refúgio. Então, consideramos a definição predominante, citada na seção 1.3.1 deste trabalho, assim como suas três dimensões: legal, econômica e social.

Quando falando sobre “integração local” de refugiados no Brasil, já foi apontada por outros autores a importância de compreender esses atores sociais em sua complexidade, haja vista que “refugiados são entendidos muitas vezes como vítimas que não possuem voz e que, por isso, necessitam de algum benfeitor, seja ele governos ou agências humanitárias para falar por eles” (MARTUSCELLI, 2014, p. 284).

Foi indicada, além disso, a importância de pesquisar mais a fundo a experiência dos refugiados nas dinâmicas de exclusão social e de integração experimentada por

eles, a partir de uma perspectiva interdisciplinar de pesquisa do fenômeno (MOREIRA, 2014, p. 91)

Consideramos a importância de pesquisar sobre a “integração local” a partir de uma perspectiva mais centrada nos sujeitos em situação de refúgio, na experiência subjetiva desses indivíduos. Isso pode se dar a partir de um foco mais detido nas vivências, na voz dessas pessoas, que precisam ter garantido o lugar de fala de quem está envolvido diretamente no processo.

Por isso, consideramos a possibilidade de exploração de um quarto fator envolvido na “integração local”, que é relacionado, sim, às questões jurídica, econômica e social, mas não pode ser explicado apenas pela análise dessas dimensões e da aceitação delas como suficientes: o fator subjetivo.

### **1.3 O Abraço Cultural**

Em 20 de junho de 2014, Dia Mundial do Refugiado, a plataforma social *Atados*<sup>1</sup>, que conecta organizações sociais e pessoas dispostas a fazer trabalhos voluntários, realizava a 1ª Copa do Mundo dos Refugiados. Em meio ao evento de futebol, André Cervi e Daniel Assunção, dois cofundadores do portal de voluntariado, tiveram a ideia de fazer um projeto mais duradouro, “capaz de contribuir na missão de integrar esses imigrantes em nossa sociedade” (ABRAÇO CULTURAL, 2018d).

Surgiu assim a ideia do curso de idiomas e cultura *Abraço Cultural*<sup>2</sup>. O piloto do negócio foi testado com sucesso em um curso intensivo de férias na cidade de São Paulo em 2015, com 12 turmas iniciais - a ideia inicial era abrir apenas 4. O modelo inovador e os preços abaixo do mercado atraíram muitos alunos, fazendo a iniciativa ganhar espaço e abrir também cursos extensivos (DALMOLIN, 2015).

Estabelecido também no Rio de Janeiro em 2016 (G1 RIO, 2016) e com material didático próprio, trata-se de um projeto no qual professores refugiados ensinam línguas estrangeiras – quase sempre sua língua nativa – a brasileiros. O projeto busca “promover a troca de experiências e a valorização cultural e pessoal de refugiados/as residentes no Brasil”, além de possibilitar aos alunos “o aprendizado de idiomas, a quebra de barreiras e a vivência de aspectos culturais de outros países”. (ABRAÇO CULTURAL, 2018b).

---

<sup>1</sup> "Atados." <https://www.atados.com.br/>. Acessado em 11 ago. 2018.

<sup>2</sup> "Abraço Cultural." 21 mai. 2018, <http://www.abracocultural.com.br/>. Acessado em 22 jun. 2018.

A abordagem do curso é comunicativa, estimulando audição, leitura, fala e escrita no idioma estrangeiro, com imersão cultural e a apresentação de “outras culturas e novas experiências” (id.). As aulas - além das aulas regulares, há as aulas culturais, geralmente realizadas uma vez ao mês -, eventos e debates promovidos têm a apresentação da culinária, da música e da literatura dos países dos refugiados, entre outros.

Imagem 1 - Reunião do *Abraço Cultural*



Fonte: Abraço Cultural (2018e)

O *Abraço Cultural* tem como *missão* potencializar as oportunidades de geração de renda e empreendedorismo a refugiados, a partir da valorização das diferenças, da troca de experiências culturais com as comunidades locais e de seu método de ensino inovador. O curso apresenta como *visão* seu papel de ponto inicial de inserção do refugiado no mercado de trabalho, além de ponto de contato entre a cultura brasileira e as deles, buscando quebrar barreiras. (ABRAÇO CULTURAL, 2018c).

Hoje são oferecidas aulas de inglês, francês, espanhol e árabe. Os cursos regulares se dão por meio de módulos de quatro meses, enquanto que os intensivos geralmente ocorrem em janeiro e em julho, tendo duração de um mês. A escola

também oferece aulas particulares e corporativas. Em 2017 houve a iniciativa do *Abracinho*, a versão para crianças do curso (ATADOS, 2018b ).

As unidades do *Abraço Cultural* são três: uma no bairro de Pinheiros, em São Paulo, e duas no Rio de Janeiro, sendo uma na Tijuca e outra em Botafogo (ABRAÇO CULTURAL, 2018e). Desde sua fundação, capacitou mais de 40 professores, abriu mais de 150 turmas e teve mais de 2000 alunos inscritos em seus cursos.

A filial do curso no Rio de Janeiro tem treze professores refugiados, oriundos de países como Argélia, Nigéria, Marrocos, Senegal, Síria, Haiti, Venezuela e República Democrática do Congo (GERMANO, 2018). No início do ano, A ideia de ter professores refugiados e aprender a partir da diversidade proposta no *Abraço Cultural* é inovadora e foi importada para iniciativas similares como o *Abrazo Cultural*<sup>3</sup> de Barcelona e o *Causons*<sup>4</sup>, localizado em Paris. O *Abraço* é parceiro do *Abrazo* e ambos, juntos, são cofundadores do *Causons*.

Outra iniciativa similar é o *Escambo de Cultura*, curso de idiomas com preços populares e professores refugiados localizado na Baixada Fluminense, nas cidades de Belford Roxo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Seus professores são do Congo, Honduras, Colômbia, Paquistão e Gâmbia (CRUZ, 2018) .

### 1.3.1 Simbologia da marca e do Abraço

A marca do *Abraço Cultural* tem um conceito simples, mas profundo: a ideia do caleidoscópio enquanto instrumento que possibilita ampliar o olhar e difundir imagens de forma inusitada, inesperada. Propõe-se a passar a concepção de que o curso amplia oportunidades, além de difundir conhecimentos e cultura (ABRAÇO CULTURAL, 2017, p. 4).

---

<sup>3</sup> "Abrazo Cultural - Cursos culturales con refugiados en Barcelona." <https://abrazocultural.com/>. Acessado em 22 jun. 2018.

<sup>4</sup> "Causons: Accueil." <http://causons.org/>. Acessado em 22 jun. 2018.

Imagem 2 - Aplicações do logo Abraço Cultural



Fonte: Abraço Cultural (2017, p. 9)

Diferentes aplicações do logo foram desenvolvidas nas cores da Síria, Venezuela, Cuba, República Democrática do Congo, Haiti, Costa do Marfim e Nigéria, alguns dos países dos quais mais vêm refugiados para o Brasil. As múltiplas possibilidades mostram a preocupação com a representação individual desses países, além da multiplicidade de olhares - assim como a atenção - para a diferença citadas acima.

Vale ressaltar, também, a importância simbólica do nome da escola: “abraço”. O abraço é um ato que põe dois indivíduos em contato, proporciona o toque e prescinde de proximidade. Pode simbolizar uma demonstração de amizade, de afeto e acolhimento, além de ser “uma resposta natural a sentimentos de afeição, compaixão, carência e alegria” (PEREIRA; ESTEVES, 2010, p. 5). No caso da marca *Abraço Cultural*, fala-se em abraço referindo-se à aceitação da cultura do refugiado, aproximando-se dela e fazendo parte do processo de acolhimento do outro.

### 1.3.2 Por que o Abraço Cultural?

Escolhemos o *Abraço Cultural* como lugar de estudo neste trabalho porque a instituição se propõe a ser um local de recepção inclusiva de refugiados, além de buscar proporcionar capacitação, acolhimento e “integração” desses indivíduos. A escola de idiomas pode ser, para algumas dessas pessoas, a porta de entrada para o mercado de trabalho formal no Brasil, assim como um ponto de contato com a sociedade brasileira como um todo. O *Abraço* é, além disso, um lugar que pode oferecer a oportunidade de realização de trocas afetivas e de construção de laços,

tanto para refugiados com a nossa sociedade quanto para brasileiros, com essas pessoas.

Outro fator importante é a proximidade física e de observação. Por ter sedes e cursos oferecidos na cidade do Rio de Janeiro, é possível realizar um estudo empírico, entrando em contato direto com a escola de idiomas. Podemos frequentar com regularidade seus centros e eventos, assim como fazer matrículas em seus cursos. É, também, viável estar presente pessoalmente nos mesmos lugares que os professores refugiados, voluntários, funcionários e alunos.

Além dos fatores expostos acima, por último vale destacar o fato de que o *Abraço Cultural* ser uma escola de idiomas implica na oportunidade de ser aluno e pesquisador ao mesmo tempo. Ou seja, estudar o curso e estar, ao mesmo tempo, imerso nele, com encontros regulares que representam um misto de aula com trabalho de campo.

## CAPÍTULO II - A COMUNICAÇÃO INTERSUBJETIVA DO ESTRANGEIRO NA SOCIEDADE RECEPTORA

No capítulo anterior traçamos um panorama dos tipos de migração, da história da migração para o Brasil e expusemos uma revisão da literatura de estudos de “integração” de refugiados no país. No presente capítulo, apontamos os dois modelos de recepção de estrangeiros historicamente mais expressivos, assimilacionista e multicultural, assim como as aplicações e implicações da ideia de cultura em cada um.

Definimos alguns conceitos correlatos à “integração”, que emergiram da literatura científica brasileira na análise realizada no capítulo anterior. Em seguida, fundamentados na crise dos modelos integrativos, tendo discorrido sobre *eros* e *philia* em suas dimensões afetivas intersubjetivas e apoiando-nos teoricamente em uma ideia de comunicação (e também comunicação intercultural) fundada no estabelecimento de um *ser-em-comum*, propomos o fator subjetivo para entender o processo “integrativo”. Faz-se necessário pensar a experiência migratória dos refugiados a partir dos referenciais individuais desses sujeitos, que são implicados diretamente em um processo complexo, constante e, em certa medida, imprevisível.

### 2.1 Principais modelos de recepção de migrantes

Ao longo do século XX foram concebidas, pelos Estados-nação, diferentes maneiras de se considerar a entrada de estrangeiros em suas sociedades receptoras. A seguir discorreremos sobre as duas principais, a assimilacionista ou republicana e a multicultural ou pluralista, que têm lógicas de funcionamento diferentes entre si.

O modelo assimilacionista, de inspiração na fórmula republicana tradicional francesa e de uma incorporação cívica dos indivíduos, é diverso do multicultural, mais usual em países de cultura anglo-saxônica, que prezam pela criação de espaços reservados à diversidade de grupos étnicos, em determinados casos até com fomento do Estado (CAVALCANTI; SIMÕES, 2014, p. 155). É importante ressaltar que nas últimas décadas ambos os modelos têm sido analisados criticamente por pesquisadores e pelo debate público, assim como o faremos aqui.

#### 2.1.1 Modelo assimilacionista

O modelo assimilacionista tem como maior expoente a França. A noção de assimilacionismo é originária da lei de nacionalidade francesa no século XIX, partindo

de uma suposição fundamentalista de que para atingir igualdade jurídica formal no âmbito republicano, seria necessário adotar, em termos de identidade cultural, um ponto de vista horizontal e homogêneo (CAVALCANTI; SIMÕES, 2014).

Por mais que o afã republicano francês date do século XIX, a preocupação propriamente sociológica com as migrações se inicia por volta dos anos 1950 no país, numa tradição mais recente e não com raízes no estabelecimento da República Francesa, como defendem estudos que apontam para uma tradição de integração dos imigrantes no país (SAFI, 2011, p. 150).

O assimilacionismo pensado para as migrações é baseado na noção de “acolher os imigrantes a partir de uma perspectiva assimilacionista que implica total abolição da diversidade cultural em função dos valores republicanos” (CAVALCANTI; SIMÕES, 2014, p. 155). De acordo com o modelo, a igualdade jurídica republicana deve ser aplicada universalmente a todos os nacionais e estrangeiros da mesma maneira.

De acordo com Wieworka (2008), o assimilacionismo, em suas formas radicais, pode assumir feições de um modelo de sociedade que reprime as identidades culturais particulares aos espaços privados, além de exercer uma pressão para que se dissolvam. Ainda segundo o autor, a ideia assimilacionista era pregnante no debate público francês até os anos 1960, sendo doravante rejeitada, por ser considerada excessiva.

Cavalcanti e Simões (2014) apontam que o modelo assimilacionista francês e sua ideia de igualdade não têm capilaridade na coesão social, porque o não reconhecimento das diversidades culturais pode causar problemas sociopolíticos. Um exemplo disso é a possível discriminação de indivíduos não identificados com valores dos “franceses de origem”, causando sua marginalização social e, até, menos oportunidades de emprego (CAVALCANTI; SIMÕES, 2014).

Divididos pelo Canal da Mancha está, de um lado, um “republicanismo” tolerante e, do outro, um multiculturalismo que se deseja ser temperado (WIEWORKA, 2008) ao lidar com os diferentes grupos étnicos e com as políticas públicas destinadas a cada um deles.

### **2.1.2 Modelo multicultural**

Os expoentes do modelo multicultural de recepção de migrantes são o Reino Unido e o Canadá, países que historicamente recebem grande número de

estrangeiros em seu território. O Canadá, por exemplo, tinha em 2016 um total de 7,5 milhões de pessoas estrangeiras residindo no país, o que à época era equivalente a mais de 21% da população total (STATSCAN, 2016).

A noção que permeia o multiculturalismo no Ocidente é a de um modelo com o seguinte ponto central: “que diferentes grupos étnicos, culturais, linguísticos ou religiosos possam ter acesso igual aos recursos de poder, econômicos ou políticos” (BAUMANN, 1999, p. 91 apud CAVALCANTI; SIMÕES, 2014). Mas essa é, ao mesmo tempo, uma representação organizada da diferença cultural, forma de demarcação dos grupos étnicos que fixa os limites entre eles, como se fossem marcados por natureza (BAUMANN, 2001).

No contexto multicultural, é atribuição do Estado - que determina uma cultura hegemônica - elaborar políticas para gestar, regular e admitir direitos e deveres dos migrantes, pessoas situadas fora de sua cultura de origem (CAVALCANTI; SIMÕES, 2014). A base para essa política identitária é a classificação desses grupos de pessoas originárias de outras culturas, a partir de seus valores étnicos, religiosos e linguísticos (CAVALCANTI; SIMÕES, 2014).

Mas como criar classificações justas? Como dividir de maneira justa as pessoas em grupos? Quantos grupos seriam formados? Como definir as políticas públicas para cada grupo específico? Questões como essas ficam em aberto quando se pensa em termos de multiculturalismo, além dos problemas de definir o que seria “acesso igual” a recursos para diferentes grupos identitários (Ibid., p. 157).

Além das considerações feitas acima, é preciso tomar cuidado com as expressões extremas do multiculturalismo, que pode se tornar um comunitarismo devastador, fator de violências e de negações individuais em nome de leis concernentes ao grupo (WIEWORKA, 2008).

## **2.2 Repensando a “integração”**

### **2.2.1 Conceitos correlatos**

Como destacamos na revisão da literatura de artigos brasileiros sobre “integração” de refugiados no capítulo anterior, por vezes aparecem diferentes termos, além de integração, para se referir ao processo no qual pessoas em situação de refúgio entram e participam das sociedades às quais chegam. Os conceitos nem sempre são definidos e explicados por quem os utiliza, causando confusão e uma falta de clareza sobre o que de fato se está falando.

Castles et al. (2002, p. 16-20) criaram um glossário com termos relacionados ao processo “integrativo” de refugiados e migrantes. Alguns dos termos, segundo os autores, são utilizados por cientistas sociais preocupados em trabalhar com terminações mais gerais e neutras para se referir aos sujeitos envolvidos, enquanto outros assumem um caráter mais normativo para dar conta dos fenômenos.

Com base no glossário supracitado damos ênfase, nos próximos parágrafos, à explicação de expressões encontradas na revisão da literatura sobre integração de refugiados no Brasil. As palavras escolhidas foram inserção, inclusão e incorporação.

“Inserção”, termo com origem no modelo republicano francês de assimilação individual de migrantes, é o processo pelo qual sujeitos são inseridos em uma série de estruturas tidas como inalteradas, já existentes na sociedade que os recebe (CASTLES et al., 2002, p. 19). O conceito é problemático na medida em que o papel da comunidade étnica é ignorado e a ideia de inserção negligencia a dimensão coletiva do pertencimento social (Ibid.)

Já “inclusão”, para Castles et al. (2002), é um processo pelo qual os migrantes se tornam participantes de subsetores específicos da sociedade receptora, por exemplo trabalho, educação, representação política etc. Ainda segundo os autores, a ênfase dada pelo termo é a da inclusão enquanto um processo ativo e consciente dos estrangeiros, assim como de que é um decurso alvo de políticas públicas e da sociedade civil, com a finalidade de incluir os recém-chegados.

A inclusão é a antítese do processo de exclusão social, e assim como “integração”, na prática torna-se um termo amplo e vago, que pode ser utilizado em demasia e em vários contextos, sem a intenção específica de realizar um esforço de estabelecimento de indicadores empíricos relevantes (CASTLES et al., 2002, p. 18-19).

“Incorporação” é um conceito identificado com dois diferentes usos. Pode ser utilizado por cientistas sociais como um termo para se referir à totalidade do processo pelo qual o recém-chegado se torna parte de uma sociedade, sem uma implicação normativa como os termos “assimilação”, “integração” e “inserção” (CASTLES et al., 2002).

Outra alternativa de uso de “incorporação” é para aludir ao ganho de direitos e privilégios políticos do estrangeiro, à participação nas estruturas organizacionais, legais e políticas do país ao qual se chega e às medidas políticas que permitem que esse processo aconteça (CASTLES et al., 2002). De acordo com Castles et al. (2002,

p. 18, tradução nossa), o conceito de “incorporação” pode ser problemático porque pode levar a uma “excessiva rigidez conceitual das esferas legais/políticas e sociais/culturais”.

### **2.2.2 A crise dos modelos integrativos**

Quando pesquisada no dicionário, a palavra “integração”<sup>5</sup> apresenta a seguinte definição para o campo da sociologia: “processo que consiste na assimilação cultural, linguística e jurídica, de forma plena, por indivíduos estrangeiros em qualquer comunidade ou nação”. Já o termo “integração social”, também de cunho sociológico, é definido como o “ajustamento recíproco de grupos, de modo a formar uma sociedade organizada”.

Encontrar esse tipo de definição em um dicionário causa estranhamento. Como se propõe “assimilar” alguém? E, ainda, o que garante a formação de uma “sociedade organizada”? Essas duas propostas presentes nas definições são ideias válidas para um pensamento contemporâneo, crítico e politicamente correto das migrações?

Na falta de um termo mais adequado, “integração” tomou o lugar de palavras como “adaptação” e “assimilação”, herdando parte de seu sentido, já que são todos conceitos utilizados para descrever, ainda que em contextos históricos diversos, uma mesma realidade social, um mesmo processo sociológico (SAYAD, 1994). Ou seja, para descrever o indivíduo ou os grupos de indivíduos migrantes chegando em uma sociedade receptora e se tornando parte dela, de acordo com regras e processos que lhes são impostos.

De acordo com Sayad (1994, p. 14), a “integração” está no campo das lutas pelo monopólio do poder de fazer e desfazer grupos, segundo o autor o equivalente ao monopólio de definir identidades. Nessa mesma lógica, “a integração é o ponto de vista do dominante sobre o dominado” e dizer que determinadas pessoas não estão integradas é defini-las “essencialmente pelo que não são, pelo que falta e pela distância a uma norma central” (LAPEYRONNIE, 2003, p. 95 apud VIANNA, 2017, p. 57).

A insuficiência do paradigma integrativo como modelo para pensar as sociedades contemporâneas se faz cada vez mais evidente, tanto por um uso amplo e acrítico do termo “integração” por parte de pesquisadores - como mostramos no

---

<sup>5</sup> "Integração | Michaelis On-line." <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVqRI>. Acessado em 9 set. 2018.

capítulo anterior, exemplificando com casos brasileiros - quanto por seu contexto de formulação e elaboração originário da sociologia clássica, em sociedades que passavam por um momento histórico muito diverso do atual.

A ideia de “integração” tem relação direta com a fundação das Ciências Sociais. O campo foi constituído em um momento de grandes mudanças na forma coletiva de se pensar e levar a vida, de industrialização, de crescimento das populações europeias e de transformações institucionais que colocavam em risco, na visão dos sociólogos do período, a coesão do corpo social (WIEWORKA, 2014).

Estamos falando especificamente das últimas décadas do século XIX e das primeiras do século XX, principalmente na França, na Alemanha, na Inglaterra e, um pouco mais tardiamente, nos Estados Unidos. É importante ressaltar que o individualismo, uma das principais marcas da modernidade, não é ignorado por essa sociologia incipiente, mas a preocupação maior de seus pesquisadores era em relação à integração social e ao compartilhamento de determinados valores do grupo entre seus indivíduos, um processo de interação entre os membros (WIEWORKA, 2014).

Nenhum modelo integrativo pode ser imposto de forma normativa e nem pode dar conta das evoluções sociais, culturais e políticas de uma sociedade (WIEWORKA, 2008), porque é uma forma de pensar o viver em grupo que parece implicar uma noção de valores sociais idealizados, estáticos e existentes em si mesmos. Como se cada sociedade contivesse uma essência primordial que precisa - e ao mesmo tempo é impossível de - ser alcançada por quem supostamente não é parte dela. A idealização da comunidade política tem como essência a classificação dos indivíduos, principalmente a partir da demarcação do “insider”, que só existe com a marcação paralela do “outsider”, quem não é cidadão do grupo em questão (MCNEVIN, 2006, p. 137).

Nas últimas décadas, estudos têm apontado para novos caminhos de debate a partir dos modelos integrativos, principalmente os de inspiração funcionalista, que têm tido seu lugar tomado por abordagens focadas no sujeito e nas suas dinâmicas no contexto transnacional, do mundo globalizado, no surgimento de identidades que se configuram em espaços diversos dos limites nacionais e na própria crise dos modelos integrativos (WIEWORKA, 2008).

Spreafico (2009), além de apontar a existência de pertencimentos subjetivos intermediários em termos dos limites dos Estados-nação, de propriedades

transnacionais no mundo contemporâneo, considera a dificuldade de se pensar na construção de uma suposta coesão social em coletividades cada vez mais marcadas por uma heterogeneidade cultural crescente.

A diferença produzida pelo outro, o “outsider”, é feita a partir de suas subjetividades, com escolhas e decisões tomadas de maneira deliberada, que não necessariamente estarão alinhadas com a lei de um grupo específico (WIEWORKA, 2014). Mesmo se fôssemos pensar o processo de experiência migratória em termos integrativos, é impossível considerar seus resultados apenas enquanto produto de políticas públicas realizadas pelos agentes que o favorecem diretamente, porque a vontade política não abarca as resistências, contradições e conflitos intrínsecos aos sujeitos envolvidos (SAYAD, 1994).

O contato entre o migrante e o local ao qual ele chega - ou com lugar ao qual consegue chegar, no caso de migrações forçadas - começa antes de sua chegada física, por meio dos fluxos informacionais aos quais tem acesso, de suas expectativas, esperanças e das ideias pré-concebidas sobre aquele país. Outra característica importante de ressaltar no processo migratório é sua imprevisibilidade, mediada por fatores exteriores ao sujeito envolvido, por vezes incontroláveis, ou mesmo por mudanças de plano não previstas no passado, feitas pelo migrante no decorrer de seu percurso.

A ideia feita pelo indivíduo com relação à sua migração é mais complexa do que as políticas de integração podem apreender, analisar e avaliar. A autopercepção de cada pessoa com relação ao seu processo de entrada, participação efetiva e envolvimento com uma nova sociedade pode não estar ligada a fatores formais medidores de integração como social, político e econômico (SPREAFICO, 2009). É possível, por exemplo, alguém ser bem “avaliado” com relação a esses parâmetros e não se sentir “integrado”, porque não tem com a sociedade que o recebeu um sentimento de pertença.

O que significa, de fato, sentir-se pertencente a uma sociedade? E, além disso, o que configura fazer parte de um grupo, em determinado contexto social, junto de outras pessoas? Para discorrer sobre essas noções, passaremos antes pelas ideias de *eros* e *philia*, mais especificamente sobre o que cada um dos conceitos denota com relação à noção do sujeito com o outro, a intersubjetividade.

## 2.3 A importância do fator subjetivo

### 2.3.1 Eros, philia e a intersubjetividade

Falar sobre *eros* nos remete inevitavelmente ao *Banquete*, texto seminal de Platão (2016) que teve forte ressonância na cultura ocidental. Na obra, que se passa na casa de Agatão, é feito um elogio a Eros, ou o amor, discutindo seus limites e sua natureza. O diálogo platônico introduz o Mito do Andrógino a partir do discurso de Aristófanes, defensor da ideia da existência, em um passado remoto, de um terceiro gênero, além do masculino e do feminino, comum aos dois.

Os três gêneros coexistiam e o andrógino era, segundo a narrativa, um ser que, por conter os dois gêneros, era completo, de constituição corpórea circular - pelo fato do masculino descender do sol e o feminino da lua, o que determinou a forma desse hermafrodita - e podia mover-se com grande agilidade (PLATÃO, 2016, p. 75). Os andróginos eram dotados de força e vigor terríveis, além de uma grande presunção, tendo por causa disso ousado investir contra os deuses, cometendo uma falta grave (*hybris*) na tentativa de fazer uma escalada ao céu.

A punição imposta foi cortar tais criaturas em dois, criando nos humanos uma perene sensação de falta e engendrando anseio constante pela completude. *Eros* é o amor como uma busca pela tésseira complementar, a partir da qual cada ser procura seu próprio complemento, no desejo “de fazer um só de dois e curar a natureza humana” (PLATÃO, 2016, p. 79). Portanto, com relação à forma pela qual a subjetividade se dá a partir de *eros*, podemos considerá-lo um amor fundado numa procura por si mesmo no outro.

Tanto *eros* quanto *philia* estão envolvidos com o desejo e são causados por ele, mas o primeiro é um amor fundado no princípio de correspondência, enquanto que o segundo institui-se na ideia de reciprocidade (MONTENEGRO, 2014). Na filosofia socrático-platônica ainda não existe uma definição clara entre *eros* (“amor”) e *philia* (“amizade”), não sendo óbvios os limites entre os dois sentimentos (ROCHA, 2006; MONTENEGRO, 2014).

A *philia* tem relação intrínseca com a cidadania, no sentido semântico grego. No contexto grego clássico, a *philia* era um tipo de amor acima da importância formal da democracia estabelecida na *polis*, implicando um sentimento amoroso denotativo de um sentimento comunitário (PAIVA; SODRÉ, 2018). A unidade da comunidade política se dava para além da divisão do trabalho, através de vínculos implicadores de

um amor recíproco, de trocas afetivas de cidadãos definidos como pares (PAIVA, SODRÉ, 2018).

De acordo com seu significado na filosofia aristotélica, a primeira a atribuir-lhe uma natureza (ROCHA, 2006, p. 67), a *philia* pode se dar a partir de uma relação de identidade e reciprocidade, em que a amizade entre duas ou mais pessoas não é um meio, mas um fim (QUADROS, 2011, p. 168). Logo, esse tipo de amor tem como princípio uma solidariedade e uma aceitação da diferença contida no ser no outro.

Aristóteles diz, ainda, que o homem, por conta de sua qualidade de animal político, é naturalmente destinado a viver com os outros, a conviver (ROCHA, 2006). É imprescindível ao homem fazer amigos, e sua natureza humana apenas é realizada em termos de possibilidades e virtudes em sua abertura com a alteridade, quando conta com a mediação do outro (ROCHA, 2006, p. 73).

Os questionamentos sobre essas duas formas de afeto são parte de um esforço de entendimento da comunicação intersubjetiva na sociedade. E, para além dessa questão, como podemos pensar no processo comunicativo entre pessoas de diferentes origens culturais? Como esse processo se dá em sujeitos que se experimentam como diferentes? As questões são pensadas em um momento histórico de insuficiência dos modelos integrativos e de uma heterogeneidade cada vez mais crescente no seio de nossas sociedades. Para empreender tal esforço, faz-se também necessário pensar no processo comunicativo em si, no objeto da comunicação e em sua forma de funcionamento em ato.

### **2.3.2 Uma comunicação do comum**

Para Muniz Sodré (2014, p. 191), pensar o processo comunicativo como consciente e verbal, reduzindo-o ao par emissor/receptor, é insuficiente para entender a comunicação em sua complexidade. De acordo com o autor, a comunicação não pode ser caracterizada por um diálogo verbal ou uma troca de informações, porque constitui na verdade uma forma modeladora, organização de trocas reais, um processo de pôr as diferenças em comum, sem que os indivíduos possam fazê-lo de maneira arbitrária (SODRÉ, 2014, p. 193).

A impossibilidade de arbitrariedade se dá porque comunicar envolve a força de uma transcendência, a partir da qual a “antropologia filosófica do encontro” (SODRÉ, 2014, p. 199) é fundada com base na relação Eu-Tu no âmbito da vinculação social. A coesão comunitária é o comum que não se vê, um tipo de “coração coletivo” que

simboliza um núcleo de sentido impossível de representar, um laço invisível e imanência despercebida (SODRÉ, 2014, p. 198).

O sentimento de *philia*, pensado em sua aplicação numa ciência da comunicação, ao qual estamos nos referindo, vai para além da ideia de amizade e faz parte do laço comum de vizinhança e partilha, traçando um círculo de convívio na sociedade (SODRÉ, 2014). Para Sodré, a vinculação intersubjetiva - “vinculação” e não “relação”, porque a atitude do sujeito para com o outro precede a representação, sem passar por uma reflexão mais demorada - é o meio de um processo comunicativo que une os opostos, tornando comuns as diferenças.

Comunicar é, portanto, a ação de instaurar, de maneira infinita, o comum da sociedade, a partir de uma vinculação e não de uma entidade agregada (SODRÉ, 2014). O vínculo é pura abertura na linguagem, sem essência física ou institucional (SODRÉ, 2014), estabelecendo-se em vínculos entre os indivíduos, que realizam constantemente negociações entre si, abrindo-se à possibilidade de chegar - e rever esses entendimentos mútuos, frequentemente - em denominadores comuns.

A ideia de “social” é uma abstração, na verdade existindo de forma concreta “indivíduos, associações e famílias ligados por redes de dependência que, além de razões econômicas, jurídicas e políticas, aglutinam-se por meio do comum” (SODRÉ, 2014, p. 205). Seguindo essa lógica, lembramos da ideia de produção do espaço, de Lefebvre.

De acordo com o filósofo marxista, precisamos pensar no espaço para além de um lugar que existe em si de maneira transparente, neutra, imutável e definitiva. O espaço só pode existir na medida em que é produzido, em que resulta de um conjunto de ações, relações, práticas e experiências sociais, ao mesmo tempo sendo parte dessas interações e processos (LEFEBVRE, 2013). Lefebvre defende a impossibilidade da existência de espaço sem relações sociais e, conseqüentemente, de relações sociais sem espaço.

Conseqüentemente, a comunicação enquanto relação social, lugar comum de estabelecimento do vínculo, prescinde de um espaço. Mas esse *topos* do comum também é, ao mesmo tempo, *tropos*, conjunto complexo de transformações animado por uma tensão interna guiadora de mudanças, tanto do espaço em si quanto dos indivíduos localizados ali, porque a harmonia do laço coesivo é uma dinâmica da aproximação das diferenças (SODRÉ, 2014, p. 207).

A convivência social intercultural é uma forma de viver junto, de conviver ou *ser-em-comum* intrínseca ao que Sodré propõe para a comunicação, porque em ambos os casos - do intercultural e da comunicação - é necessária uma interação vinculativa em que cada indivíduo, impotente no que tange ao domínio absoluto sobre sua identidade e subjetividade, “perde a si mesmo em função da abertura para o outro” (SODRÉ, 2014, p. 213).

O intercultural surgiu, nas últimas décadas, como um novo paradigma de entendimento das relações entre pessoas de diferentes origens culturais, em um planeta cada vez mais informatizado, globalizado e preocupado com o reconhecimento das diferenças entre os indivíduos. Há uma efervescência intelectual com relação ao estudo dos limites e dos significados da representatividade, enquanto atravessamos, na sociedade ocidental, uma complexificação individual e coletiva de pertencimentos.

### **2.3.3 O intercultural como prática para a convivência**

É necessário, antes de tudo, fazer algumas definições conceituais com relação aos termos que comumente são utilizados para referir ao intercultural e às suas diferentes instâncias. “Intercultural” refere-se a uma corrente de pensamento que compreende uma filosofia de ação, enquanto “interculturalismo” denomina um modelo de gestão da diversidade oposto ao multiculturalismo e, por último, “interculturalidade” é uma realidade social que ocorre a partir do contato entre pessoas de origens diferentes (WHITE, 2015, p. 55).

Tendo esclarecido a terminologia sobre o intercultural, podemos falar que o interculturalismo é uma forma de gestão política e social da diferença, fundada na ênfase à diversidade individual, à interação e ao diálogo entre as pessoas, em vez do reconhecimento e separação da diferença (CAPONIO; DONATIELLO, 2017, p. 2). É alicerçado no compartilhamento do que é comum, diferente do multiculturalismo, política focada na exibição do que é singular em cada grupo cultural (CAPONIO; DONATIELLO, 2017).

Essa forma de vida em grupo leva em conta “as diferenças que formam a diferença entre as pessoas”, servindo como fonte de diálogo e de mudanças recíprocas por sobre um fundo de regras e direitos comuns de uma sociedade democrática (RHÉAUME, 2017, p. 81, tradução nossa). É uma afirmação do

pluralismo, assim como da diversidade entre modos de ser e de se levar a vida compartilhada entre indivíduos.

Segundo White (2015, p. 49-50), a abordagem intercultural tem uma ética relacional inerente ao seu modo de funcionamento, com alguns fundamentos destacados a seguir. Em primeiro lugar, o ser humano tem necessidade de se sentir pertencente a um ou mais grupos, mas esse pertencimento pode ser múltiplo, evoluindo através do espaço e do tempo. No entanto, na comunicação intercultural as interações acontecerão, como em qualquer dinâmica social, necessariamente marcadas pelas desigualdades.

A esse respeito, frisamos que o refugiado no âmbito da sociedade de acolhimento tende a estar em condição de desigualdade, haja vista as prováveis desvantagens econômicas de quem foi compelido a deixar sua casa em situações adversas e que, como estrangeiro, gradualmente vai descobrindo como se circulam e como operam os códigos culturais e sociais do lugar aonde chega.

Também é implicada nessa ética relacional a forma pela qual se dá o diálogo. Dialogar com o outro não começa pelo reconhecimento do próximo, mas pela centração (WHITE, 2015, p. 50). Ou seja, antes de buscar um ajuste com o outro, é necessário tentar entender-se como sujeito centrado em determinados pontos de referência. Podemos destacar essa centração em valores, percepções e normas a partir dos quais desenvolvemos nossa experiência cultural e social com o mundo externo.

Pensar a sociedade em termos interculturais é um novo paradigma para se refletir a convivência na sociedade. Convivência [*vivre-ensemble*] é definido por White (2015, p. 56, tradução nossa) como “uma coabitação harmoniosa que permite a emergência de um projeto de sociedade comum entre pessoas de origens diversas que partilham um mesmo território”. Esse conceito é importante porque articula uma ética relacional no espaço urbano intercultural com uma lógica em que a cidadania estabelecida por vínculo opera.

Optamos por traduzir *vivre-ensemble* como convivência, seguindo exemplo do uso do conceito por Gimenez, *convivencia*, o correspondente espanhol (cf. WHITE, 2015, p. 53). Contudo, é necessário ter atenção aos usos da palavra, porque chamá-lo simplesmente de “convivência”, sem explicações, pode nos fazer cair numa armadilha semântica análoga à dos amplos e poucos específicos usos de “integração”.

Da mesma maneira que os discursos político e sociológico sobre integração ficam misturados quando não é esclarecido sobre o que se está falando, chamar *vivre-ensemble* de “convivência” precisa envolver uma especificação, por parte do pesquisador, sobre a temática tratada. Se utilizado nos estudos de interculturalidade, há necessidade desse uso ficar explícito no trabalho, de maneira a não criar confusão e misturar a ideia à do contato entre pessoas provenientes das mesmas origens culturais.

O estabelecimento do comum em contexto intercultural, quando trabalhamos com a ideia de uma organização social e política de convivência, é um problema de pesquisa da comunicação enquanto ciência e campo científico. O que nos possibilita fazer tal afirmação é o fato de que o devir<sup>6</sup> do refugiado no país de origem, chamado hegemonicamente de “integração”, processo constantemente reelaborado, é um processo de vinculação que não cessa de se rearranjar.

O caminho da pesquisa sobre a “integração” do refugiado, como apontamos acima neste capítulo, é mais complexo do que as análises feitas por processos de mensuração formais, institucionais e generalistas. É preciso realizar um processo de escuta do indivíduo envolvido, enquanto ele fala sobre sua trajetória e seus laços afetivos com a sociedade, o “coração coletivo”. Assim, podemos tentar entender se e como desenvolveu-se/desenvolve-se sua *philia* no local de acolhimento.

No próximo capítulo discutiremos sobre a metodologia usada para as entrevistas com os professores do Abraço Cultural na pesquisa de campo, assim como a respeito da forma pela qual conduzimos nosso estudo etnográfico enquanto aluno de francês da escola de idiomas.

---

<sup>6</sup> Utilizamos, aqui, a palavra “devir” com o sentido de uma “geografia, orientações, direções, entradas e saídas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9), considerando que “devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10), porque “à medida em que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quando ele próprio” (id.).

### **Capítulo III – BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DO TRABALHO DE CAMPO**

Neste capítulo apresentamos algumas das principais vertentes das teorias migratórias, as questões às quais buscam responder, assim como as maneiras pelas quais a literatura científica abordou o fenômeno. Em seguida, expomos o modelo transnacional de migração, nosso referencial teórico para este trabalho.

Finalmente, identificamos nosso instrumento de coleta de dados, a amostragem e os critérios metodológicos de leitura das informações colhidas em campo. O fio condutor de nossa metodologia passa por cada uma das quatro etapas da pesquisa: observação, aproximação, conversação e interpretação.

#### **3.1 - Teorias migratórias, seus principais objetivos e abordagens**

Na introdução de sua famosa obra *L'immigration*, Sayad afirma que a migração é um “fato social completo”, característica que, segundo ele, é consensual na comunidade científica. Para o autor, é uma forma de falar sobre a sociedade como um todo, além de ser ponto de encontro de inúmeras disciplinas, como história, economia, sociologia, direito, psicologia social e linguística, entre outras (SAYAD, 2006, p. 16).

Por ser um campo que implica tantas áreas do conhecimento e ângulos possíveis de observação, não é de surpreender a complexidade e a quantidade de abordagens existentes na literatura científica quando falamos sobre teorias migratórias. De acordo com Lussi (2015, p. 93), existe na literatura científica uma extensa gama de publicações preocupadas em entender a mobilidade humana, desde diferentes eixos disciplinares e a partir de infinitos eixos de análise, que vão dos sujeitos implicados diretamente no processo às instâncias mais amplas, como as questões legais, o papel dos Estados-nação, entre outras.

A socióloga destaca também (2015, p. 93-94) que qualquer elaboração teórica - incluindo as sobre migrações - tem sua epistemologia contextualizada no espaço-tempo onde foi originada, sendo então datada e parcial. Portanto, apesar de indispensáveis, todas as teorias são limitadas para a compreensão de um fenômeno.

Não temos como intenção trabalhar exaustivamente as teorias migratórias. O que faremos é indicar, a seguir, em que consiste uma teoria migratória, esboçando as

principais correntes de pensamento nas teorias das causas e nas teorias dos efeitos das migrações, assim como alguns de seus paradigmas. Tendo feito isso, apresentaremos a linha teórica que optamos por seguir.

Em linhas gerais, uma teoria migratória tem dois principais objetivos. O primeiro é o de explicar as possíveis causas das migrações, tanto a partir de fatores que suscitaram um indivíduo a tomar a decisão individual de migrar, ponto de vista micro, quanto por perspectivas mais amplas, macro, como fatores econômicos e sociais envolvidos na migração (PICHET, 2013).

### **3.1.1 Teorias das causas**

Optamos por dar ênfase, no contexto do estudo das causas, a três principais ângulos de investigação do fenômeno, seguindo as abordagens destacadas por Piguet (2013). As perspectivas clássicas são as mais antigas, com premissas fundadas na hipótese central do *homo economicus* enquanto ser racional e, ao longo dos anos, foram propostos aprofundamentos dessa ideia e de suas implicações.

A primeira tentativa clara de teorizar as migrações remonta ao século XIX e foi de Ravenstein (1885), a partir das “leis da migração”, que tomavam como referência a observação de migrações internacionais realizadas entre dezenove países e das migrações internas no Reino Unido. Para o geógrafo, representante da corrente econômica neoclássica, o fator econômico era o mais importante para o indivíduo tomar a decisão de migrar.

Ao longo do século XX surgiram novas correntes, entre elas concepções que: a) levam em conta a etapa - idade, ocupação - da vida em que o sujeito está para determinar se há mais ou menos propensão à migração; b) consideram o papel do capital humano, ou seja, das competências, saberes e experiências ao supostamente possibilitarem ao indivíduo maior capacidade de migrar; c) ressaltam a relação entre a informação do possível migrante sobre a empreitada de deslocar-se para outro país e a tomada de decisão a esse respeito; d) refletem sobre o nível de satisfação dos sujeitos com o lugar onde vivem e sua percepção com relação ao possível local de chegada (PIGUET, 2013, p. 142-145).

As perspectivas decorrentes da psicologia social têm como objetivo questionar os modelos neoclássicos, que em geral veem o comportamento humano como inalterado e previsível. São teorias que tendem à interdisciplinaridade e que pensaram no estudo das causas das migrações principalmente: como ato voluntário e racional

de migrar, possível de apreender a partir da diferença de comportamento entre os indivíduos, através de estudos de natureza sociopsicológica. Segundo a postulação de comportamentos com relação à tomada de decisão de migrar em função de fatores num contexto social específico, o qual determina, além da escolha individual do sujeito, a viabilidade do empreendimento. E, ainda, as teorias das migrações decorrentes da psicologia social abordam o fenômeno a partir da análise e da distinção entre intenção e ação - propriamente dita - de tomar a decisão de migrar (PIGUET, 2013, p. 147-149).

Apontamos também as abordagens sociológicas e geográficas, que buscam compreender melhor as correlações entre o migrante e sua ambiência social, principalmente a partir de suas representações coletivas. Podemos destacar duas perspectivas pelas quais se tenta atingir esses objetivos.

Primeiramente, a teoria das redes e do capital social, em que se consideram as redes de conexões interpessoais, como a família, pessoas originárias da mesma região ou do mesmo grupo cultural, concebendo o sujeito ligado a uma estrutura social fornecedora de informações e da ajuda para empreender o ato da migração. Em segundo lugar, o imaginário geográfico, que pode ser representado pelos mapas mentais que os indivíduos constroem sobre outras culturas geram estereótipos de interpretação do mundo apoiados na grande circulação de imagens, mídias e ideologias (PIGUET, 2013, p. 150-152).

O segundo objetivo de uma teoria migratória é demonstrar em que medida a migração atende aos seus objetivos, ou seja, esse propósito se baseia no estudo dos seus efeitos. Na literatura científica, por mais que seja consensual o aspecto positivo do ato de migrar, no caso do migrante voluntário, há intenso debate sobre o impacto social e econômico da migração nas sociedades de acolhimento (PICHET, 2013). As teorias dos efeitos das migrações têm três principais tipos de abordagem, de cunho econômico, político e social, segundo as divisões propostas por Pichet (2013, p. 34-44), às quais nos orientamos a seguir.

### **3.1.2 As teorias dos efeitos**

A perspectiva econômica se divide em três principais *approaches*. Um de orientação marxista, macroeconômica, que entende as migrações como resultado de uma necessidade estrutural de acumulação de capital dos empregadores. Segundo esses estudiosos, os migrantes se encontram no nível mais baixo na escala do

trabalho - o da classe trabalhadora -, fator que segundo Castles e Kosack (1972) reforça uma divisão entre trabalhadores estrangeiros e locais.

Há uma corrente, também macroeconômica, preocupada em entender os efeitos das migrações em países de desenvolvimento, considerando os impactos da emigração dessas pessoas em seus países de origem. Uma das questões às quais se atêm os pesquisadores, por exemplo, refere-se às consequências do envio de remessas de dinheiro dos emigrados aos seus países de origem. E, por último, há uma corrente microeconômica, preocupada em responder, entre outros, aos questionamentos relacionados às consequências dos fluxos migratórios na geração de emprego e renda dos países receptores.

No ponto de vista político das pesquisas sobre os efeitos das migrações, a atenção é dada principalmente às relações entre minorias e majorias políticas no cerne dos debates identitários, assim como aos fatores internacionais envolvidos na formação dos movimentos de refugiados. São discutidas questões sobre, por exemplo, como se dão as migrações de refugiados em um contexto global de assimetrias de poderes e de riquezas; as maneiras pelas quais o contexto político mundial altera as políticas migratórias, entre outras.

E, finalmente, os trabalhos sobre os efeitos sociais das migrações exploram os desafios criados pela crescente diversidade étnica, racial e social das sociedades nas últimas décadas. Quais são as relações entre os cidadãos das sociedades receptoras, em conjunto com o poder público, organizações não governamentais e instituições em geral com as migrações? Como funciona o jogo entre minorias e majorias nesse contexto? É de pensar esse tipo de questão que se encarrega a perspectiva social dos efeitos.

A partir da década de 1990, surgiram estudos sobre mobilidade humana focados em novos temas, trazidos principalmente pela sociologia, a antropologia e as ciências políticas, como gênero, diversidade cultural e identidade ou religião, por exemplo (LUSSI, 2015, p. 112-113).

### **3.1.3 Teoria transdisciplinar**

Assumimos, neste trabalho, uma visão teórica transdisciplinar das migrações internacionais, perspectiva de pesquisa que também ganhou força na última década do século XX. De acordo com Lussi (2015), o transnacionalismo é incluído na categoria de teorias migratórias que consideram a mobilidade humana um projeto

constantemente reelaborado, parte de processos sociais e pessoais, coletivos e internos, que devem ser entendidos como um todo.

Antes de tudo, as estratégias transnacionais surgem no cotidiano e nas relações sociais dos transmigrantes, as quais modulam e transformam a vida dos indivíduos que migram e daqueles que participam da trajetória desses sujeitos, quer sejam estes terceiros migrantes ou não (LUSI, 2015, p. 51).

A autora também pontua a importância das transformações identitárias e culturais que ocorrem a nível individual. A perspectiva teórica transdisciplinar das migrações, segundo ela, não se conforma a visões fechadas de cultura, além de não conceber os fluxos migratórios como bilaterais e unidirecionais, mas sim como realidades transnacionais (LUSI, 2015). Este entendimento da mobilidade humana, portanto, compreende o fenômeno como circular, em um modelo no qual as relações e movimentos que ocorrem implicam diversos lugares de origem, trânsito e destino (LUSI, 2015, p. 54).

Para Glick-Schiller, uma das principais teóricas do transnacionalismo para o estudo das migrações internacionais, enquanto alguns migrantes se identificam “mais com uma sociedade do que com outra, a maioria parece conservar diversas identidades, o que os mantém conectados simultaneamente com mais de uma nação” (GLICK-SCHILLER, 1992, p. 11). O contexto transnacional, para ela, se desenvolve na vida dos migrantes a partir da interação entre quatro fenômenos: a experiência histórica, as condições estruturais e as ideologias da sociedade de origem e da de destino (GLICK-SCHILLER, 1992).

Os transmigrantes são pessoas que circulam bens e ideias culturais e sociais, interpretando as barreiras estabelecidas pelos Estados-nação de maneira flexível, adaptando-as às exigências e às possibilidades de seus projetos pessoais e coletivos, da mesma forma que aos seus percursos existenciais (LUSI, 2015, p. 49).

A seguir, apresentaremos a metodologia do presente estudo, com o instrumento de coleta de dados, a amostragem da pesquisa e nossos critérios teóricos para a análise dos dados sendo estruturados em conformidade com os quatro estágios da nossa pesquisa.

### 3.2 - Instrumento de coleta de dados

O presente trabalho traz a proposta de um estudo etnográfico imersivo no curso de idiomas *Abrço Cultural* como instrumento de coleta de dados. Seguimos Cléret (2013, p. 55) ao considerar que o pesquisador tem participação direta no fenômeno estudado e, seja sua imersão parcial ou completa, o investigador não pode ser separado de seu objeto de estudo. Por isso, consideramos a subjetividade parte integrante das pesquisas etnográficas.

Dividimos nossa abordagem metodológica qualitativa em quatro etapas: observação, aproximação, conversação e interpretação dos dados, numa pesquisa que começou no mês de maio de 2018 e ocorrerá, em campo, até o mês de novembro do mesmo ano.

O primeiro passo se deu com o afinamento da questão de pesquisa, ou seja, dos estudos sobre integração no Brasil e no mundo, assim como a posterior intenção de explorar o fator subjetivo na “integração local” de refugiados. A perspectiva é pela qual entendemos o fenômeno, como exposto no capítulo anterior, a partir da comunicação enquanto trocas intersubjetivas entre os indivíduos envolvidos no processo de refúgio e a sociedade de acolhimento.

Escolhemos, então, o *Abrço Cultural* como local de pesquisa, por ter sedes no Rio de Janeiro, ser próximo à minha casa e de fácil acesso a partir do Centro da cidade. Além disso, é um local que se propõe a acolher, integrar à sociedade brasileira e valorizar os refugiados em suas culturas. Interessou-nos, também, a possibilidade de entrar em um de seus cursos de idiomas e criar uma rotina de pesquisa nesse espaço.

Posteriormente à identificação do grupo social, cultura ou território que o pesquisador busca estudar, se prepara para emergir, de maneira mais ou menos profunda no cotidiano dos indivíduos que lá vivem (CLÉRET, 2013, p. 57). Isso justifica nossos próximos passos no caminho metodológico.

A aproximação, parte que consideramos mais importante, é a transição entre a observação e a conversação. É aqui que negociamos nossa entrada no grupo estudado, processo que em alguns casos de pesquisa etnográfica pode ser longo (VALLADARES, 2007) e, no nosso caso, durou de maio a agosto de 2018. A aproximação também é um procedimento importante para construir capital de confiança com as pessoas envolvidas com o meio que pretendemos pesquisar.

Nesta etapa, fizemos o teste de nivelamento e me matriculei no curso extensivo de francês do *Abraço Cultural*, além de entrar em contato direto com voluntários e conhecê-los - por email e pessoalmente, em eventos como as aulas culturais do curso e na *Feira Chega Junto*<sup>7</sup>, realizada mensalmente com refugiados e migrantes -, com intenção de sinalizar que estamos à disposição para realizar trabalhos voluntários de comunicação e design para a organização.

O terceiro passo, conversação, começou a partir do mês de agosto, quando começaram nossas aulas no curso e, conseqüentemente, estabeleceu-se uma comunicação semanal/frequente com alunos, voluntários e professores do *Abraço*. A fase de conversação marca o começo de nosso trabalho de observação participante, que engloba sermos alunos-pesquisadores e a possibilidade de colher dados *in loco*.

A perspectiva adotada aqui é a de “participante-como-observador”, alguém integrado à vida do grupo e envolvido com as pessoas, numa relação com os indivíduos que não se restringe à do papel de pesquisador (ANGROSINO, 2009). Portanto há, além do envolvimento direto do investigador enquanto sujeito participante, a preocupação com um respeito ao lugar de pesquisa e com as pessoas presentes, que consideramos sujeitos e não meros objetos de estudo.

### 3.3 - Amostragem

A fase de conversação, além de ser um momento de observação desde dentro do *Abraço Cultural*, também é o momento da pesquisa em que serão realizadas entrevistas com os professores, todos em situação de refúgio. Como ressaltamos no **Capítulo I**, este é um pré-requisito para poder lecionar na escola de idiomas.

Acreditamos na possibilidade de recolher empiricamente informações sobre como estão ocorrendo os processos subjetivos de se estar em situação de refúgio no Brasil e de “integração local” na sociedade brasileira. As entrevistas serão de modelo semi-estruturado, organizando perguntas abertas e fechadas, nas quais os informantes podem discorrer livremente sobre o tema proposto (BONI; QUARESMA, 2005).

---

<sup>7</sup> "Chega Junto - Home | Facebook." <https://www.facebook.com/feirachegajunto/>. Acessado em 26 ago. 2018.

Segundo Bertaux (2003), os relatos de vida são uma forma narrativa de produção discursiva e consistem, para o narrador, em contar a outra pessoa episódios de experiências vividas. De acordo com o autor, essas experiências contadas são ativadas por uma solicitação exterior, de alguém que pede a um indivíduo que narre sua história ou parte dela.

Esse método qualitativo possibilita a apreensão do sentido dos fenômenos humanos através de suas temporalidades, suas construções identitárias individuais, trajetórias sociais e mudanças culturais (BURRICK, 2010). Em termos metodológicos, levando em consideração nosso objetivo de compreender o discurso que tenta recriar uma experiência subjetiva, lançamos mão de um tipo específico de escuta.

Para apreender o discurso de um indivíduo em produção de um relato linguístico individual fundado numa livre associação realizada a partir das experiências vividas por ele, nos servimos de uma escuta flutuante que, para Freud (2017, p. 67), “consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma 'atenção uniformemente suspensa' (...) em face de tudo o que se escuta”.

Nosso modelo de entrevista semi-estruturada tem poucas questões, restritas à exploração dos eixos “como veio para o Brasil e para o *Abraço Cultural*”, “o que é integração para o indivíduo e se considera estar integrado” e “se tem planos de continuar no Brasil e qual seria seu futuro ideal enquanto migrante vivendo aqui”. Para além dessas questões, a conversa é livre, de acordo com os encaminhamentos direcionados pelo entrevistado em seu relato.

Acreditamos no enriquecimento do potencial da entrevista quando o sujeito implicado nos processos explicados acima tem liberdade para direcionar o rumo da interlocução. Por vezes podem surgir perspectivas e questões não pensadas antes pelo investigador ao idealizar seu trabalho de campo.

São 14 professores que dão aula nas filiais do *Abraço Cultural* no Rio de Janeiro, como expusemos no **Capítulo I**. Ao sondar, com voluntários do curso, sobre a possibilidade de entrevistar professores refugiados, nos foi dito que nem todos aceitam participar dos trabalhos, por uma série de motivos, entre eles dois principais: a grande quantidade de pesquisadores procurando pessoas em situação de refúgio para testemunhar em suas pesquisas e indivíduos que não gostam de falar sobre suas experiências migratórias porque são traumatizados.

Considerando esses fatores e o pouco tempo disponível para a realização da pesquisa, trabalhamos com a expectativa realista de entrevistar ao menos 5

professores do *Abraço Cultural*. Sobre a amostragem, é necessário considerar um grupo de entrevistados que reflita a heterogeneidade do grupo inteiro (ANGROSINO, 2009, p. 68). Portanto, ao selecionar os entrevistados, buscaremos uma diversificação por gênero e nacionalidade de origem, para dar voz à maior pluralidade possível do grupo.

Vale ressaltar a importância de informar a todas as pessoas que participarem da pesquisa sobre o anonimato reservado aos entrevistados, assim como a confidencialidade dos dados de quem aceitou dar entrevista, em conformidade às políticas de ética que regem os estudos científicos no Brasil.

### **3.4 Critérios metodológicos para a análise dos dados**

O quarto e último passo de nossa metodologia é a análise dos dados coletados em campo. Envolve, por um lado, a interpretação das informações coletadas no diário de campo cultivado durante toda a pesquisa, desde o mês de maio de 2018, em que registramos nossas idas a aulas culturais, as visitas às sedes e as aulas do curso de francês do *Abraço Cultural*. E, por outro, a análise dos dados das entrevistas cedidas pelos sujeitos em situação de refúgio.

Nossa interpretação dos dados será, a exemplo da teoria migratória utilizada, transdisciplinar, porque não se restringe ao espaço de apenas uma área de estudos das ciências humanas. Segundo Lucchesi e Malanga (2011, p. 75), “a transdisciplinaridade busca o que está entre e acima das disciplinas”, logo partimos da inter-relação entre algumas premissas de cunho sociológico, da psicologia social, e do conceito de cultura, que se entrelaçam na compreensão empírica do fenômeno pelo qual passa o indivíduo no processo migratório.

Seguindo essa ideia, assim como apoiados na noção de comunicação enquanto vínculo intersubjetivo, explicitada no capítulo anterior, buscamos descrever o processo comunicativo do indivíduo refugiado. É a elaboração de uma leitura do “fato social total” vivido, do sujeito em contato com uma nova realidade, que a vive e é atravessado pelas significações provenientes deste local. Estabeleceremos os limites e as diferenças entre as perspectivas transcultural e intercultural, depois de tecer mais algumas considerações pertinentes à nossa leitura dos dados.

Os depoimentos dos entrevistados serão interpretados analisando seus discursos enquanto indivíduos em processo de “integração local” no Brasil. O discurso, além de expresso por regras e estruturas de linguagem individual, carrega significações do pensamento construído com base no lugar ocupado pela pessoa no mundo social (GONDIM; FISCHER, 2009, p. 10).

Em linhas gerais, a análise do discurso é a análise da fala em contexto, e é uma forma de tentar compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto (GONDIM; FISCHER, 2009, p. 12). Portanto, é preciso ir além do texto para buscar localizar as condições que o produziram e ter acesso ao seu sentido - o enunciador do discurso é um sujeito discursivo, “cuja história pessoal se insere na história social, ideologicamente marcada” (id.).

“Ir além do texto” significa tentar entender o sentido da fala do nosso entrevistado enquanto alguém que pode ser mulher ou homem, negro, latino ou árabe em situação de refúgio no Brasil. Como suas características fenotípicas, culturais e sociais podem moldar sua interação com nossa sociedade? E, além disso, como suas experiências sociais anteriores podem construir uma vivência e uma visão específica da “integração local”?

Em consonância com o exposto anteriormente sobre a migração enquanto fato social completo e sobre nossa abordagem teórica transdisciplinar, explicitamos a seguir ideias que permeiam nossa observação direta do fenômeno e a sua interpretação à luz da teoria.

O discurso sobre “integração” é necessariamente um discurso sobre a própria identidade e a do outro, além de representar um jogo de forças ao qual essas identidades estão envolvidas (SAYAD, 1994). Pensar a subjetividade em tais circunstâncias exige seguir por um caminho conceitual fluido e processual, desenraizado de essencialismos de cunho cultural.

Nesse sentido, Guattari (2006) considera a subjetividade enquanto uma produção condicionada a instâncias individuais, coletivas e institucionais. Para o autor, essas três instâncias não determinam o sujeito necessariamente pela hierarquia clássica dos sistemas tradicionais de determinação, que pregavam a relação entre infraestrutura material e superestrutura ideológica.

O filósofo propõe “ampliar a definição de subjetividade de modo a ultrapassar a oposição clássica entre sujeito e sociedade” (GUATTARI, 2006, p. 11). Essa noção nos auxilia a compreender o processo pelo qual o refugiado passa, de devir cidadão

e pertencente à sociedade de acolhimento. O indivíduo, mesmo com *backgrounds* culturais diversos, pode ter uma identificação com o Brasil construída ao longo de sua trajetória no país, enquanto produz subjetividade e realiza negociações culturais.

A respeito da entrada de sujeitos com diferentes referenciais culturais no grupo do qual eles se aproximam, citando Schütz (2010, p. 124), é impossível o migrante usar o código cultural exatamente como ele é, assim como não existe uma fórmula de transformação entre padrões culturais que permita “converter todas as coordenadas dentro de um esquema de orientação válido naquele outro”. Consideramos a proposta do autor, segundo a qual o estrangeiro precisa “traduzir” para os seus os termos do padrão cultural da comunidade de destino.

Esse processo de tradução, meio-termo entre diferentes referenciais, também justifica nossa opção pelo intercultural, exposta no **Capítulo II**. Esta definição de cultura carrega em sua denominação o prefixo latino *inter-*, que tem como significado “entre”, “no espaço de”, designando um processo com tendência a uma convergência aos referenciais culturais dos grupos envolvidos.

Após apontar que estamos considerando o fenômeno migratório a partir da ótica transnacional, é importante ressaltar os motivos pelos quais escolhemos a conceituação de cultura enquanto “intercultural” e não “transcultural”. Nosso objetivo aqui é pensar no conceito de cultura para além do espaço contido nos Estados-nação e dos entendimentos do conceito enquanto enraizamento de sujeitos a características primeiras.

O prefixo latino *trans-* tem como significados “além de”, “para além de”, “através”. Transcultural significa “uma abertura de todas as culturas a tudo aquilo que as atravessa e as ultrapassa” (NICOLESCU, 2001, p. 7 apud LUCCHESI; MALANGA, 2011, p. 83), dentro de uma tendência contemporânea de diluição da identidade nacional, de uma nova sociedade globalizada e em rede.

Transculturalidade é uma perspectiva limitada para tratar do processo comunicativo. A partir do momento em que consideramos comunicar como o estabelecimento de um comum social, baseado na interação e no contato humano interpessoal, o atravessamento e a simples abertura transcultural a qualquer tipo de matéria não pode dar conta do fenômeno. Sodré (2015) diferencia, ao falar do processo comunicativo, “interação” de “interatividade”, defendendo que o segundo é uma transmissão de informações mediatizada pelas tecnologias.

Apenas transmitir informações não é comunicar, porque os meios tecnológicos constituem uma esfera existencial voltada para os interesses mercadológicos e do capitalismo neoliberal, financeiro, chamada de *bios midiático* (SODRÉ, 2015). A ligação com a coesão social, com o sentimento de pertencimento à comunidade não é a finalidade principal desse ambiente, cujo principal interesse é o lucro.

O intercultural funciona em conformidade às tendências contemporâneas do transcultural, tratando-se, também, de um processo sempre em andamento de negociação entre culturas. Porém, podemos diferenciá-los com relação à maneira como cada processo se dá. O intercultural dá conta de uma negociação intersubjetiva constante, não conforme aos espaços simbólicos do Estado-nação, (como o transcultural?), embora aconteça fisicamente lá e ocorra como estabelecimento de vínculo intersubjetivo. Portanto, se coaduna com a teoria transcultural das migrações, haja vista que também realiza uma interpretação flexível das barreiras identitárias dos sujeitos, assim como das instâncias burocráticas dos países, posicionando-as em espaços outros, novos.

Sob a perspectiva da comunicação, lemos os dados dos entrevistados a partir de um ponto de vista subjetivista. Não entendemos comunicação enquanto o paradigma clássico de uma mensagem sendo enviada, de um emissor para um receptor, através de um meio (SHANNON, 1949). Como afirmamos anteriormente, buscamos entender a comunicação do refugiado com a sociedade brasileira a partir de seu sentimento de *philia*, fator subjetivo de caracterização da experiência migratória como bem-sucedida.

Lembramos que a *philia*, conforme concebida por Aristóteles, é uma forma de amor *sui generis*, construído “na troca e no intercâmbio em que se desenvolve a relação de doação recíproca, e na qual se nutre a relação *inter-subjetiva* e a ‘convivência’ entre amigos” (ROCHA, 2006, p. 81).

Acreditamos que seja essencial uma interpretação da “integração local” de refugiados considerando o fator subjetivo. Não é suficiente pensar no fenômeno por uma perspectiva integrativa que considera em primeiro lugar a funcionalidade de pensar e estabelecer políticas para refugiados apenas a partir parâmetros jurídicos, econômicos e sociais. Não negamos que esses fatores também sejam muito importantes, mas o processo analítico é trilhado, acima de tudo, considerando toda a complexidade de um indivíduo que vive, pensa e sente.

Nas entrevistas, buscamos entender principalmente o que significa integração e estar integrado para os refugiados, quais são os laços afetivos identificados por eles com o Brasil e, qual sua perspectiva como migrantes no futuro aqui, caso queiram de fato continuar morando no país.

Em relação ao processo de pesquisa de campo no contexto intercultural, é importante ter um olhar crítico apurado e sem romantizar o estrangeiro. O entrevistador, como ouvinte no contexto intercultural, vê-se confrontado com a alta complexidade cultural do outro e tende a reduzi-la ao tentar encaixar as ações exteriores desse sujeito em suas próprias categorias sógnicas (SCHRÖDER, 2008).

## CAPÍTULO IV – TRABALHO DE CAMPO NO ABRAÇO CULTURAL

Neste capítulo, expomos informações relativas ao trabalho de campo realizado no *Abraço Cultural*, relatando como se deram os primeiros contatos, a aproximação, a conversação o dia a dia como aluno. Portanto, utilizamos a primeira pessoa do singular algumas vezes nas próximas páginas.

Empreendemos, também, a análise dos dados das entrevistas realizadas com professores do *Abraço Cultural*, apresentada, aqui, a partir dos eixos semi-estruturados planejados para esses diálogos.

### 4.1 Primeiros contatos

Meu primeiro contato com o *Abraço Cultural* se deu no início de abril de 2018, quando visitei a sede do curso de idiomas em Botafogo. Duas salas de aula são cedidas à escola de idiomas, de segunda a sexta-feira, à noite, na *Casa de Cultura judaica Habonin Dror*<sup>8</sup>. Por conta da adaptação do espaço aos usos do *Abraço*, não há uma recepção ou secretaria na sede de Botafogo, e nesse dia fui atendido por uma voluntária, em uma mesa de plástico ao lado do portão.

Segundo as informações dadas por essa voluntária, a sede da Tijuca era o lugar com uma estrutura mais organizada, e a filial principal do *Abraço Cultural* no Rio de Janeiro. Quando perguntei sobre a possibilidade de entrevistar professores do curso, a orientação inicial foi com relação à necessidade de mandar um email formal, explicando como se daria a pesquisa e quais seriam os objetivos, para os interessados em participar - se houvesse - serem encaminhados a mim.

Foi a partir dessas primeiras impressões que surgiu a ideia de fazer a matrícula em um dos cursos, com o objetivo de realizar um estudo mais longo, estabelecer maior contato com a iniciativa e com as pessoas envolvidas. A maior dificuldade do estudo, inclusive, foi com relação ao tempo disponível para realizá-lo, já que as matrículas para novas turmas só foram abertas depois do encerramento do primeiro período de 2018, no início do mês de julho.

Realizei o nivelamento de francês on-line e me matriculei no *Abraço Cultural* da Tijuca, na turma de francês 4. A escolha dessa sede específica se deu por ser a

---

<sup>8</sup> "Casa de Cultura Habonim Dror - Página inicial | Facebook." <https://pt-br.facebook.com/cchdrj/>. Acessado em 25 set. 2018.

principal, com melhor estrutura física, onde ocorrem mais aulas e circulam mais pessoas envolvidas com a escola de idiomas. Àquela altura entendi que estar na sede principal me daria maiores chances de conhecer e conversar com mais alunos, voluntários e professores.

Durante o longo período entre minha primeira visita ao *Abraço Cultural* de Botafogo, em abril, e o início das aulas do segundo semestre de 2018, em agosto, estabeleci contato e busquei aproximação com o curso de idiomas de diferentes maneiras, de acordo com as possibilidades.

O curso disponibiliza aulas culturais mensalmente, eventos em que geralmente especialistas sobre um tema específico apresentam a matéria aos inscritos, tanto alunos quanto pessoas da comunidade externa. Esses eventos costumam ter duas partes. A aula e, depois, uma confraternização com música e comida típica de algum país ou região específica.

Estive presente na aula cultural do dia 11 de maio, denominada *A Questão Curda*. O evento foi realizado no *Abraço Cultural* de Botafogo, e como foi grande o número de pessoas interessadas, não tinha cadeiras disponíveis para todos os presentes, que se acomodavam como podiam. Depois, em um segundo momento, foi vendida comida árabe e foram tocadas músicas curdas em uma caixa de som, na quadra da *Casa de Cultura judaica Habonin Dror*.

Fui, também, à *Feira Rio Refugia*<sup>9</sup>, realizada no dia 23 de junho, no Sesc Tijuca. O evento, organizado pela *Cáritas*, pelo *Chega Junto*<sup>10</sup> e pelo *Abraço Cultural*, foi uma comemoração do Dia Internacional do Refugiado, com gastronomia, moda, arte e oficinas culturais. Nesse dia fui à barraca do *Abraço* e me ofereci para ser voluntário da organização, parceria que resultou na realização de pequenos trabalhos de design, algumas semanas depois.

Esses trabalhos voluntários foram o início de uma aproximação e da criação de um capital de confiança com funcionários e voluntários da escola de idiomas. Essa afinidade e amizade construída me ajudou na presente pesquisa, principalmente no momento de conseguir entrevistados, já que dois dos cinco professores com quem

---

<sup>9</sup> "Sesc Tijuca recebe 2ª edição do festival Rio Refugia, em homenagem ...." 20 jun. 2018, <http://arqrio.org/noticias/detalhes/6764/sesc-tijuca-recebe-2a-edicao-do-festival-rio-refugia-em-homenagem-ao-dia-mundial-do-refugiado>. Acessado em 25 set. 2018.

<sup>10</sup> "Chega Junto - Página inicial | Facebook." <https://pt-br.facebook.com/feirachegajunto/>. Acessado em 25 set. 2018.

conversei para realizar esta monografia me foram encaminhados pelo próprio *Abrço Cultural*, quando solicitei.

## 4.2 O dia a dia como aluno

Desde o começo, minha relação como aluno e, conseqüentemente, consumidor do *Abrço Cultural* foi muito boa. O curso faz uma boa recepção dos novos estudantes, os funcionários e voluntários são solícitos, atenciosos e dispostos a esclarecer rapidamente qualquer dúvida ou problema relativo ao pagamento, à matrícula ou a qualquer questão que surgir por parte do aluno.

Além disso, os cursos são baratos, e os preços são consideravelmente mais baixos do que os praticados por escolas de idiomas tradicionais. As turmas de francês, por exemplo, costumam ter filas de espera para os módulos iniciais, tamanha a procura e o custo-benefício, se comparado a outras escolas de língua francesa mais conhecidas.

Conversando informalmente com dois dos outros alunos da minha turma, ambos disseram que o preço os influenciou na escolha do *Abrço Cultural*. Um deles comentou, também, que fica feliz de estar lá e ajudar, mesmo de maneira pontual, no que chamou de “causa dos refugiados”.

O espaço onde funciona o *Abrço Cultural* da Tijuca tem seis salas de aula e foi cedido pela escola de idiomas *Wizard*. Todas as salas têm nomes de mulheres defensoras dos Direitos Humanos, como Malala Youzafzai e Marielle Franco, assim como uma foto de cada uma em sua respectiva porta, além de uma breve biografia.

O *Abrço Cultural* não é uma escola de idiomas voltada para o ensino de crianças e adolescentes. Os alunos de lá estão principalmente numa faixa de idade entre o início da idade adulta e a meia idade. Na filial da Tijuca, às segundas-feiras, dia das minhas aulas, aparentemente os alunos das turmas de inglês são mais velhos, principalmente de meia idade. Quem estuda espanhol e francês, por sua vez, parece ser o público mais novo.

Embora o atendimento do *Abrço Cultural* seja bom, com relação às aulas propriamente ditas o curso apresenta alguns problemas técnicos. O apoio audiovisual é limitado, porque as caixas de som utilizadas emitem sons baixos, além de não existirem projetores para imagens nas salas de aula. Quando são passados vídeos nas aulas, por exemplo, toda a turma precisa tentar assisti-los na tela de um notebook.

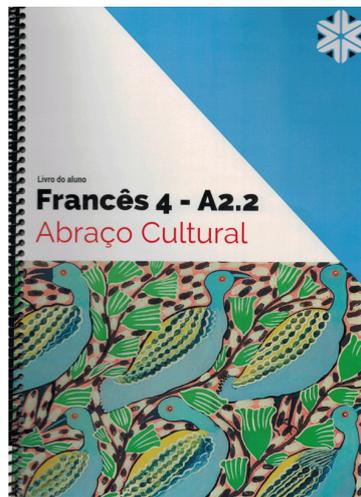
É provável que essa precariedade se dê por conta da pequena margem de lucros proveniente das baixas mensalidades pagas pelos alunos.

No caso específico da turma na qual me matriculei, por mais que existam problemas na exibição de material audiovisual, as aulas são excelentes. Meu professor de francês é haitiano e o domínio nativo do idioma faz toda a diferença quando ele ensina. Além disso, ele já foi professor de língua francesa e de literatura haitiana antes de vir para o Brasil, tendo portanto familiaridade com a profissão.

É necessário ressaltar que nem todos os professores do *Abraço Cultural* ensinam suas línguas maternas, como a propaganda do curso faz parecer. Há, por exemplo, professores originários de países árabes ou da África francófona que ministram cursos de inglês.

Um dos alunos da minha turma comentou que, na opinião dele, a filial da Tijuca é de longe a com melhor estrutura para se ter aulas. Esse aluno disse ter tentado estudar por um semestre no *Abraço Cultural* de Botafogo mas, segundo ele, as salas de aula não tinham isolamento acústico adequado, não tinham ar condicionado e havia cadeiras improvisadas no lugar de carteiras. Ele cancelou sua matrícula depois de três semanas.

Figura 3 - Livro didático do Abraço Cultural



Fonte: Coelho (2018)

Os livros didáticos dos cursos são feitos pelo próprio *Abraço Cultural*, e às vezes o espaço destinado a cada exercício - aparentemente para economizar papel - não é o necessário para realizá-lo. O material impresso utilizado como base para cada módulo ofertado pelo curso segue o *Quadro Europeu Comum de Referência* (QECR),

que é dividido em seis níveis de competência: A1 e A2 (níveis elementares), B1 e B2 (níveis independentes) e C1 e C2 (níveis de proficiência).

No segundo semestre de 2018, a escola de idiomas oferece no Rio de Janeiro apenas módulos que vão até os níveis independentes, porque considera como parâmetro a evolução das primeiras turmas, abertas na cidade no ano de 2016. Seguindo a progressão dos cursos extensivos, os primeiros grupos, matriculados naquele ano, estão no último semestre do nível B1, B1.3.

No convívio do dia a dia, tanto nos corredores quanto na sala de aula, os alunos expõem sua curiosidade com relação à trajetória de vida dos professores do *Abraço Cultural*. Surgem, por vezes, perguntas sobre de onde essas pessoas vieram, como começaram a dar aula lá e há quanto tempo estão morando no Brasil.

Os próprios professores costumam ter o hábito de chegar antes do horário das aulas da noite e ficar conversando na sala de reuniões. Geralmente nas conversas entre eles é utilizado como idioma principalmente o inglês, tanto nesse momento específico de troca quanto no contato breve nos intervalos e no fim das aulas.

### **4.3 Entrevistas com os professores**

Foram realizadas, para este trabalho, cinco entrevistas semi-estruturadas com professores do *Abraço Cultural*. São eles: quatro homens, do Haiti, República Democrática do Congo, Venezuela e Marrocos; além de uma mulher vinda da Síria. A diferença de proporção com relação ao gênero dos entrevistados tem a ver com o total de professores da escola de idiomas no Rio de Janeiro, que conta com doze homens em um universo de catorze profissionais.

Desses cinco entrevistados, três foram abordados diretamente por mim. O primeiro entrevistado foi meu professor, depois entrei em contato com o segundo entrevistado por *Whatsapp* e com outro pelo *Facebook*, convidando-os a participar da pesquisa. Dois dos entrevistados foram indicados pelo *Abraço Cultural*, a partir de uma solicitação que fiz pessoalmente e depois, de maneira formal, por email.

O anonimato dos participantes foi mantido e foram escolhidos nomes fictícios, de acordo com nomes comuns em seus países. O entrevistado haitiano, professor de

francês, será chamado de Emmanuel<sup>11</sup>; o da República Democrática do Congo, também professor de francês, é, neste trabalho, Christian<sup>12</sup>; a professora de inglês síria é chamada de Maya<sup>13</sup>; o professor de espanhol venezuelano é Carlos<sup>14</sup>. Já o professor de francês marroquino, optamos por chamá-lo de Youssef<sup>15</sup>.

Pelo fato de as entrevistas terem sido realizadas a partir de um modelo semi-estruturado, cada uma teve um desencadeamento de perguntas e um caminho lógico próprio. Os eixos de abordagem imaginados, que compõem os tópicos apresentados a seguir, não necessariamente se converteram em perguntas que foram feitas, ou pelo menos não foram feitas seguindo uma ordem planejada, porque eventualmente foram respondidas sem serem enunciadas pelo entrevistador.

É importante destacar que parte de nosso esforço de análise do discurso é, também, tentar entender as respostas dos entrevistados como as falas de sujeitos em contexto social e histórico. Esses indivíduos falam, em suas produções de discursos para além das palavras.

### **A vinda para o Brasil**

Os relatos dos entrevistados com relação à vinda ao Brasil foram muito diversos, mas não só pelo óbvio fato de que cada indivíduo compreende e narra de sua trajetória à sua maneira. A heterogeneidade também se deu em função dos diferentes motivos que os levaram a migrar, suas intencionalidades e objetivos aqui, diferentes tempos de estadia - quanto maior o tempo, mais pode suavizar experiências negativas, por exemplo - e os percalços enfrentados ao longo da jornada no país.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por EMMANUEL. **Entrevista I.** [05 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por CHRISTIAN. **Entrevista II.** [11 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (8 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por MAYA. **Entrevista III.** [17 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (8 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por CARLOS. **Entrevista IV.** [17 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (20 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF. **Entrevista V.** [21 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (25 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

O haitiano Emmanuel está no Brasil desde o ano de 2010, e veio tendo como principal objetivo estudar. Participou, desde o Haiti, do processo seletivo para o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que o possibilitou fazer graduação em Engenharia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A escolha pelo país se deu principalmente por conta de uma relação de afeto do jovem com o Brasil.

Essa relação se construiu a partir da paixão pelo futebol brasileiro, processo mediado pelos fluxos das tecnologias de informação e comunicação, assim como pela participação em ações da missão diplomática brasileira no Haiti. Por exemplo a presença semanal em atividades promovidas no *Centro Cultural Brasil-Haiti*, localizado em Porto Príncipe. Lá, Emmanuel esteve em eventos de capoeira e samba com professores brasileiros, além de assistir a diversos filmes daqui.

O congolês Christian chegou no Brasil em 2008, saindo de um país em situação de guerra civil, desordem política e econômica. Seu objetivo inicial não era vir para cá, e contou ter visto a chance de vir morar aqui como uma oportunidade, analisando que “aqui eu consegui refazer a minha vida” (*informação verbal*)<sup>16</sup>. Segundo ele, se tivesse podido escolher, teria ido para um país francófono, “pra ter a oportunidade da cultura, a facilidade da língua” (*informação verbal*)<sup>17</sup>.

Por já ter mais de dez anos no Brasil, uma esposa brasileira e um filho nascido aqui, a narrativa de Christian sobre a migração para o país parece ter uma distância muito grande dos acontecimentos passados na República Democrática do Congo. Durante seu relato há um distanciamento dos motivos pelos quais se mudou de lá, talvez por terem sido traumáticos ou, então, por já ter grandes enraizamentos afetivos com sua nova casa.

Maya saiu da Síria por conta da guerra, que já se arrasta desde 2011. Passou alguns meses trabalhando na Turquia, juntando dinheiro e com a ideia de vir para a América Latina em mente, porque gosta muito da cultura latino-americana e da língua espanhola. Acabou escolhendo o Brasil porque ficou sabendo da facilidade de emissão de vistos para refugiados sírios, num momento da geopolítica em que seu passaporte restringe bastante sua circulação pelo mundo.

O professor de espanhol Carlos, venezuelano, veio para o Brasil por conta dos problemas políticos e econômicos causados pelo regime Nicolás Maduro. Durante

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por CHRISTIAN, 2018, p. 98.

<sup>17</sup> Ibid., 2018, p. 99.

praticamente todo o relato apareceram indícios de insatisfação e tristeza com a situação de instabilidade em seu país, assim como emergiu uma proximidade psicológica e afetiva com a Venezuela.

Segundo ele, “é muito difícil viver com um governo autoritário, (...) que não respeita os direitos individuais das pessoas” (*informação verbal*)<sup>18</sup>. Não tendo inicialmente intenção de vir especificamente para o Brasil, a passagem de avião para o Rio de Janeiro foi a que Carlos conseguiu comprar quando ainda estava na Venezuela.

Por conta do controle cambial do governo venezuelano, a população não pode trocar legalmente bolívares venezuelanos por nenhuma outra moeda estrangeira. Para adquirir sua passagem, Carlos precisou mandar dinheiro ilegalmente ao exterior, para que a comprassem em seu nome. Ao vir para o Brasil, só conseguiu trazer o máximo de dinheiro permitido pelo governo em viagens de turismo - sua suposta motivação de viagem -, por volta de 500 dólares.

O marroquino Youssef veio para o Brasil em 2016, na época das Olimpíadas, porque estava insatisfeito com a vida que levava e com seu trabalho no Marrocos. Em suas palavras, ele queria “mudar a vida (...) tentar fazer alguma coisa que gosto” (*informação verbal*)<sup>19</sup>, “sair para ver o mundo e tentar minha sorte (*informação verbal*)<sup>20</sup>”.

Chegou ao Rio de Janeiro na época dos Jogos Olímpicos, sem falar português e sem conhecer ninguém, tendo como única certeza sua estadia em um hostel da cidade. A escolha pelo Brasil se deu porque marroquinos não precisam de visto para visitar o País, diferente por exemplo do controle fronteiriço mais rígido da Europa.

Youssef passou dificuldades em seus primeiros meses como migrante, chegando a precisar dormir na rua, porque não falava português e isso o impedia de conseguir um trabalho. Na entrevista contou sobre a importância do auxílio da Igreja São João Batista, localizada em Botafogo, em sua trajetória. A organização lhe disponibilizou um teto e aulas de português.

O relato de Youssef é permeado por uma ideia de fé, de perseverança e até de esperança no mundo, nas possibilidades e recompensas que podem se apresentar

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por CARLOS, 2018, p. 104.

<sup>19</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF, 2018, p. 110.

<sup>20</sup> Ibid., 2018, p. 110.

depois de atravessar os obstáculos. Segundo o marroquino, nos dias mais difíceis que passou no Brasil:

“mesmo que foi difícil e parece impossível tudo (...), eu tinha um sentimento que vou conseguir depois um pouco sofrimento”. “(...) Eu sabia que vou sofrer um pouco no início, e tenho que (...) ficar com mais uma motivação porque tudo que tá acontecendo comigo agora, nesse momento, foi normal, não foi uma coisa estranha. Então, isso que me motivou, que me ajudou a passar os dias difíceis” (*informação verbal*)<sup>21</sup>

### **O imaginário sobre o Brasil versus a realidade confrontada**

Neste eixo tivemos a intenção de entender como os indivíduos entrevistados imaginavam o Brasil e se essa idealização foi muito diferente da realidade com a qual se depararam ao chegar e viver aqui. As respostas variaram principalmente por conta dos diferentes níveis de informação que cada indivíduo tinha antes de migrar.

Maya e Youssef dizem ter pesquisado muito na internet antes de vir para o Brasil. A síria diz que em seu país as pessoas gostam muito da Seleção Brasileira de Futebol e torcem para o time nas Olimpíadas, porque a Delegação Síria não tem times de futebol para representá-la na competição. Relata ter encontrado um país não muito diferente do que concebia antes de vir, e sobre essa impressão exemplifica especificamente com as pessoas “mais alegres” se comparadas às da Síria, segundo o estereótipo do povo brasileiro (*informação verbal*)<sup>22</sup>.

O marroquino conta ter levantado informações sobre o Brasil buscando os pontos positivos e negativos do país, preocupado em não olhar com uma visão preconceituosa. Dessa maneira, buscava evitar ter um choque de realidade ao chegar, além de ressaltar ter consciência com relação à diferença entre as experiências das pessoas que moram ou que apenas visitam os lugares por curtos períodos. Nesse sentido, sobre sua pesquisa sobre o Brasil, relata:

é sempre bom pra viver em um país, porque um país onde você não vive para passar as férias e volta (...) são considerados diferentes. Não é o mesmo país onde você fica, vive, vai para o supermercado comprar as coisas, fala com o povo (...) (*informação verbal*)<sup>23</sup>

Carlos e Christian sabiam pouco sobre o Brasil. O congolês conhecia trivialidades aprendidas em lições das aulas de história e de geografia em sua escola, quando mais jovem. Sabia da existência da Amazônia, do Maracanã e do Cristo Redentor, além de saber o nome de poucas cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro

<sup>21</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF, 2018, p. 110.

<sup>22</sup> Entrevista concedida por MAYA, 2018, p. 101.

<sup>23</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF, 2018, p. 111.

e Brasília. Christian expõe que não sabia, por exemplo, que o real era a moeda usada no Brasil. Uma das coisas que reparou foi o jeito carinhoso das pessoas brasileiras tratarem o próximo, tendo se sentido acolhido em momentos que precisou pedir informações na rua, quando estava perdido.

O venezuelano Carlos relata que não circulam muitas informações sobre o Brasil em seu país de origem. As pessoas no geral ouvem falar que é um “país grande (...), em vias de desenvolvimento, um país que tá crescendo” (*informação verbal*)<sup>24</sup>, mas não têm muitas informações específicas. A imagem do Brasil na Venezuela é geralmente associada ao futebol, ao carnaval e ao samba, além de, segundo Carlos, não haver muitas instituições que ensinam a língua portuguesa.

Ao chegar no Rio de Janeiro, disse ter se deparado com uma sociedade mais aberta do que a venezuelana, com debates que não faziam parte dos quais estava acostumado, com relação à homossexualidade ao feminicídio, por exemplo. Ao chegar, idioma também foi um impacto para Carlos. Sobre isso, o entrevistado relata: “eu achava que ia conseguir entender mais fácil, falar (...), porque a gente ia pegar tipo um texto na internet e conseguia entender, tem muita coisa parecida” (*informação verbal*)<sup>25</sup>. Contudo, “o idioma vai além disso (...) de entender algumas palavras (...) é uma situação cultural em que você tem que entender o contexto e o idioma que fala” (*informação verbal*)<sup>26</sup>.

### **Descoberta e chegada ao *Abrço Cultural***

A maior parte dos entrevistados tomou conhecimento da iniciativa do *Abrço Cultural* a partir do contato com a *Cáritas*. Como a escola de idiomas é recente no Rio de Janeiro, tendo sido inaugurada em 2016, o trabalho dos professores na instituição também data de relativamente pouco tempo.

Christian ficou sabendo da iniciativa na *Cáritas*, onde trabalha “dando apoio na integração de refugiados e solicitantes de refúgio” (*informação verbal*)<sup>27</sup>. Está trabalhando no *Abrço* como professor de francês, então, desde 2017. Uma amiga de Youssef, vinda da Gâmbia e à época já professora de inglês na escola, comentou com ele sobre a iniciativa, em uma conversa entre os dois na *Cáritas*. O marroquino ainda não sabia falar português, um dos pré-requisitos para poder virar professor do *Abrço*

<sup>24</sup> Entrevista concedida por CARLOS, 2018, p. 105.

<sup>25</sup> Ibid, 2018, p. 106.

<sup>26</sup> Ibid, 2018, p. 106.

<sup>27</sup> Entrevista concedida por CHRISTIAN, 2018, p. 99.

*Cultural*, mas alguns meses depois participou do processo seletivo e em 2017 começou a dar aulas de francês.

A professora de inglês Maya foi indicada pela *Cáritas* para participar do processo seletivo da escola de idiomas, no ano de 2016. A síria foi uma das primeiras pessoas em situação de refúgio a fazer entrevista para dar aulas no *Abraço Cultural Rio de Janeiro*, e participa da iniciativa desde o seu início.

O caso do haitiano Emmanuel foi diferente dos expostos acima. Recebeu a indicação do processo seletivo por parte de uma amiga francesa, casada com um haitiano, com quem já fez podcasts sobre a cultura da França e a do Haiti. Emmanuel participou da seleção no começo de 2017, e relata que pelas exigências do processo teve facilidade ser escolhido. Emmanuel tem uma licenciatura em língua francesa e já deu aula de literatura haitiana e de francês no Haiti, além de ter contato de longa data com a língua portuguesa.

### **Significados de “integração” para os entrevistados. Sentem-se integrados ao Brasil?**

Em linhas gerais, as respostas dos entrevistados com relação ao significado de “integração” variaram, mas todos se referem à língua como um fator integrativo e importante possibilitadora de comunicação com a sociedade brasileira. Talvez, como professores de línguas estrangeiras, essa seja uma questão frequente em seu dia a dia, mas ao mesmo tempo é importante destacar a importância de dominar o idioma local, no país de acolhimento, tanto no estabelecimento de vínculos intersubjetivos quando pela busca de um trabalho.

Ao falar sobre o que considera como “integração”, a enunciação de Christian, provavelmente por conta de seu dia a dia na *Cáritas*, é próxima das formas hegemônicas de tratar do fenômeno. Segundo ele, “integração” é “dominar a língua local, conseguir um trabalho no país em que você mora (...), se adaptar também à cultura local (*informação verbal*)<sup>28</sup>. Quando responder afirmativamente sobre se sentir integrado, Christian se refere a estar adquirindo o que chama de “instinto brasileiro”, os “tiques (...), os reflexos brasileiros” (*informação verbal*)<sup>29</sup>. De acordo com o congolês, esse processo ocorre em decorrência do aumento de seu tempo de residência no Brasil.

<sup>28</sup> Entrevista concedida por CHRISTIAN, 2018, p. 99.

<sup>29</sup> Ibid, 2018, p. 99.

Emmanuel também responde se sentir integrado ao Brasil, principalmente porque um mantém contato cultural duradouro com o país, como expusemos acima. Para o haitiano, a língua é essencial no processo de integração, e sua ligação com o português se deu antes de chegar aqui, quando ainda participava de eventos no *Centro Cultural Brasil-Haiti* e criou na universidade onde estudou, junto de amigos, um clube literário para debater literatura brasileira.

A “questão da cultura” também conta para Emmanuel e, segundo ele, geralmente “você se sente muito perdido em outro tipo de cultura” (*informação verbal*)<sup>30</sup>. Na visão dele, isso não ocorreu em sua migração para o Brasil, porque já se “sentia impregnado dentro da cultura latina” (*informação verbal*)<sup>31</sup>.

Na visão de Maya, no processo integrativo é muito importante que os países de acolhimento não tenham campos de refugiados. Para ela, esse é o principal ponto positivo da recepção de refugiados no Brasil, porque possibilita o contato direto dos estrangeiros com a população local. Por causa dessa proximidade com brasileiro, a síria pôde aprender a falar português na prática, e relata ter estudado o idioma formalmente por apenas um mês e meio.

A professora de inglês declara sentir-se muito integrada ao Brasil, e na resposta de Maya parecem ficar evidentes algumas diferenças culturais entre a sociedade síria e a brasileira. Referindo-se às “coisas pequenas”, ela diz ser diferente sair com amigos brasileiros quando em comparação às saídas com os amigos sírios, porque aqui ela sente que: “eu não acho que eu preciso guardar uma coisa porque tô com medo da reação das outras pessoas” (*informação verbal*)<sup>32</sup>.

Segundo o relato seus amigos na Síria, embora fossem pessoas jovens e progressistas, eram mais fechados do que os brasileiros no que tange ao compartilhamento de pensamentos e opiniões. Maya diz sentir uma sensação de abertura para se expressar no Brasil e declara, sorrindo: “era o que tava faltando pra mim” (*informação verbal*)<sup>33</sup>.

Para o marroquino Youssef (*informação verbal*)<sup>34</sup>, “integração” basicamente envolve conseguir realizar a comunicação simples do dia a dia com as pessoas do país de acolhimento, saber como se locomover pela cidade, conhecer os atalhos para

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida por EMMANUEL, 2018, p. 96.

<sup>31</sup> Ibid., 2018, p. 96.

<sup>32</sup> Entrevista concedida por MAYA, 2018, p. 103.

<sup>33</sup> Ibid., 2018, p. 103.

<sup>34</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF, 2018, p. 112.

economizar dinheiro no transporte público e na alimentação, além de viver a vida sem ter problemas com ninguém. A respeito desse último critério, o professor de francês declara ser necessário “ignorar algumas coisas que eles [dizem]... não vai ajudar você a nada e também não vai ajudar você (...) entrar num discurso inútil”, possivelmente fazendo referência a episódios de xenofobia pelos quais passou no Brasil (*informação verbal*)<sup>35</sup>.

Diz que tem uma “integração direta” (*informação verbal*)<sup>36</sup> no *Abraço Cultural*, porque em seu ofício, “missão”, de professor de francês, pode se expressar e discutir os temas sociais e políticos das “discussões inúteis” que ocorrem na internet. Em sua descrição fica clara a relação dessas discussões à onda conservadora brasileira dos últimos anos, expressa principalmente nas redes sociais.

Embora a resposta de cada entrevistado com relação à “integração” e ao “sentir-se integrado” seja singular, a réplica do venezuelano Carlos pode ser destacada das demais. O professor de espanhol de certa forma relativiza e talvez, em seu relato, até apresente suspeitas com relação à ideia hegemônica de “integração”.

Para ele, “integração” é sobre cada dia descobrir uma coisa nova, algo que faria de uma forma diferente ou que esperaria acontecer de outra maneira. O ato de integrar-se, para ele, é parte da busca por um entendimento do entorno, dos motivos pelos quais veio viver no Brasil e, ao mesmo tempo, captar como as coisas do país funcionam, para tentar “se encaixar” nisso (*informação verbal*)<sup>37</sup>.

Dá como exemplo a visão dos brasileiros sobre a política da Venezuela. Na visão de Carlos, algumas pessoas com as quais teve contato no Brasil relativizam a crise política e social pela qual seu país passa. Para ele, é necessário tentar entender os motivos pelos quais isso acontece aqui, em um “contexto histórico” (*informação verbal*)<sup>38</sup> diferente. Com esse entendimento, de acordo com ele, é possível respeitar as diferentes opiniões e estabelecer um diálogo diferente com quem pensa de maneira diversa.

Ao responder sobre sentir-se ou não “integrado” ao Brasil, o venezuelano diz que sempre é perguntado sobre isso, mas sua resposta é: “depende”, e “assim, 100% eu nunca falaria que tá, é uma mentira” (*informação verbal*)<sup>39</sup>. Segundo Carlos,

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF, 2018, p. 112.

<sup>36</sup> Ibid., 2018, p. 113.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por CARLOS, 2018, p. 107.

<sup>38</sup> Ibid., 2018, p. 107.

<sup>39</sup> Ibid., 2018, p. 107-108.

“integração” é um processo constante, que nunca acaba, porque sempre vão aparecer coisas que eu vou ter que ver e aprender” (*informação verbal*)<sup>40</sup>.

Em seu relato fica muito clara sua perspectiva subjetiva no processo integrativo porque, em suas palavras, embora tenha “amigos, conhecidos, um trabalho e muitas coisas, (...) às vezes é complexo. Porque a gente é sempre o estranho, o diferente, eu vou qualquer lugar e não falo nada e estou bem, e quando falo: ‘ah, você não é daqui, você é de onde?’, sabe? (*informação verbal*)<sup>41</sup>. Para Carlos, essa sensação de alteridade parece ter um peso grande em sua experiência migratória, e o venezuelano vem buscando compreendê-la de maneira positiva, porque representa um interesse normal e uma curiosidade de outras pessoas com relação a ele.

### **Os laços afetivos dos entrevistados com o Brasil**

Quando os professores entrevistados falaram, direta e indiretamente, sobre seus laços afetivos com o Brasil, o principal traço comum nos depoimentos foi relativo ao contato intersubjetivo deles com os brasileiros. É importante destacar que as ideias estereotipadas do brasileiro enquanto pessoa alegre, carinhosa, do Brasil como o país do futebol e como um paraíso tropical - às quais nos referimos mais detidamente acima - também circundam essas declarações.

O papel do estereótipo, por mais que seja uma comunicação fundada em ideias pré-concebidas e em geral rasas, é essencial na relação entre o refugiado e o país de acolhimento. Sem esse tipo de lugar-comum, não é possível haver vinculação, porque os clichês permitem ao Brasil e à brasilidade tomarem substância e serem parte de um imaginário do estrangeiro.

É a partir do contato direto com o lugar, com as pessoas e com uma rotina construída aqui, mediados por um imaginário anterior a essa experiência direta, que o comum invisível, o “coração coletivo” do País, ganha seu sentido. Como dissemos no **Capítulo II**, citando Sodré (2014), esse processo não é consciente e muito menos se d a através da reflexão.

Para Maya (*informa o verbal*)<sup>42</sup>, que relata sentir-se muito bem no Brasil e destaca ao longo da entrevista seu apreço pelos brasileiros, as pessoas daqui não se importam com o fato dela ser estrangeira. Na visão dela, ao chegar no país foi tratada como se já fosse brasileira, parte do grupo. Carlos conta que adora as pessoas, o

---

<sup>40</sup> Ibid., 2018, p. 108.

<sup>41</sup> Ibid., 2018, p. 107.

<sup>42</sup> Entrevista concedida por MAYA, 2018, p. 102.

clima e a beleza do Brasil. Valoriza a empatia do povo brasileiro, relatando perceber uma predisposição das pessoas para o estabelecimento de relações afetivas. Na opinião dele, talvez essa seja uma característica bem singular do Brasil: “(...) acho que talvez em outros países não tenha essa parte afetiva que tem o brasileiro de tentar te apoiar, se juntar, querer saber, vem, vamos fazer.” (*informação verbal*)<sup>43</sup>

O discurso de Youssef também é marcado pela importância das trocas intersubjetivas, mas a ênfase dada é concernente à sua vinculação com os alunos do *Abrço Cultural*. É muito importante, para o marroquino, o processo de troca de experiências e de culturas quando dá aulas. Lembra-se, no decorrer da entrevista, de momentos nos quais conta aos estudantes de francês sobre sua trajetória de vida e dos momentos difíceis passados no Brasil, como discurso motivacional para incentivá-los a estudar o idioma.

Além de ter falado sobre seu apreço pelo jeito dos brasileiros, em geral, tratarem as pessoas, Christian fala da sua relação com a comida. O congolês afirma ter criado a rotina de comer pratos típicos da culinária brasileira, como baião de dois e churrasco.

A resposta de Emmanuel destoou um pouco das outras, quando enunciou o futebol como seu primeiro laço afetivo com o Brasil. Segundo ele, no Haiti muitas pessoas gostam do Brasil e da Seleção Brasileira de Futebol. Emmanuel conta que a rivalidade dos brasileiros com a Argentina no esporte é reproduzida lá, porque muitos escolhem torcer para uma das duas equipes.

### **O entrevistado tem intenção de permanecer no País? Se sim, quais são seus planos para o futuro?**

Nas respostas às questões relativas a este eixo ficou clara a imprevisibilidade inerente à experiência migratória. A decisão de fixar residência por mais tempo no Brasil ou não é condicionada ao entendimento, por parte dos entrevistados, de que há diversos fatores extrínsecos à escolha pessoal. Além disso, nem sempre os respondentes souberam definir claramente quais são seus planos para um futuro próximo.

É necessário fazer algumas observações com relação ao entendimento de “integração local” na concepção do ACNUR, hegemônica e que baliza as políticas públicas de muitos países. Essa visão - à qual nos referimos mais detidamente no

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida por CARLOS, 2018, p. 108.

**Capítulo I**, e aos modelos integrativos como um todo, no **Capítulo II** - entende “integração” enquanto um processo durável, com etapas que podem levar à naturalização do refugiado no país de acolhimento.

Porém, ao conversar com pessoas envolvidas diretamente no processo, surgem indícios das dificuldades inerentes à criação de modelos que deem conta do dever-cidadão dos refugiados, assim como de seu sentimento de pertencimento nos países receptores. É muito difícil definir o quão duradoura será a solução da “integração local”, porque a trajetória, as vivências e as opiniões de cada sujeito é diversa.

Christian, por exemplo, que tem mais de 10 anos no Brasil, esposa brasileira e filho brasileiro, planeja ficar no país. Esses vínculos familiares construídos por ele no país certamente influenciam sua decisão. Já Emmanuel, morando há 8 anos no país, com uma relação linguística e afetiva existente desde antes de sua vinda, não tem certeza se permanece no Brasil.

O professor de francês está decidindo se vale a pena voltar para o Haiti depois de ter passado esse tempo no Brasil, considerando suas possibilidades em ambos os lugares. Segundo ele, permanecer aqui poderia ser uma oportunidade de continuar estudando e fazer doutorado em Engenharia. Voltar para o Haiti lhe satisfaria se envolvesse empreender e abrir um negócio seu (*informação verbal*)<sup>44</sup>.

Carlos diz que deseja ficar no Brasil caso esteja em seu poder escolher. Sonha em ter um filho, constituir uma família e ter uma casa. O venezuelano deseja poder olhar para trás, nos próximos anos, e ver que os problemas que o obrigaram a vir para cá passaram, que sua decisão de permanecer no Brasil foi por conta de ter achado um novo lar, uma nova família.

O marroquino Youssef também tem a intenção de permanecer no Brasil. Sonha em fazer um mestrado profissional em marketing digital, porque começou uma pós-graduação ainda no Marrocos e não terminou. Considera estudar uma forma de aprender sobre outras pessoas e sobre o mundo, de ser influenciado por pessoas que, nas palavras dele, “merecem compartilhar comigo uma história de vida” (*informação verbal*)<sup>45</sup>, em trocas interpessoais que permitem “sair desse mundo cheio de certeza” (*informação verbal*)<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida por EMMANUEL, 2018, p. 98.

<sup>45</sup> Entrevista concedida por YOUSSEF, 2018, p. 114.

<sup>46</sup> Ibid., 2018, p. 114.

## Considerações finais

Neste trabalho, a identificação de uma falta de clareza conceitual nos usos do termo “integração” nos permitiu repensar esse processo especificamente com refugiados, no Brasil, mas também abriu a possibilidade de investigar a experiência migratória de uma forma mais ampla.

A orientação para esse possível estudo mais extenso pode se dar a partir de uma perspectiva teórica da mobilidade humana pensada segundo a Comunicação enquanto ciência, fundada na vinculação intersubjetiva e no estabelecimento de *philia*, tipo de afeto que vai além da divisão do trabalho no espaço urbano. Se comunicar é estabelecer vínculos e instaurar infinitamente o comum da sociedade, esta não seria uma ciência que, por excelência, coloca em xeque os essencialismos culturais em parte superados pela Academia, mas por vezes presentes no debate público?

Também é importante ressaltar a importância da Comunicação para pensar o estabelecimento de comum um mundo de simultaneidade, interatividade e globalidade. Ao mesmo tempo em que subjetividades transnacionais são construídas em processos que transitam pelas fronteiras e fogem às lógicas próprias dos Estados-nação, os indivíduos têm suas relações com a alteridade mediadas pelas tecnologias da informação e da comunicação. O bombardeamento com informações de todos os cantos do mundo ocorre diariamente, *full-time*.

Por mais que em diferentes locais e momentos históricos tenham sido dadas diversas denominações à “integração”, “assimilação”, “inserção” etc., o entendimento da experiência migratória, um de nossos principais objetivos de pesquisa, se mostra mais difícil do que parece. Homogeneizações, padronizações e expectativas com relação à compreensão do comportamento humano a médio e a longo prazo são uma forma de investigação fadada, irremediavelmente, à frustração por parte dos observadores do fenômeno migratório.

A migração e o refúgio - o foco principal deste trabalho é o segundo - promovem processos constantes, que envolvem todas as instâncias da subjetividade dos sujeitos envolvidos e são, como caracterizamos em capítulos anteriores, devires. Principalmente um devir-cidadão e a formação de um sentimento de pertencimento em contexto intercultural, a partir de uma negociação intersubjetiva contínua do indivíduo em uma sociedade de acolhimento.

A perspectiva integrativa envolve, obviamente, parâmetros importantes para entender as migrações e o refúgio, como por exemplo a língua ou os fatores jurídicos e econômicos. Mas o próprio significado de “integração” varia de sujeito para sujeito, como expusemos a partir das entrevistas realizadas com os professores do *Abrço Cultural*. Por mais que alguns pontos em comum tenham sido citados, entre esses principalmente o domínio da língua portuguesa, cada entrevistado elaborou seu discurso acerca de sua experiência no Brasil de uma forma específica e, portanto, singular, relacionada a uma trajetória de vida única.

O julgamento feito por cada indivíduo acerca de sua empreitada migratória é mais complexo do que as políticas de integração podem avaliar, analisar e apreender. As referências definidas por esse paradigma não necessariamente têm um fundamento equivalente na percepção individual do migrante sobre a vida levada no país de acolhimento.

A partir dessa lógica, apontamos também a impossibilidade de separar “causas” e “efeitos” das migrações. Entrevistamos refugiados que moram na mesma cidade, trabalham na mesma instituição e têm, salvo a possível diferença entre os idiomas ministrados, empregos semelhantes. Embora tenham todas essas correspondências, cada um tem uma visão diferente de seu processo migratório para o Brasil, porque têm variadas origens culturais e histórias de vida, que influenciam diretamente em seus referenciais e suas experiências de mundo, além de condicionarem - não de forma absoluta - suas filosofias de vida, objetivos e sonhos.

O antes e o depois de migrar têm ligação precisa, exercendo um jogo de forças constante. Buscar um novo lar tem relação com o que se espera de achar ao se deslocar, expectativa fundada no lugar de onde se vem. A forma de apreender e meditar sobre a própria vida, colocando-a em perspectiva, é intrínseca à vida, às experiências acumuladas ao longo da trajetória.

Como estudar, então, a experiência migratória no século XXI? Buscar alternativas teóricas à “integração” envolve a realização de esforços maiores do que os possíveis de empreender na realização desta monografia, dado o tempo para sua produção e o momento inicial de produção científica representado por um trabalho de conclusão de curso.

Acreditamos que o caminho para a continuidade desta pesquisa possa começar a ser trilhado a partir do estudo da cidadania e da ética em sociedades transnacionais, de diversidade cada vez mais crescente, espaços sociais muito diversos dos quais

floresceu a sociologia integrativa no século XIX. Esse foi um ponto que, numa investigação mais longa, poderia ser explorado com mais profundidade, paralelamente à continuidade de uma discussão crítica – como fizemos aqui – sobre as noções de cultura e de identidade.

Pesquisar mais a fundo sobre o caso da integração no Brasil certamente precisaria envolver um estudo mais detido da história do país. Analisar a condição do migrante aqui também é essencial, especificamente a partir de uma genealogia do que significa ser estrangeiro no Brasil.

Uma outra frente premente é o estudo de campo, realizado de maneira imersiva neste trabalho. Tivemos a oportunidade de travar contato direto e criar relações de amizade com pessoas em situação de refúgio no Brasil, assim como com indivíduos atuantes em organizações não governamentais ligadas à causa dos migrantes e dos refugiados, na escola de idiomas *Abraço Cultural* e em outros espaços pelos quais passamos ao longo das pesquisas.

A proximidade humana foi enriquecedora tanto das possibilidades de investigação empírica desta monografia quanto da experiência pessoal enquanto pesquisador, cuja subjetividade não pode ser separada das pesquisas etnográficas. Estar em contato diário com pessoas estrangeiras, símbolo clássico da diferença e da alteridade, mostrou que as diferenças entre pessoas de distintas origens culturais são muito menores do que somos levados a pensar. Por vezes, aquele identificado como diferente tem gostos, ideias e hábitos que muito se assemelham aos nossos.

Ambicionamos apreender significados, fatos e momentos expressivos das pessoas entrevistadas, de maneira a investigar o real que os migrantes constituem da empreitada migratória e, assim, buscar entender seus sentidos mais amplos no campo epistemológico da migração e da comunicação intercultural. Nossas questões de pesquisa foram respondidas e reescritas ao longo destas páginas, mas certamente o tema da experiência migratória e das migrações é terreno fértil para a realização de trabalhos, sob as mais variadas perspectivas.

Os contatos e as experiências do estrangeiro com a sociedade brasileira podem nos dar pistas sobre as formas pelas quais se processam contradições intrínsecas à nossa realidade cotidiana. O Brasil pode – e precisa – contar com pontos de vista vindos do exterior para ter a oportunidade de encarar a si mesmo e, em tal esforço, entender-se mais a fundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇO CULTURAL. 2018. Disponível em: <<http://www.abracocultural.com.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ABRAÇO CULTURAL. **Manual da marca**. Abraço Cultural, Rio de Janeiro. 2017. 15 p.

ABRAÇO CULTURAL. **Metodologia**. 2018. Disponível em: <<http://www.abracocultural.com.br/cursos/metodologia/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ABRAÇO CULTURAL. **Missão**. 2018. Disponível em: <<http://www.abracocultural.com.br/sobre-o-abraco/#missao>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ABRAÇO CULTURAL. **Nossa História**. 2018. Disponível em: <<http://www.abracocultural.com.br/sobre-o-abraco/#nossa-historia>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ABRAÇO CULTURAL. **Sobre o Curso**. 2018. Disponível em: <[www.abracocultural.com.br/sobre-o-curso/](http://www.abracocultural.com.br/sobre-o-curso/) >. Acesso em: 11 ago. 2018.

ABRAZO CULTURAL. 2018. Disponível em: <<https://abrazocultural.com/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

AGER, Alastair; STRANG, Alison. Understanding integration: a conceptual framework. **Journal of Refugee Studies**, v. 21, n. 2, p. 166-191, jun. 2008. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jrs/article/21/2/166/1621262>>. Acesso em: 10 abr. 2018

AHLERT, M. ALMEIDA, A. A inclusão social das pessoas na condição de refugiados no Brasil à luz dos direitos humanos. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, Edição Especial n.47, p. 9-21, jan.-jun. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/download/9574/5994>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

ALENCASTRO, L. Parecer sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, ADPF/186. **Supremo Tribunal Federal**, 2010. Disponível em: [www.stf.jus.br/arquivo/cms/.../anexo/stf\\_alencastro\\_definitivo\\_audiencia\\_publica.doc](http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/.../anexo/stf_alencastro_definitivo_audiencia_publica.doc). Acesso em: 14/04/2018.

ALMEIDA, A. MINCHOLA, L. O "espírito de Cartagena" e a política brasileira para refugiados. **Perspectiva**, v. 8, n. 15, p. 123-142, 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/71249/0>. Acesso em: 14 ago. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. A new beginning: refugee integration in Europe. **ACNUR**, 2013. Disponível em: <http://www.unhcr.org/protection/operations/52403d389/new-beginning-refugee-integration-europe.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Dados sobre refúgio no Brasil, **ACNUR Brasil**, 2018. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 22 jun. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Global Trends - Forced Displacement in 2017, **ACNUR**, 2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/5b27be547.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Protegendo Refugiados no Brasil e no Mundo. **ACNUR**, 2018. Disponível em: [http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo\\_ACNUR-2018.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf). Acesso em 16 ago. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Refúgio no Brasil: a proteção brasileira e seu impacto nas américas. **ACNUR**, 2018. Disponível em: [http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil\\_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf) Acesso em: 15/04/2018.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APPADURAI, A. **Après le colonialisme**: les conséquences culturelles de la globalisation. Paris: Payot, 2015. 336 p.

APPADURAI, A. Disjuncture and difference in the global cultural economy. **Theory, Culture & Society**, v. 7, n. 295, p. 295-310, jun. 1990. Disponível em: <[http://www.arjunappadurai.org/articles/Appadurai\\_Disjuncture\\_and\\_Difference\\_in\\_the\\_Global\\_Cultural\\_Economy.pdf](http://www.arjunappadurai.org/articles/Appadurai_Disjuncture_and_Difference_in_the_Global_Cultural_Economy.pdf)>. Acesso em: 9 ago. 2018.

ARANTES, J. O panorama da imigração no Brasil. **Exame**, 7 jul. 2015. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/o-panorama-da-imigracao-no-brasil/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

ARAÚJO, C. A pesquisa norte-americana. In: HOLFELDT, A; MARTINO, L; FRANÇA, V. **Teorias da Comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 309 p.

ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO. Sesc Tijuca Recebe 2ª edição do festival Rio Refugia em homenagem ao dia mundial do refugiado, **ARQRIO**, Rio de Janeiro, 20 jun. 2018. Disponível em: <http://arqrio.org/noticias/detalhes/6764/sesc-tijuca-recebe-2a-edicao-do-festival-rio-refugia-em-homenagem-ao-dia-mundial-do-refugiado>. Acesso em: 25 set. 2018.

ATADOS. **Abracinho: cursos para crianças**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.atados.com.br/vaga/abracinho-cursos-para-criancas>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ATADOS. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.atados.com.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

BARBON, J. Lei de Migração: o que muda nas regras para estrangeiros no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mai. 2017. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1883696-lei-de-migracao-o-que-muda-nas-regras-para-estrangeiros-no-brasil.shtml>. Acesso em 15/04/2018.

BARBOSA, R. Reassentamento solidário e políticas públicas para refugiados no Brasil. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 17-23, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<https://doaj.org/article/5f3070cbe33e49b29de5e7ceac3c5bb4>> Acesso em: 12 ago. 2018.

BAUMANN, Gerd. **La praxis multicultural**: lo banal y lo óptimo. In: El enigma multicultural: un replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas. Barcelona: Paidós, 2001. p. 147-162

BERTAUX, D. **Les Récits de Vie**. Paris: Nathan Université. 128 p.

BÓGUS, L.; RODRIGUES, V. Os refugiados e as políticas de proteção e acolhimento no Brasil: Histórias e Perspectivas. **Dimensões**: Revista de História da UFES, n. 27, p. 101-114, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2585>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

BONI, V.; QUARESMA, S. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n.1, p. 68-80, jan.-jun. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/%2018027/16976>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

BRASIL. **Constituição (1934)**. Rio de Janeiro, jul. 1934. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acesso em: 15/04/2018.

BRASIL. **Lei de 7 de novembro de 1831**. Rio de Janeiro, nov. 1831. Disponível em: [http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html). Acesso em: 14/04/2018.

BURRICK, D. Une épistemologie du récit de vie. **Recherches Qualitatives - Hors Série**, n. 8, p. 7-36, 2010. Disponível em: <[http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors\\_serie/hors\\_serie\\_v8/HS8\\_Burrick.pdf](http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors_serie/hors_serie_v8/HS8_Burrick.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2018.

BUSKO, D. Políticas públicas educacionais para imigrantes e refugiados no Rio Grande do Sul. **Jornal de Políticas Educacionais**. v. 11, n. 22. dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/55131>>. Acesso em 14 ago. 2018.

CALEGARI, M. JUSTINO, L. Refugiados sírios em São Paulo: o direito à integração. In: **ANAIS DO SEMINÁRIO "MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, REFÚGIOS E POLÍTICAS"**, 1, São Paulo, NEPO, 2016. Disponível em: <[http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9\\_MC.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9_MC.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

CAPONIO, T.; DONATIELLO, D. Intercultural policy in times of crisis: theory and practice in the case of Turin, Italy. **Comparative Migration Studies**, n. 5, v. 13, p. 1-16, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28936394>>. Acesso em: 19 set. 2018.

CARLOS. **Entrevista IV**. [17 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (20 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

CASA DE CULTURA HABONIM DROR. Página inicial. **Facebook**. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/cchdrj/>. Acesso em: 25 set. 2018.

CASTLES, S; KOSACK, G. The function of labour immigration in Western European Capitalism. **New Left Review**, n. 73, p. 3-21, mai.-jun. 1972. Disponível em: <<https://newleftreview.org/l/73/stephen-castles-godula-kosack-the-function-of-labour-immigration-in-western-european-capitalism>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

CAUSONS. 2018. Disponível em: <<http://causons.org/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

CAVALCANTI, L. ; SIMÕES, G. Assimilacionismo x Multiculturalismo: reflexões teóricas sobre os modelos de recepção de migrantes. **Esferas**, Brasília, ano 2, n. 3, p. 153-160, jul.-set. 2013. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5129/3250>>. Acesso em: 17 set. 2018.

CHEGA JUNTO. Página inicial. **Facebook**. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/feirachegajunto/>. Acesso em: 25 set. 2018.

CHRISTIAN. **Entrevista II**. [11 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (8 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

CLERET, B. L'ethnographie comme démarche compréhensive. **Recherches qualitatives**, ARQ Association pour la Recherche Qualitative, v. 32, p. 50-77, jan. 2013. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01681046/document>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS. Refúgio em números - 3ª edição. **CONARE**, 2018. Disponível em: <[http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros\\_1104.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2018.

CONSELHO DA EUROPA. **Measurement and Indicators of Integration**. Estrasburgo: COE, 1997.

COELHO, J. R. **Livro didático do Abraço Cultural**. 2018. 1 fotografia

COULON, A. A imigração e as relações étnicas. In: **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus. 1995. p. 29-60.

CRISP, J. **The local integration and local settlement refugees: a conceptual and historical analysis**. Working paper number 102, UNHCR Evaluation and Policy Analysis Unit. 2004. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/407d3b762.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CRUZ, C. Refugiados dão aulas de línguas a preços populares em projeto na Baixada. **Extra**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/refugiados-dao-aulas-de-linguas-precos-populares-em-projeto-na-baixada-22513942.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

DALMOLIN, L. O que é o Abraço Cultural e como eles querem mudar a nossa relação com os refugiados. **Draft**, São Paulo, 16 fev. 2015. Disponível em: <<https://projetodraft.com/o-que-e-o-abraco-cultural-e-como-eles-querem-mudar-a-nossa-relacao-com-os-refugiados/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Uma conversa, o que é, para que serve? In: DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 9-47. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-gilles-parnet-claire-dialogos.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

EMMANUEL. **Entrevista I**. [05 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

ESSES, V.; MEDIANU, S.; LAWSON, A. Uncertainty, threat, and the role of the media in promoting the dehumanization of immigrants and refugees. **Journal of Social Issues**, v. 69, n. 3, p. 518-536, set. 2013. Disponível em: <<https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/josi.12027>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

FREITAS, M.; DANTAS, M. O estrangeiro e o novo grupo. **Rev. adm. empres.**, v. 51, n. 6, São Paulo, p. 601-608, nov.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v51n6/08.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XII: **O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros Trabalhos (1913-1914)**. Imago: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-12-1911-1913.pdf>>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

G1 RIO. Vinte refugiados serão professores em curso de idiomas no Rio. **G1**, Rio de Janeiro, 09 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/vinte-refugiados-serao-professores-de-idomas-em-curso-no-rio.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

GALINA, V.; SILVA, T.; HAYDU, M.; MARTIN, D. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. **Interface**, v. 21, n. 61, p. 297-308, 2017. Disponível em:

<[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/asset/s/icse/v21n61/1414-3283-icse-21-61-0297.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/asset/s/icse/v21n61/1414-3283-icse-21-61-0297.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2018.

GERMANO, G. Escola de idiomas emprega apenas professores refugiados e promove rica troca cultural. **Extra**, Rio de Janeiro, 16 abr. 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/extra-20-anos/escola-de-idomas-emprega-apenas-professores-refugiados-promove-rica-troca-cultural-22597735.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (eds.) **Towards a transnational perspective on migration**. Race, class, ethnicity and Nationalism reconsidered. New York: The New York Academic of Sciences, 1992. 276 p.

GUATTARI, F. Heterogênese. In: GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Editora 34: São Paulo, 2006. p. 11-95.

HARTWING, F.; SILVA, P. A importância do português como língua de acolhimento na integração de alunos imigrantes e refugiados no Instituto Federal de Brasília - IFB. **Revista da UIIPS**, v. 5, n. 3, p. 215-226, 2017. Disponível em: <<repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/.../TESE%20PRONTA%20FATIMA.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

HAYDU, Marcelo (2010). **Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração e a segregação**. Dissertação de Mestrado – Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais – PUCSP, São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3228/1/Marcelo%20Haydu.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

INTEGRAÇÃO. Michaelis On-line, 9 set. 2018. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVqRI>>. Acesso em: 9 set. 2018.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Glossary on Migration**. Viena: OIM, 2004. Disponível em: [http://www.iomvienna.at/sites/default/files/IML\\_1\\_EN.pdf](http://www.iomvienna.at/sites/default/files/IML_1_EN.pdf). Acesso em: 15 ago. 2018.

LACERDA, J.; SILVA, A.; NUNES, R. O caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, v. 6, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/viewFile/209/pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madri: Capitán Swing, 2013. 451 p. Disponível em: <<https://istoriamundial.files.wordpress.com/2016/06/henri-lefebvre-la-produccion-del-espacio.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

LESSER, J. **A invenção de brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. 296 p.

LEVY, M. **O Papel da Migração Internacional na Evolução da População Brasileira (1872 a 1972)**. São Paulo: Revista de Saúde Pública, v. 8, 1974.

LUCCHESI, Martha; MALANGA, Eliana. Diálogos interculturais e identidades nacionais: transculturalidade e transdisciplinaridade. **Visão Global**, Joaçaba, v. 14, n. 1, p. 73-88, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/view/868>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LUSSI, C. Teorias da mobilidade humana. In: LUSI, C.; DURAND, J. **Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações**. Paço Editorial: Jundiaí, 2015. p. 43-134.

MARQUES, M. Mais da metade dos refugiados reconhecidos pelo Brasil podem ter deixado o país. **G1**, Brasília, 11 de mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/mais-da-metade-dos-refugiados-reconhecidos-pelo-brasil-podem-ter-deixado-o-pais.ghtml>>. Acesso: 12 abr. 2018.

MARTUSCELLI, P. A proteção brasileira para crianças refugiadas e suas consequências. **REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXI, n. 42, p. 281-285, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n42/17.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

MAYA. **Entrevista III**. [17 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (8 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

MCNEVIN, Annie. Political Belonging in a Neoliberal Era: The Struggle of Sans-Papiers. **Citizenship Studies**, v. 10, n. 2, p. 135-151. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13621020600633051>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

MESSIAS, J .F. A inclusão e a questão dos refugiados no Brasil e no mundo. **Anais do III Seminário Internacional de Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio**, v. 1, n. 3, p. 78-92, 2016. Disponível em: <[https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais\\_Sem\\_Int\\_Etn\\_Racial/article/download/336/424](https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais_Sem_Int_Etn_Racial/article/download/336/424)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

MIALHE, J. MALHEIRO, K. Os refugiados no Brasil e as organizações não governamentais. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 37-55, jan.-jun, 2016. Disponível em: <<http://www.indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/878/872>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

MILESI, R. O refúgio no contexto das migrações: a integração dos refugiados e das refugiadas como solução duradoura. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XVII, Nº 33, p. 317-323, jul.- dez. 2009. Disponível em:

<[www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/download/188/180/](http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/download/188/180/)>. Acesso em: 14 ago. 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Entenda as diferenças entre refúgio e asilo**. 2018. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/news/entenda-as-diferencas-entre-refugio-e-asilo>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Brasileiros no mundo. **MRE**, 2018. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impressao>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MONTENEGRO, M. Eros e Philia na filosofia platônica. **Archai**, n. 13, p. 121-129, jul. - dez. 2014. DOI: [http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X\\_13\\_13](http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_13_13)

MOREIRA, J. O papel das Cátedras Sérgio Vieira de Mello no processo de integração local dos refugiados no Brasil. **Monções**: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.4. n. 8, jul./dez., 2015. Disponível em: <[ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/4314](http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/4314)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

MOREIRA, J. Refugiados no Brasil: reflexões sobre o processo de integração local. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 22, n. 43, p. 85-98, dez. 2014. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a06.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Migration Report 2017**. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, Repartição de População, ONU, 2017. Disponível em: <[http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017\\_Highlights.pdf](http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2018.

PACÍFICO, A. MENDONÇA, R. A proteção sociojurídica dos refugiados no Brasil. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 9, n. 1, p. 170 - 181, jan./jun. 2010. Disponível em: <[revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/7290/5249](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/7290/5249)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

PEREIRA, A.; ESTEVES, M. A importância de um abraço. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 1, n. 1, p. 143-148, 2010. Disponível em: <[http://dehesa.unex.es/bitstream/handle/10662/3171/0214-9877\\_2010\\_1\\_1\\_143.pdf?sequence=4](http://dehesa.unex.es/bitstream/handle/10662/3171/0214-9877_2010_1_1_143.pdf?sequence=4)>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PERSONS, S. **Ethnic studies at Chicago**. 1900-45. Urbana: University of Illinois, 1987. 160 p.

PICHÉ, V. Les fondements des théories migratoires contemporaines. In: PICHÉ, V. (Org.) **Les théories de la migration**, Paris: INED, p. 19-60, 2013. Disponível em: <[http://francoiscrepeau.com/wp-content/uploads/2015/07/Piche\\_-\\_Les\\_fondements\\_des\\_theories\\_migratoires\\_contemporaines\\_-\\_2013.pdf](http://francoiscrepeau.com/wp-content/uploads/2015/07/Piche_-_Les_fondements_des_theories_migratoires_contemporaines_-_2013.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PIGUET, E. Les théories des migrations. Synthèse de la prise de décision individuelle. **Revue européenne des migrations internationales**, v. 29, n. 3, p. 141-161, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/remi/6571>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PIRES, R. O problema da integração. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Sociologia, vol. 24, p. 55-87, 2012. Disponível em: <[ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf)>. Acesso em: 17 ago. 2018.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Editora 34, 2016. 256 p.

PUCCI, F. A integração de refugiados sírios em São Paulo. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 18, 2017, Brasília. UNB: Departamento de Sociologia. Disponível em: <[sbs2017.com.br/anais/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-0333-1.pdf](http://sbs2017.com.br/anais/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-0333-1.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

QUADROS, E. Eros, Filía e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristão. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 165-171, 2011. Disponível em: <[periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/10173/pdf](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/10173/pdf)>. Acesso em: 19 set. 2018.

RHÉAUME, Jacques. L'ethnicité, l'intervention et l'interculturalité. **Alterstice**, v. 7, n. 1, p. 77-88, 2017. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/alterstice/2017-v7-n1-alterstice03139/1040613ar/>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

ROBINSON, V. **Defining and Measuring Successful Refugee Integration**. Anais da ECRE International Conference on Integration of Refugees in Europe, Antuérpia, nov. 1998.

ROCHA, Zeferino. O amigo, o outro em si mesmo: a philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, ano X, no 17, São Paulo, jan-jun/2006, p. 65-86. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000100005)>. Acesso em: 08 jun. 2018.

RUEDIGER, Marco Aurélio et al. Expatriados, imigrantes e refugiados no Brasil: trajetórias e estratégias de integração econômica e social. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, p. 161-179, nov. 2017. ISSN 2176-8943. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/70588/70312>>. Acesso em: 12 Ago. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70588>

SAFI, M. Penser l'intégration des immigrants: les enseignements de la sociologie américaine. *Sociologie*, **Presses Universitaires de France**, v. 2, p. 149-165, 2011. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-sociologie-2011-2-page-149.htm> > . Acesso em 9 jun. 2018.

SARRIERA, J.; OLIVEIRA, A; HOFSTAETTER, C; HERMEL, J. O processo de integração de imigrantes hispano-americanos: análises e perspectivas. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 1, p. 73-80, jan.-abr. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1377/1077>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SASAKI, E.; ASSIS, G. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEP, 12., out. 2000, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <[http://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/Teoria\\_das\\_Migracoes\\_Internacionais.pdf](http://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/Teoria_das_Migracoes_Internacionais.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2018.

SAYAD, A. Qu'est-ce que l'intégration? In: **Hommes et Migrations**, n. 1182, p. 8-14, dez. 1994. Pour une éthique de l'intégration. Extraits du colloque de l'ADATE Saint-Martin-d'Hères, 24 et 25 juin 1994. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/homig\\_1142-852x\\_1994\\_num\\_1182\\_1\\_2341](https://www.persee.fr/doc/homig_1142-852x_1994_num_1182_1_2341)>. Acesso em: 10 set. 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **L'immigration: ou les paradoxes de l'alterité**. Tome I. Paris: Raison d'Agir, 2006. 208 p.

SCHNAPPER, D. Intégration nationale et intégration des migrants: un enjeu européen. **Fondation Robert Schuman**, Questions d'Europe, n. 90, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.robert-schuman.eu/fr/doc/questions-d-europe/qe-90-fr.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018

SCHÜTZ, A. O Estrangeiro: Um ensaio em Psicologia Social. **Revista Espaço Acadêmico**, ano X, n. 113, p. 117-129, out. 2010. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/11345/6153>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SHANNON, E. A Mathematical Theory of Communication. **The Bell System Technical Journal**, v. 27, p. 379-423, jul-out, 1948. Disponível em: <<http://math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SILVA, F.; FERNANDES, D. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. PUC-MG, **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 13, n.18, 2017. Disponível em: <[periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/download/16249/12788](http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/download/16249/12788)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SIMÕES, Gustavo da Frota. **Integração social de refugiados no Brasil e no Canadá em perspectiva comparada: Colombianos em São Paulo e em Ontário**. 2017. 266 f., il. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/23367>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SODRÉ, M. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2015. 328 p.

SPINELLI, F.; BRAGA, A; SCHEIBE, A. Integração socioespacial de imigrantes haitianos na cidade de Lajeado, Brasil: um estudo configuracional - análise da centralidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 2, p. 371-397, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/3598>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SPREAFICO, A. O que quer dizer "integração" nas sociedades de imigração? **Sociedade & Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 127-138, jan.-jun. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/6905/4935>>. Acesso em: 19 set. 2018.

STATISTICS CANADA. **Community Profiles**. Census 2016. Disponível em: <<https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2016/dp-pd/prof/details/page.cfm?Lang=E&Geo1=PR&Code1=01&Geo2=&Code2=&Data=Count&SearchText=Canada&SearchType=Begins&SearchPR=01&B1=All&TABID=1>>. Acesso em: 07 set. 2018.

TANNURI, M. (2010). **Refugiados Congolese no Rio de Janeiro e dinâmicas de "integração local"**: das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/42/teses/758240.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

TESSAROLO, E.; RODRIGUES, V. A emergência do modelo quadripartite de proteção, assistência e integração dos refugiados no Brasil. **Teoria & Sociedade**, n. 20, v. 1, p. 65-84, jan-jun 2012. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~revistasociedade/index.php/rts/article/view/44/37>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

THOMAS, W; ZNANIECKI, F. **The Polish Peasant in Europe and America**. Charleston: Nabu Press, 2012. 610 p.

THOMÉ, R. A integração local de crianças e adolescentes refugiados desacompanhados e separados no Brasil: reflexões para o debate. **O Social em Questão**, ano XXI, n. 41, p. 177-198, mai-ago 2018. Disponível em: <[http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ\\_41\\_art\\_8\\_Thome.pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_41_art_8_Thome.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

TRUPIER, M. L'immigré, analyseur de la société (notre critique). **Terrains & travaux**, Paris, n. 7, p. 173-185, jun./dez. 2004. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-terrains-et-travaux-2004-2-page-173.html> >. Acesso em: 03 jul. 2018.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 22, n. 63, p. 153-155, fev. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextpid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextpid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 Jun. 2018.

VELASCO, C.; MONTALVANI, F. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. **G1**, São Paulo, 25 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

VIANNA, P. Confusões semânticas e migrações internacionais. **Mediações**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 48-79, jan.-jun. 2017. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/30762/pdf](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/30762/pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

WEINTRAUB, A. Estudos sobre refugiados publicados no Brasil na década de 2000. **Avá**, Posadas, n. 21, dez. 2012. Disponível em: <[http://argos.fhycs.unam.edu.ar/bitstream/handle/123456789/589/Ava\\_n21\\_2012AA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://argos.fhycs.unam.edu.ar/bitstream/handle/123456789/589/Ava_n21_2012AA.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

WEJSA, S.; LESSER, J. Migration in Brazil: The making of a multicultural society. **Migration Policy Institute**, mar. 2018. Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/article/migration-brazil-making-multicultural-society>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

WHITE, B. "Le vivre-ensemble" comme scénario de l'interculturel au Québec. In: SAILLANT, F. (Org.) **Pluralité et Vivre-Ensemble**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2015. p. 39-62. Disponível em: <[https://corpus.ulaval.ca/jspui/bitstream/20.500.11794/14203/1/pluralite\\_et\\_vivre\\_ensemble.pdf](https://corpus.ulaval.ca/jspui/bitstream/20.500.11794/14203/1/pluralite_et_vivre_ensemble.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2018.

WIEVIORKA, Michel. L'intégration: un concept en difficulté. **Cahiers internationaux de sociologie**, PUF, n. 125, p. 221-240, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-cahiers-internationaux-de-sociologie-2008-2-p-221.htm>> . Acesso em: 22 jun. 2018.

WIEWORKA, M. A critique of integration. **Identities**, v. 21. n. 6, p. 633-641, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1070289X.2013.828615>>. Acesso em: 19 set. 2018.

YOUSSEF. **Entrevista V**. [21 set. 2018]. Entrevistador: João Paulo Rossini Teixeira Coelho. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (25 min.) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

# APÊNDICE

## **APÊNDICE A - Transcrição de entrevistas com professores do Abraço Cultural**

Entrevistado: Emmanuel

Data: 05/09/2018

### **1 - Quero pedir para você me contar como foi sua vinda para o Brasil, e como chegou ao *Abraço Cultural*.**

Primeiro, eu venho aqui no Brasil pra estudar. Por isso, até agora eu tenho visto de estudante, né? É... Eu vim aqui, primeiramente eu fiz português no Fundão, na UFRJ, que era uma etapa pra poder continuar estudando. Porque você precisava passar na prova do Celpe-Bras, que é uma prova de proficiência em português. Depois você, lá, é habilitado a estudar, passar numa faculdade que você foi selecionado, porque o processo foi desde o Haiti. Então, tipo, para os alunos de outros países. Por um convênio que se chama PEC-G, Programa de Graduação pra outros países, tipo, em desenvolvimento. Países na América Latina, países da África, países da Ásia, entendeu? É isso, aí eu fiz português, passei, aí comecei a estudar, aí no final eu sempre quis dar aula de francês, né, porque eu tenho formação em francês. No Haiti eu fiz formação em Ciências Sociais e também tenho uma licenciatura em francês, aí cheguei... e pelas exigências do curso, nunca podia dar aula... como se fala... facilidade para dar aula naquele lugar. No final do curso, aí no último período... Quer dizer, eu estaria no último período, porque a UERJ estava em greve, participei do processo foi em fevereiro do ano passado, fevereiro de 2017. Aí eu fui indicado por uma amiga, uma francesa com quem já fiz alguns trabalhos de, programa mesmo de rádio sobre cultura haitiana e francesa, e ela sabe muito de cultura haitiana porque ela é casada com um haitiano e... aí a gente é a amigo e ela soube desse curso, me indicou, aí disse que ia ter tal processo. Aí eu participei do processo, fui selecionado e tô no Abraço.

### **2 - Dá pra perceber que você gosta de dar aula de francês.**

Sim. No Haiti eu dei aula de francês, de literatura haitiana, de literatura francesa e Ciências Sociais. Quer dizer, além de eu ser nativo do país, mas também eu tenho formação, eu gosto de dar aula de francês também. Entendeu? Aí eu acho que esse... caiu muito bem pra mim. Comecei a dar aula no *Abraço* um ano depois do Abraço começar, começar no Rio, na verdade, porque começou antes em São Paulo.

### **3 - O que significa integração pra você? E você se sente integrado ao Brasil?**

Acho que... sim, eu me sinto integrado ao Brasil, porque eu cheguei aqui, porque integração tem muitas coisas. Primeiro tem o domínio da língua, tem os seus relacionamentos com as pessoas, questão de cultura, você se sente muito perdido em outro tipo de cultura. Eu não me sinto, porque eu já falava português desde o Haiti. Eu aprendi português no Haiti, no *Centro Cultural Brasil-Haiti* os meus professores eram brasileiros, eu ia no Centro todo sábado assistir filmes brasileiros, participar de cultura brasileira, capoeira, samba, tipo, ver filmes brasileiros no Haiti eu vi mais filmes brasileiros do que aqui. Quer dizer, além da relação Haiti-Brasil, tipo as pessoas, a simpatia que as pessoas têm com o Brasil - claro que vem a partir do futebol - mas eu já me sentia impregnado dentro da cultura latina. Claro, tem algumas diferenças, mas é normal, entendeu? Eu senti falta de muitas coisas do Haiti, no meio em que eu vivia no Haiti eu sempre fiz parte de clubes literários, clubes de debates, não sei também se isso tinha a ver com o curso que eu fiz, aí não conhecia muitas pessoas, aí... era difícil. No Haiti é muito comum, os jovens fazem grupos, clubes literários de francês, de espanhol, de inglês, sabe? Até de português eu cheguei a participar, quando eu estudava português, a gente criou um clube literário de português pra poder conversar em português, debater português, entendeu? Tipo, é uma coisa muito comum no Haiti.

### **4 - A literatura brasileira é muito rica, não é?**

Sim, a gente fez esse debate aqui no *Abraço*, não sei em qual turma, da relação do Haiti e o Brasil, tipo, até porque você pode perceber o quanto o curso de literatura no Haiti é valorizado em Humanas. Claro, há outros que são mais valorizados, mas eu acho, que aqui, a distância é muito maior com relação a Humanas. Tipo, claro, claro, lá é pelo o que eu ouvi das pessoas, “você fez tal curso”, “você faz tal curso”, entende? É, eu fiz essa diferença em relação ao Haiti.

### **5 - Quais você consideraria seus laços afetivos com o Brasil?**

Laços afetivos... Cara, vou dizer que primeiro seria o futebol, porque acho que muitos haitianos gostam do Brasil, e também tem haitianos que gostam da Argentina. Quer dizer que a rivalidade também está no Haiti, mais forte no Haiti do que aqui. Porque são haitianos que gostam do Brasil e outros da Argentina, é mais fácil viver. Brasileiro, você não tá entre argentinos, tipo, entende? Aí a rivalidade é mais forte. Eu já tentei

não gostar da Seleção Brasileira (risos), aqui, mas não consegui. Sabe, por vários motivos, sei lá, é... como se fala? Às vezes você esperava uma coisa, mas o time não era isso, o futebol também envolve muitas coisas que vão além do futebol, corrupção, e sei lá, o poder da imprensa de falar uma coisa e as pessoas fazendo o que falam do futebol... Acho muitas vezes que não sabem muito do futebol, as pessoas expressam, as pessoas comentam coisas nada a ver, e... mas eu não consegui. Mas, sinceramente, acho que meu laço maior é o futebol, depois isso de música, etc., sabe? Acho que são principalmente essas coisas.

**6 - E com outras pessoas também, amigos... Não é necessariamente questão de ter amizade ou não, mas você considera, assim, que tenha laços desse tipo com outras pessoas também, que isso seja importante, não necessariamente família... Pessoas que você considere, tenha carinho...**

Ah, sim tenho muitos amigos, você tem muitos amigos também, conhecidos, os amigos geralmente não são muitos amigos, porque amigo é só quem você pode contar em várias situações, varia muito de muitas coisas, claro. Entende? Sim, mas tem pessoas com quem eu tenho consideração, amigos que conheço aqui na UERJ, que já deixaram a UERJ, mas a gente continua sendo amigo, tem, eu vou na casa deles, é... Mas grandes laços de tipo, não sei o quanto você tá falando, não sei se tem, não sei em qual nível. Mas sim, mas de nível de consideração pelas pessoas, sim, sim, tenho.

**7 - Você tem intenção de permanecer no Brasil?**

(risos) Até agora eu não sei. Tenho um ano pra saber, porque eu tenho visto de estudante, né? Até, na verdade, quando eu fiz Engenharia, eu te falei que eu já fiz outro curso no Haiti, já fiz Ciências Sociais e uma licenciatura em francês. E, quando eu vim aqui, no momento tava procurando fazer um mestrado no Haiti, tipo pra fora, acabei participando do programa, que eu pensava que era uma coisa e mas depois não era, aí depois fiquei pensando se valia a pena vir aqui ou não. É uma oportunidade, não sei, não sei da vida, eu escolhi fazer outro curso, que é Engenharia de Telecomunicações. Porque também eu pensava em fazer mestrado depois da engenharia, senão eu tinha ficado numa área mais rápida, aí já estaria no doutorado, tipo, não sei há quantos anos eu já estaria no doutorado. Aí acabei fazendo o mestrado por opção de mais oportunidade. Acabou que aqui não teria... Voltar pro Haiti logo,

depois de um bom tempo, como vai ser? Claro, já tenho outras coisas... mas tipo, depois de ter isso tudo tempo passar, não vou fazer perder esse tempo se não valer a pena, entende? Aí, eu pensei em fazer mestrado, o tempo de pensar no que eu faço. Eu tenho um ano pra decidir isso. Agora 11 meses, por aí.

**8 - Mas, se ficasse, você ia fazer doutorado?**

Então, se eu ficar, é uma possibilidade. Posso fazer doutorado, posso tentar fazer um doutorado fora também, aí a questão do Haiti vou pensar quando for lá no final do ano, aí vou analisar a situação pra ver. Porque o que eu posso fazer, é que se eu voltar, quero eu criar uma coisa. Além de poder dar aula na universidade, que eu vou poder, mas também eu poderia criar minhas coisas.

**9 - Criar em que sentido? Você tinha me falado, na aula, que queria escrever sua história.**

Não, isso não, isso é outra coisa. Escrever, isso é uma outra coisa. É um fato, eu vou, quando tiver um tempo vou escrever sobre minha vida no Brasil, caso esteja no Brasil ou aonde eu for, vou falar escrever sobre minha vida no Brasil, isso não tem dúvida. Só não vou hoje (risos). É, mas quando eu falo em criar, é tipo em termos de empresa, minhas coisas, empresa minha, tipo, pode não ser diretamente na minha área de telecom, em que eu poderia também criar, mas muitas coisas na minha cabeça quando eu penso no Haiti eu penso nessa situação, senão eu não voltaria no Haiti. Eu me vejo no Haiti eu, sendo, não depender de ter emprego, eu sendo útil, eu criando uma coisa. É nesse fato que eu penso no Haiti. Eu.

Entrevistado: Christian

Data: 11/09/2018

**1 - Eu gostaria de pedir para você me contar como foi que você chegou ao Brasil e ao *Abraço Cultural*.**

Eu cheguei no Brasil, já, vai completar 10 anos. Tô aqui desde 2008 e, desde então, eu moro aqui no Rio de Janeiro. E aqui eu consegui refazer a minha vida, sou casado aqui, eu tenho um filho e atualmente eu trabalho no *Abraço Cultural* como professor

de francês. Meu contato com o *Abraço Cultural* foi via *Cáritas*, onde eu também atuando apoio na integração de refugiados e solicitantes de refúgio.

**2 - E como é que foi? Você tinha por objetivo vir especificamente para o Brasil ou acabou acontecendo?**

Eu vou dizer assim: que eu fui... foi uma oportunidade que eu tive, que eu digo, assim, se fosse pra escolher mesmo, eu acho que escolheria algum país francófono, um país de língua francesa. Pra ter a oportunidade da cultura, a facilidade da língua, mas só que eu não tive essa oportunidade, a oportunidade foi o Brasil, entendeu? E quando eu cheguei aqui, conhecia poucas coisas do Brasil. As coisas que a gente estudou na história, geografia, tipo assim, Amazônia, Maracanã, esses símbolos, Cristo Redentor, São Paulo, Rio e Brasília, eram as únicas cidades que eu conhecia na época. Nem conhecia a moeda daqui, não sabia que aqui se usava o Real, foi mais uma oportunidade.

**3 - E você veio do Congo?**

Sim, da República Democrática do Congo

**4 - O que você consideraria “integração”? O que baliza a integração e o que significa, também, pra você?**

Por mim, a integração é, integralmente, dominar a língua local, conseguir um trabalho no país que você mora, reside, se adaptar também à cultura local. Isso é o que eu posso considerar como integração.

**5 - E você se considera integrado ao Brasil?**

Sim. Às vezes eu até mesmo digo que às vezes tenho instinto brasileiro, que estou perdendo o africano, a cada vez mais que eu fico aqui no Brasil tô perdendo os tiques, as reflexões, os reflexos africanos e pegando os reflexos brasileiros. Então, eu posso dizer que hoje em dia já sou integrado à sociedade brasileira.

**6 - Quais você consideraria seus laços afetivos com o Brasil? O que você consideraria, por exemplo, que te faz se sentir conectado, sentir carinho pelo Brasil.**

Aí é mais a cultura brasileira. Vou dar um exemplo só das coisas bem simples, como a comida, entendeu? Eu já me adaptei mais nessas coisas assim. Baião de dois... (risos) Eu como quase toda semana... (risos) Churrasco, as coisas assim... Os jeitos das pessoas aqui tratarem as outras, então, são as coisas aqui que cada vez me marca...

**7 - Como se fosse aquilo que as pessoas falam sobre o brasileiro ser carinhoso?**

Isso, é um povo acolhedor, nesse sentido. Acontece muito com a gente, estrangeiro, se perder na rua. Hoje em dia, já, a frequência diminuiu muito, porque tô aqui há muito tempo. Mas no início, quando eu cheguei, acontecia muito de eu me perder. Me falavam, assim, “Vicente de Carvalho”, um nome simples hoje, mas antigamente para memorizar esse nome era difícil. A gente fica esquecendo, então facilmente a gente se perde. Aí pedindo informação pra um brasileiro, eles têm um jeito bem carinhoso de responder, até alguns levam até o local onde você tá querendo ir, então são umas coisas bem específicas do povo brasileiro.

**8 - E você tem planos de permanecer no Brasil, de continuar sua vida aqui?**

Estou já há 10 anos, né? (risos)

**9 - Você falou que é casado, não é?**

Sim. Já sou casado aqui. Tenho filho brasileiro, minha esposa é brasileira, então eu pretendo passar minha vida aqui, a não ser que aconteça alguma coisa de imprevista. Ninguém sabe, né? Mas, nos meus planos, morar aqui no Brasil.

**10 - Você tinha falado que trabalha no *Abraço Cultural* e faz trabalho voluntário na *Cáritas*. No *Abraço Cultural* você está desde quando?**

Desde o ano passado, de 2017. Foi quando eu comecei. O *Abraço* é uma coisa bem recente.

Entrevistada: Maya

Data: 17/09/2018

**1 - Primeiro eu quero pedir pra você me contar, então, como é que foi a sua vinda pro Brasil. Quando, de onde, os motivos...**

Então, eu venho aqui há três anos e dois meses, é, eu tava trabalhando antes na Turquia. É, antes disso eu trabalhava há cinco meses mais ou menos na Turquia. Antes disso eu tava na Síria. Eu fui na Turquia, na verdade, só para comprar uma passagem para vir por aqui. Pra conseguir um emprego, um tempo, um pouco de dinheiro por causa da situação financeira na Síria.

**2 - Você tinha intenção de vir especificamente pro Brasil?**

Sim.

**3 - O que te fez tomar essa decisão?**

Então, eu sabia que o Brasil estava dando visto pros sírios, estava facilitando, é, cooperando com outros países, e isso é muito bom pra mim. Eu tenho passaporte sírio, que é um passaporte quase impossível de conseguir visto para muitos lugares, até antes da guerra, então imagina depois da guerra. Tipo agora, é, até os países que estão perto da Síria não estão dando vistos mais. E aí agora a situação tá piorando, mas na minha época era o começo e eu pensei que era melhor achar um lugar que eu vou sem problemas, é... legalmente.

**4 - E pro Brasil, então, você veio que ano?**

É... 2015.

**5 - E como é que você imaginava que era o Brasil?**

É, eu acho que eu não imaginava muito diferente, na verdade. Mesmo que eu não soubesse muito sobre o Brasil. Sobre as pessoas, por exemplo, que elas são mais alegres, é, que... eu gosto da cultura latino-americana desde sempre, na verdade. Eu gosto muito de espanhol, por exemplo. Por isso eu fiquei pesquisando, mas eu nunca pensava que eu vou vir por aqui, é, pro Brasil. Mas sabe, assim, as coisas básicas, samba, futebol, na Síria as pessoas gostam muito de time brasileiro, por exemplo,

todo mundo torce pro Brasil nas durante as Olimpíadas, porque na Síria a gente não tem time que joga (risos).

#### **6 - E como foi que você chegou ao Abraço Cultural?**

Na verdade, eu sabia sobre o Abraço, no começo, antes deles começarem. É a Cáritas me indicou a esse curso, falaram que ia ter um curso de línguas que ia abrir: “se você quiser, eu posso passar o seu contato”, e assim eu fiz uma entrevista e, dois anos e meio atrás, comecei aqui.

#### **7 - Eu lembro até que saiu no jornal na época, acho que foi no *Extra*... Tinha a sua foto lá, se não me engano...**

Sim, era a primeira entrevista, eu acho.

#### **8 - O que é integração pra você? Integração nesse sentido, de refugiados, que é uma forma como se trata normalmente o processo.**

É... Tipo, como é o processo, como deveria ser...?

#### **9 - Como seria é você e, também, como deveria ser.**

Hum... Eu acho que isso depende também das pessoas, porque, é... Acho que aqui no Brasil você tem mais liberdade com isso, não é igual na Europa, que você precisa ficar num campo com outros refugiados. Aqui você já, mesmo se você não falar a língua, não entende nada, eu acho que você, a pessoa, poderia, o refugiado, poderia procurar um jeito que deixe eles mais perto dos brasileiros do que das pessoas do país deles. Porque tem muitos refugiados que ficam só com as pessoas que são do país deles, e eles aí acabam não aprendendo língua, é, conta muito, eu acho que aqui os brasileiros, eles não te tratam assim... que você é estrangeiro. Você já é brasileiro, eles não ligam, eu amo isso, eu me sinto muito bem com os brasileiros. É... por isso eu falo a língua agora, por causa disso, eu estudei a língua um mês e meio, e o resto é só falando com as pessoas, e eu acho que essa é a coisa mais importante, o ato do refugiado, isso é muito importante. Em outros países fica mais difícil, aí eu não sei como o governo poderia fazer com as pessoas, o que as pessoas dos países poderiam fazer, é... Como na Alemanha, os refugiados ficando num lugar muito longe.

**10 - Então você diria que se sente integrada ao Brasil?**

Sim, me sinto muito.

**11 - E por quê? Se você tivesse que explicar...**

Hum... É difícil explicar, mas eu vou tentar. Não sei, são coisas pequenas, às vezes, que quando saio com amigos brasileiros é diferente do que quando saio com amigos sírios. Especialmente com os meus amigos, porque eu sei que tem brasileiros que têm mentes diferentes, mas eu me sinto muito bem, me expesso muito bem, eu não acho que eu preciso guardar uma coisa porque eu tô com medo da reação das outras pessoas. Por exemplo, lá na Síria eu tinha esse medo dos meus amigos, que eu tava muito perto, eles eram as pessoas mais abertas, mas mesmo assim não era tão fácil. Eu acho que essa coisa era o que tava faltando pra mim. E por isso eu me sinto muito bem integrada aqui, e daqui a pouco vou me sentir brasileira. Eu me sinto brasileira mais ou menos agora.

**12 - E você tem planos de permanecer no Brasil?**

Hum... Essa é difícil, na verdade. Mas eu acho que sim. Eu gosto muito do Brasil, mesmo se eu queria sair daqui por um ano, dois anos, eu vou voltar por aqui. Eu vou sentir muita saudade, eu acho.

Entrevistado: Carlos

Data: 17/09/18

**1 - Eu queria te pedir pra me contar como foi o seu processo de vinda pro Brasil.****Quando foi, como foi...**

Tá, é... Eu sou da Venezuela, cheguei em 2015. É, uau, difícil, é muito aberta a pergunta, tem que ser mais fechada (risos), porque se eu começar a falar vamos ficar aqui até 19h (risos).

**2 - Os motivos para você ter feito isso...**

Eu saí de lá por conta dos problemas políticos, né? Meu país está atravessando uma situação bem complexa, uma ditadura. Os problemas da Venezuela começaram há muito tempo, só que agora é que a gente tá começando a saber aqui, que as pessoas de fora têm condição de saber que a situação tá muito crítica, muito grave. Mas a

situação de lá vem desde 2000, 1999, quando o governo de Hugo Chávez começou, que ele chamou de processo revolucionário, a revolução. E é um problema que vem se agravando com o tempo, eu saí em 2015 por isso mesmo, né, pela situação política do país. É muito difícil conviver com um governo autoritário, um governo que não respeita os direitos individuais das pessoas. Já tinha começado a escassez de produtos básicos e comida, o governo tava intervindo na vida de todo mundo. Por exemplo, no trabalho, eu trabalhava e o governo tava ali, por exemplo, toda hora, todo momento, então eu não queria continuar morando lá porque achava que a situação ia ficar pior. Você já vê quando você começa a perder os seus direitos, não tem nenhum espaço pra reclamar porque tudo é controlado pelo governo, e esse foi o motivo principal, a situação política do país.

### **3 - E você queria vir especificamente pro Brasil?**

Não... Não tenho família aqui, não tinha nada aqui, e não tinha nenhum motivo específico para vir para cá.

### **4 - Eu quis perguntar se você quis vir para o Brasil ou se tinha planos de ir para outro lugar**

Não, é, tipo assim, eu comprei uma passagem para o Brasil e era pro Brasil que eu tinha que vir. Então, assim, é era uma situação que dependia um pouco também da possibilidade de comprar uma passagem, porque comprar uma passagem lá não é tão fácil. Tem que ser comprada no estrangeiro e, dependendo do país que você ia comprar, você tinha mais facilidade de sair pra um país... é uma situação complexa, porque o país tem um controle cambial, ou seja, você só tem a possibilidade de usar moeda nacional, não tem moeda estrangeira. As companhias aéreas vendem as passagens em moeda estrangeira. Beleza, você consegue a moeda seja como for e eu consegui, uma outra história muito complexa. Comprar a passagem com alguém fora também, mandar dinheiro para alguém de uma maneira ilegal, para a pessoa comprar e eu poder sair. Mas dependia de pra onde comprar a passagem você tinha mais facilidade de sair ou não. Tem alguns países que o governo tinha limitado muito a saída dos venezuelanos desde o ponto de vista econômico. Para você viajar você precisava comprar para o governo da Venezuela uma quantidade de dinheiro para você sair, para não sair com as mãos vazias, mas você ia receber mais ou menos. Por exemplo, Colômbia eram 500 dólares que você podia comprar do governo. Você

ia pro Panamá e podia comprar 300 dólares, ia pros Estados Unidos e podia comprar 300 dólares. Para o Brasil, podia comprar um pouquinho mais, então uma das razões foi essa, eu achei que ia ser um pouco mais fácil vir para o Brasil do que para outro país que tinha mais restrições com relação ao movimento das pessoas. E acho que o Brasil tá um pouco mais afastado dos problemas da Venezuela, nesse momento estava um pouco mais afastada. Agora não tá, infelizmente ficou mais... E até hoje, né, com o governo como tá... O nome da Venezuela aparece em todo lugar aqui do Brasil por causa do que aconteceu lá no Norte, uma situação difícil, com muitas pessoas que vieram, teve confusões várias vezes, então é muito complexo...

### **5 - Você veio para qual cidade primeiro?**

Aqui, no Rio.

### **6 - Como é que você imaginava o Brasil antes de vir pra cá? Ouve-se falar muito do Brasil na Venezuela?**

Futebol, carnaval, samba, o estereótipo, assim bem geral. É o que mais tem lá. São países vizinhos, né, mas tem uma barreira muito grande... conhecer bem pouco sobre o Brasil, porque não tem informação, não tem nem o idioma nem pra aprender, não tem nas escolas, tem poucas instituições ou cursos, né, pra aprender português. Então era pouca coisa, né? Assim, eu lia muito sobre, né, assim, quando já decidi “ah, eu vou sair”, eu lia muito, né? “Ah, o Brasil, um país grande, um país em vias de desenvolvimento, um país que tá crescendo. Aí, basicamente era isso, não era nada assim muito específico, muito diferente do que a gente tá acostumado a escutar sobre o Brasil. É, realmente, acho que os nossos países latinos têm muita coisa em comum. As pessoas, de forma geral, são parecidas, mesmo com culturas diferentes, o latino tem uma forma diferente de ser, é uma coisa que te faz identificar mais rapidamente. É, isso eu também achei, e um idioma diferente, uma barreira grande para tentar esquecer um pouco os problemas da Venezuela e tentar começar de novo uma vida, porque realmente quando a gente sai, quer esquecer um pouco, né? Então vai começar de novo, a gente começa de novo, é bem difícil de começar de novo e tentar esquecer tudo isso, mas no final eu já tenho quase quatro anos aqui, né? E não dá pra esquecer, nunca vou conseguir esquecer isso, sempre vai estar com você isso, e mesmo porque a situação de lá não melhorou, *sino* que foi piorando. A minha família tá lá, eu não consigo deixar de pensar neles, porque eu sei que eles não estão

passando bem com essa situação do país. E acabei, tipo, ficando bem mais próximo à situação nos últimos... desde que cheguei, cada vez tem ficado mais próximo da situação da Venezuela por muitas coisas.

### **7 - O que você sentiu quando chegou ao Brasil? Sobre como era aqui...**

Primeiro foi um impacto, né? A diferença, tipo, o idioma, eu achava que ia conseguir entender mais fácil, falar (risos), porque a gente ia pegar tipo um texto na internet e conseguia entender, tem muita coisa parecida. Mas o idioma vai além disso, né, de conseguir entender algumas palavras. É uma situação cultural em que você tem que entender o contexto e o idioma que fala, realmente não é só o idioma.

### **8 - E é muito diferente, também, o que se pode e deve fazer em um lugar, no outro...**

Sim, isso. E, assim, as pessoas são bem mais abertas, a sociedade, a forma de se viver aqui no Brasil. Claro, não posso falar que o Rio é o Brasil inteiro, mas já muitas pessoas me falaram que não é igual em todo o Brasil, cada estado, cada cidade tem uma forma particular, então. Mas assim, aqui é uma coisa bem mais aberta, né? O meu país é um país pequeno, é, também subdesenvolvido, que há muitos anos era um pouco mais próspero e tinha uma perspectiva melhor. Mas ficou ali também, né, 20 anos de revolução que não só levaram 20 anos de atraso a uma sociedade que nem discute o que é homossexualidade, o que é feminicídio, o que, sabe, coisas que hoje em dia no Brasil se está falando muito. São lutas sociais, e meu país não tá nem aí, porque tem uma estrutura que não funciona, que não deu pras pessoas se desenvolverem além do que um país teria que se desenvolver nesse século em que estamos, nesse milênio novo. Então, foi uma coisa, assim, muito... que no começo foi um choque pra mim, sabe, a forma de enxergar as coisas diferente. Mas com o tempo a gente aprende e vê que as coisas são assim, porque as pessoas daqui são assim, vivem com isso, conhecem isso. Tipo o contexto histórico, o contexto cultural que a gente tem que se adaptar e aprender a interpretar, e ver por que que as coisas funcionam, são assim.

**9 - O que é integração pra você? Você falou da língua, que é importante. Quais são os outros fatores importantes, na sua opinião?**

De integração, eu acho que a pessoa, a gente como estrangeiro, tem que tentar entender o porquê as coisas funcionam, sim? Mais que fazer tipo o entorno, entender o porquê eu vim, tem que ver um pouco porquê as coisas funcionam aqui pra eu tentar me encaixar nisso. E às vezes, é, eu sei por exemplo, que tem muita coisa que é desde um ponto de vista político, muitas pessoas acham “não, você nem precisava vir pro Brasil, a Venezuela tá bem, tem um processo que está sendo muito bom, muito falado no mundo”, mas não era isso, sabe? No começo eu ficava muito perturbado com isso, não conseguia entender porquê as pessoas pensavam assim, mas com o tempo consigo ver que são contextos históricos diferentes e cada um vai escrever a história de seu país como melhor considere. Então, hoje em dia eu vejo, né, o porquê as pessoas acham que a Venezuela estava muito bem, mesmo que não está e não é assim. Mas, tipo, entender isso, ver, tentar entender porquê as pessoas se colocam numa posição é bom, eu já fico bem mais tranquilo, sabe, e consigo falar com as pessoas, falar, entender e respeitar a posição das pessoas. Porque realmente eu sou quem vem, as pessoas não foram pra onde eu estava, então tenho que chegar aqui e tenho que tentar entender isso pra começar a fazer parte do meu dia-a-dia.

**10 - E você diria que você se sente integrado ao Brasil?**

Hum... Sempre depende, né? As pessoas sempre perguntam isso e, assim, é, eu tenho amigos, conhecidos, um trabalho e muitas coisas, mas, às vezes é complexo. Porque a gente sempre é o estranho, o diferente, eu vou a qualquer lugar e não falo nada e estou bem, e quando falo: “ah, você não é daqui, você é de onde?”, sabe? Parece que é uma coisa que sempre “você não é daqui”, sempre “de onde você vem, de onde você é?”. No começo também era muito difícil, mas isso faz parte porque eu não sou daqui (risos) e a pessoa tem curiosidade, não tem como frear isso. Ao contrário, tem que saber que sempre vão perguntar isso, tem que ver de uma forma positiva. Porque, assim, a pessoa tem interesse em saber e conhecer, então é normal também, né? Se eu estivesse no meu país e encontrasse uma pessoa que não é de lá e ia perguntar também “e você, de onde é?”, ia perguntar com certeza. Então não pode me parecer estranho que uma pessoa me pergunte “você é de onde?”. Não só com isso, a questão de integração tem a ver também de às vezes todo dia a gente descobre alguma coisa nova, sabe, é, uma coisa nova que você fala “nossa, mas eu

não faria assim”, ou eu não sabia que ia ser assim. É assim, então, tem que aprender isso, e internalizar, e memorizar isso e ver que provavelmente em outra situação vai ser a mesma coisa, então é como um processo que acho que não acaba, sabe, continuar me adaptando às coisas, então... Assim, 100% eu não falaria que tá, é uma mentira. Eu posso gostar muito, eu gosto muito do Brasil, e adoro as pessoas, e o clima e a beleza, é lindo, mas é um processo que acho que nunca vou acabar de me adaptar. Sempre vão aparecer coisas que eu vou ter que ver e aprender.

**11 - Quais você diria que são seus laços afetivos com o Brasil? Você falou que você gosta das pessoas, do clima, mas o que mais que você gosta?**

É... é basicamente isso, as pessoas.

**12 - Mas o que têm as pessoas?**

O brasileiro é legal, é tem uma coisa que é, tipo, uma parte empática, afetiva que é muito grande. A pessoa sempre quer estar ali do seu lado, mesmo se você não pode nem ajudar, a pessoa tá ali, sabe? E eu acho isso bom, acho que talvez em outros países não tenha essa parte afetiva que tem o brasileiro de tentar te apoiar, se juntar, querer saber, vem, vamos, vamos fazer. Isso eu sei que em outros países não tem, não por experiência própria, mas muitas pessoas falam que já viajaram para outros países e infelizmente não é assim, e acho isso muito positivo. E isso faz com que a sociedade seja diferente, seja dinâmica, que é muito polarizada, e isso é bom também, ter muitas opiniões e que a pessoa sempre reclama a possibilidade de falar e de entender, se posicionar em uma situação, mesmo sendo certa ou errada, mas se posiciona. É uma coisa que no meu país estão perdendo com o tempo, então aqui tá vivo. Essa possibilidade, então, eu acho muito positivo e que nunca tem que acabar no Brasil. Além de que é um país que na parte do clima e da natureza me lembra muito o meu país também. Um país tropical e belo, tem praia, tem montanha, tem floresta, então ali eu também fico tranquilo. A comida brasileira é muito boa, basicamente tem muitas coisas que lá também temos, mas a forma da preparação é diferente, tem outros ingredientes que são diferentes que é também bom e já passaram a fazer parte de mim há muito tempo. Se eu tiver que viajar do Brasil no futuro ou viajar pra outro lugar, ou ir pra outro lugar, são coisas que eu vou levar porque foram parte da minha adaptação, já aprendi isso, já vivi, já experimentei, então formam parte de mim.

**13 - E você tem planos de permanecer no Brasil?**

Sim. Eu também tinha intenção de permanecer no meu país, eu não tinha (risos) intenção de sair. Então, assim, claro que sim. Se eu tenho que sair um dia, por algum motivo, por alguma situação, tem que sair. Não posso falar “nunca mais vou sair”, eu nunca falaria isso, realmente, porque acho que faria mais difícil essa situação de sair de um lugar e ter que começar de novo do zero, fazer tudo de novo. Mas, por mim, eu ficaria no Brasil.

**14 - Quais seriam seus planos no Brasil? Tem uma ideia?**

Os planos, uma família, uma casa, filho (risos). É basicamente isso, olhar para... é outra... que, assim, dentro de uns anos, olhar pra trás e ver que as coisas passaram e já acabou as situações que me trouxeram para cá. E ver que isso pelo que eu cheguei aqui já acabou, que não tem mais, e que decidi ficar aqui porque a situação para mim foi realmente bem, realmente boa, e eu achei uma nova família, um novo país onde ficar. Mas seria muito triste chegar daqui a 20 anos e continuar com a mesma situação lá na Venezuela, o mesmo governo, as mesmas preocupações, eu acho que seria terrível, né? Então, não teria muito sentido então sair de lá para ficar carregando e pensando isso por tanto tempo.

Entrevistado: Youssef

Data: 21/09/2018

**1 - Eu gostaria de ouvir seu relato sobre como você veio para o Brasil. Como, por quê, quando...**

Eu vim no Brasil em 2016, agora dois anos. Eu vim no Rio de Janeiro, porque eu vim sem muita organização, eu decidi pra deixar o país, sem muito planejamento. Então, pra mim foi Rio, chegar no Rio, Brasil, especialmente foram os Jogos Olímpicos. Foi muita gente que tava visitando Brasil, então o controle no aeroporto não seria muito rígido, e ninguém me perguntou porque foi os Jogos Olímpicos. É assim. Depois cheguei, também eu queria mudar a vida, porque lá eu trabalhei em um banco, depois a graduação, trabalhei numa empresa também, de telecomunicações. E no momento eu não gostaria de ficar, em seguir a onda, tipo trabalhar com um setor público, a mesma coisa, eu me senti tipo como estou morrendo, né? Tem corrupção no setor

público. Setor privado também, mas público é muito. No momento eu falava que eu tenho que mudar. E mudar, tenho que sair para ver o mundo e tentar minha sorte. Pra Europa foi difícil porque preciso visto. Preciso porque você prova que você vai lá como turista e vai voltar, não fica lá como imigrante. E foi difícil para conseguir um visto. Pra Brasil, sem visto, América Latina não precisa visto, tipo terceiro mundo, país que pode se viver a mesma, uns problemas que são similares. Então, mesmo que você vá deixar o país pra cá, tipo, não um grande vantagem, eles não acham uma grande vantagem pra eles. Então, os objetivos da vinda são diferentes, cada um tem um objetivo, então pra mim foi um, uma coisa mais, tipo eu vou mudar a vida, eu vou tentar de fazer uma coisa que eu gosto. E é assim, eu cheguei aqui sem conhecer ninguém, na verdade, sem falar português, um estrangeiro. Depois, é, comecei a procurar um trabalho, foi difícil, que eu não falava português. Depois comecei a falar um pouco, um pouco, depois de uma ajuda numa igreja em Botafogo, a Igreja Católica São João Batista. Depois a vida se abriu um pouco, mesmo que foi difícil e parece impossível tudo, porque mesmo o Brasil tem alguns problemas, tudo, mas eu tinha um sentimento que vou conseguir depois um pouco sofrimento. É esse sentimento que me ajudou muito a achar, a ficar, tipo, com paciência. Eu lembrei de um dia, eu fiquei na rua antes de conseguir ir na igreja para conseguir um lugar onde morar e onde dormir, e comecei a pensar a isso, “o que eu estou fazendo aqui?”, porque eu cheguei aqui pra ficar nesse, um pouco com... é... então, eu, mas nesse momento eu falo, eu sabia que vou um pouco sofrer no início. Tenho que achar, e que ficar com mais uma motivação porque tudo que tá acontecendo comigo agora, nesse momento, foi normal, não foi uma coisa estranha. Então, isso que me motivou, que me ajudou a passar os dias difíceis. Depois eu trabalhei com comida árabe, trabalhei na rua a vender as coisas, depois comida árabe com as pessoas sírias. Comecei a falar português com o contato com as pessoas na rua. Você tá falando sobre sete horas cada dia, falando com as pessoas pra vender, pra responder às perguntas clássicas. Depois de três meses, quatro, eu comecei a falar. Você sabe, prática ajuda muito, quando você é obrigado a fazer uma coisa, você tem que fazer. Quando eu comecei a falar, isso me ajudou muito, ajudou muito também a pesquisar, a pedir um trabalho aqui no *Abraço*, fazer as seleções...

## **2 - Como é que você descobriu o Abraço?**

*Abraço* foi uma amiga africana, que eu encontrei ela na Cáritas. Eu falei pra ela, esse foi o primeiro dia que eu cheguei na Cáritas, eu falei pra ela que você tá trabalhando aqui, o nome dela é \*\*\*\*\*, da Gâmbia. Ela me falou que tava trabalhando aqui, professora e tudo. Eu falei com ela com muita... Eu falei pra ela que um dia eu visitar lá, no tempo em que eu não falava português. Então, o tempo rodou e tudo, e eu visitei aqui pra pesquisar, e eles me falaram que quando eles precisassem de professores... “Que línguas você fala?”, e eu falei “eu falo árabe, francês e inglês. Um pouco espanhol e agora português”. Ela me falou, Tatiana mesmo me falou, “no dia em que a gente precise, a gente vai te chamar”. Em seis meses ou assim, eles me contactaram “oi, Mohammed, também quero passar as seleções para professor de francês. Você fala francês?”. Eu falei: “sim, eu posso também pra árabe e inglês”. “A gente precisa do francês agora”. Tudo bem, eu passei nas seleções orais e escritas, eu passava lá, foi início do trabalho no *Abraço*.

## **3 - E como que você imaginava o Brasil, antes de vir pra cá?**

É...Eu pesquisei muito na internet, mas pesquisei sobre as coisas boas e as coisas ruins também, pra eu não ficar com choque. É... eu tinha pensado sobre Brasil não com muito preconceito, uma olhada preconceituosa, porque eu pesquisei muito as coisas bom e mal. É... foi, não foi muito diferente. Mas sempre é bom pra viver em um país, porque um país onde você não vive para passar as férias e volta, mesmo de dois meses, três, seis meses, são considerados diferentes. E não é o mesmo país onde você fica, vive, vai para o supermercado comprar as coisas, fala com o povo, é... É uma diferença enorme, tipo as pessoas que estão visitando o Brasil só pra ver Copacabana e ir pra Amazônia, voltar pra Botafogo, beber um café, sair pra Lapa, é... assim... tudo, Sugar [Loaf], Maracanã, Corcovado, eles acham que eles veem o Brasil de uma forma total. Ou que ver também o Brasil durante dez dias, um mês, seis meses, melhor que não vir nunca. Melhor do que uma pessoa que tá lá pensando que o Brasil, eu não sei, mas muda muito a opinião. Você tá vendo uma vida, não, você não está turista mais. Uma vida, você tem uma escolha, assalto, você tem que saber onde você pode pegar seu celular e onde não. Eu fui assaltado um dia com uma arma, então... Eu falava português, então não sei se me ajudou muito ou não, pra não ter mais problemas que só assalto. Então ele falou comigo, eu olhei pra ele, foi tudo como normal, como o povo tá sofrendo. Então, isso é Brasil, um dia bom, um dia mal, você

tá sabendo como viver como um brasileiro, o que fazer, o que não fazer, para não ficar, para não que o povo ver você, outra pessoa ver você estrangeiro. Então, tem que se integrar como cultura, coisas boas e coisas más, para que, é bom pra você, pra sua vida, não bom só pra outro, mas bom para que você vive uma vida que você acha e... ou você pensa que está satisfeito.

#### **4 - O que significa integração pra você?**

Integração... A integração não tem muita complicação para falar com o outro, quando você precisa viver sua vida e ir comprar as coisas para café da manhã, ir, voltar, pegar ônibus, pegar metrô com sua carta de integração (risos), é uma outra integração, mas um segundo ônibus de graça... Essas coisas que uma pessoa não vai saber pra minimizar os custos, para preparar comida na casa, comer em um lugar mais parado que outro, é... se o lugar tá perto não precisa um ônibus, pode andar. Se... para viver sua vida com uma forma normal que ajuda a viver sua vida com uma forma normal, não tem problema com ninguém, ignorar algumas coisas que eles... não vai ajudar você a nada e também não vai ajudar você também pra entrar num discurso inútil. É só deixar e ignorar, porque às vezes você não vai mudar o mundo, vai mudar uma coisa que você não é responsável sobre ela. Você pode se mudar mas os problemas do mundo são muito grandes que você vai ficar concentrado por quê que essas pessoas tão falando sobre isso, estão errados. Tipo, por quê as pessoas vão votar no Bolsonaro e ele tá falando muita coisa errada, não tem como ir para falar pra eles “olha, Bolsonaro falou sobre mulheres grávidas ou sobre o Brasil em crise, falta só chegar os haitianos, bolivianos e blá blá blá”, essas coisas. Não pode convencer as pessoas assim, porque às vezes você... eu encontro umas pessoas muito legais e eles vão voltar nele. É, ele ter falado “seja bem-vindo”, ele é seu amigo, ele te ajuda, mas vai votar nele... é uma contradição, porque a pessoa fala, “seja bem-vindo, você melhor, você é bom aqui se você precisa“, mas ela vai votar para uma pessoa que fala que você é um terrorista do Hamas, você e todos os palestinos (risos).

#### **5 - Como se as pessoas diferentes fossem um problema, não é?**

Isso, você... É, muito... Ou você acha uma mulher que vai votar pra ele mesmo que ele fala que mulher grávida é problema, ou cada mulher pode ser grávida não... um tempo, e não tem direito para pegar seis meses dela. É muita coisa direito dela, quando o mundo tá mudando para as horas do trabalho menos, mais qualidade e

menos horas, porque sempre é importante sobre qualidade e não quantidade. Se a gente vai trabalhar aqui 12 horas, um outro empresa que vai trabalhar menos, com mais qualidade, e sair da cinco, e você vai trabalhar 12 horas, eles vão ficar melhor que outra empresa. Essa coisa mais de qualidade e não, tipo, de quantidade ou... é assim, tem muita coisa que você não pode convencer as pessoas, mas, é... o mundo pode mudar a outra pessoa, mas não precisa. Não precisa.

#### **6 - E você diria que se sente integrado ao Brasil?**

Ah, sim... Eu me sinto, sim. O resultado é assim: eu trabalho aqui, eu dou aula para os brasileiros, às vezes os estrangeiros também, que estão estudando aqui. Então, tô fazendo outra coisa, da outra forma não, como eu falei, não preciso, é... entrar em algumas discussões nos *réseaux sociaux*, no *Facebook*, no *Twitter*, no *Instagram* para o povo, para as pessoas são discussões inúteis. É... não precisa fazer isso, mas aqui você pode fazer, porque isso como professor de francês eu posso me exprimir, ensinar francês bem. Essa é a minha missão, então é bom sempre pra fazer a sua missão. É... eu tenho um *top* salário aqui, então eu tenho uma integração direita aqui. É assim.

#### **7 - E quais você diria que são os seus laços afetivos com o Brasil? Laços afetivos, que eu digo, é assim: o que faz você se sentir participando e trocando com o Brasil. Você acha que teria outras coisas além disso que você me falou, daqui?**

Troca das culturas, das experiências, experiência é muito importante. Quando você fala para um aluno um pouco sobre a sua história, fala pra ele “olha, eu vim aqui, eu não falava português, não conhecia ninguém, eu vim só sabendo que hostel que tá me recebendo. Essa era a única coisa, mas olha, agora eu tô falando português, mesmo que português faça parte das línguas mais difíceis do mundo. Significa que você pode aprender esse francês que você tá estudando. O resultado é assim, eu não falava e tô falando, então o resultado seria, o resultado lógico seria que você tá estudando francês, você depois de um ano ou menos, você pode falar”. Eu não falo “se você não quiser” porque é uma desmotivação, mas só se você tem problema pra não continuar a estudar uma coisa você saiu porque outros problemas... seria um pouco difícil, mas se você estuda, você vai falar francês, que tá assimilando o português, um pouco. Então, essa aí é uma experiência viva de uma pessoa que frente deles, enquanto eles vê isso e ouve isso, ele tá falando depois em pouco tempo. Então

a gente vai falar também. Claro, mais um é igual a dois. Assim, como experiência em total, em que uma pessoa chega em outro país que seja diferente e conseguiu sua vida para que ele vai ficar estável durante dois anos, pra eles também eles ficarão feliz e sabem que tudo pode ser complicado, mas não impossível.

#### **8 - E você tem planos de permanecer no Brasil?**

Eu quero. Não depende de mim sempre, porque estou num país que não é o meu país, mas se tudo vai dar certo, é que o Brasil vai me permitir a ficar mais, eu quero ficar.

#### **9 - E você tem planos pro futuro aqui? Você me falou de terminar o mestrado.**

Isso! Essa é uma porta que eu queria se... abrir essa porta, eu queria estudar. Não sei onde chegar, num doutorado, eu não sei, mas continuar. Não vou perder nada, estudar é sempre bom para conseguir um trabalho no futuro, quem sabe, mas tenho trabalho pra saber mais, para encontrar com outras pessoas, para saber mais, para aprender mais, porque a gente tem que aprender mais, mesmo algumas coisas eu não sei sobre eles. Pode ser que eu tenha preconceito sobre algumas coisas, eu não sei, porque eu não sei, um preconceito inocente porque você não sabe nada e eu quero lutar sobre esse preconceito e aprender mais para saber muita coisa que também estou errado sobre isso. Opiniões, alguma coisa, e encontrar muitas pessoas, e influenciar sobre as pessoas que merecem compartilhar comigo uma história de vida. Enquanto você fala pra algumas pessoas muitas coisas, eles tão aprendendo essa sua experiência. Você também.

#### **10 - É uma troca, não é?**

É uma troca muito boa, sair desse mundo cheio de certeza.